



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

NÚCLEO DE ESTUDOS E AÇÕES EM GÊNERO, EDUCAÇÃO, MÍDIA E
SUBJETIVIDADE – NUGEMS

ENTRE O ESPECISMO E O SEXISMO:
MUDANÇAS PSICOSSOCIAIS
VIVENCIADAS POR MULHERES
VEGANAS

Orientadora: Raquel de Barros Pinto Miguel

Mestranda: Marcele Rublescki Silveira Bressane

Florianópolis, 2023

MARCELE RUBLESCKI SILVEIRA BRESSANE

**ENTRE O ESPECISMO E O SEXISMO:
MUDANÇAS PSICOSSOCIAIS VIVENCIADAS
POR MULHERES VEGANAS**

Florianópolis
2023

Bressane, Marcele Entre o especismo e o sexismo: mudanças psicossociais vivenciadas por mulheres veganas. / Marcele Bressane ; orientador, Raquel Miguel, 2023. 152 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2023.

Inclui referências. 1. Psicologia. 2. Veganismo. 3. Feminismo. I. Miguel, Raquel. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

Marcele Rublescki Silveira Bressane

**ENTRE O ESPECISMO E O SEXISMO:
MUDANÇAS PSICOSSOCIAIS
VIVENCIADAS POR MULHERES
VEGANAS**

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em sete de junho de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Lígia Rocha Cavalcante Feitosa, Dr.(a)
Instituição Universidade do Sul de Santa Catarina (UFSC)

Prof.(a) Patrícia Lessa, Dr.(a)
Instituição Universidade de Maringá (UEM)

Prof.(a) Andreá Barbará S. Bousfield, Dr.(a)
Instituição Universidade do Sul de Santa Catarina (UFSC)

Prof.(a) Maria Alice Silva, Dr.(a)
Instituição Universidade Federal Fluminense (UFF)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Insira neste espaço a
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof.(a) Raquel de Barros Pinto Miguel, Dr.(a)
Orientador(a)

Florianópolis, 2023

Resumo

Nesta dissertação foi discutido a intersecção entre veganismo e feminismo e as mudanças psicossociais que ocorreram em mulheres veganas após a transição ao veganismo. Veganismo, para Felipe (2014) é uma filosofia e uma ideologia de vida que tem como objetivo excluir as formas de exploração animal e o especismo, tanto na alimentação, não comendo as carnes e nem os derivados dos animais-não-humanos, quanto nas roupas, maquiagens, produtos de limpeza e locais de lazer, como zoológico. Para Singer (1975), o especismo consiste no preconceito entre espécies, comunicando que o ser humano é o detentor dos direitos acima dos animais-não-humanos. Já o feminismo é um movimento de mulheres que lutam por diversas bandeiras, entre elas: a luta por direitos iguais aos dos homens, como salários e cargos, fim da violência sexual, psicológica e física contra as mulheres e contra o sexismo. (Haraway e Azeredo, 2011). Sexismo é a discriminação entre pessoas baseada no gênero que elas se consideram ser. O especismo e o sexismo, para Carol Adams (2004), tem sua relação no patriarcado e na detenção de poder dos homens em relação aos animais-não-humanos e as mulheres, decidindo quem morre e quem vive na sociedade. Desta forma, o feminismo vegano vem ao encontro a estas lutas antiespecistas e antisexistas, pelos direitos das mulheres e dos animais-não-humanos. Nesta dissertação, foram entrevistadas quatro mulheres que se consideram veganas há pelo menos dois anos. Nas entrevistas, foram indagadas sobre as mudanças psicossociais vivenciadas após a transição para o veganismo. Mudanças no trabalho, no âmbito familiar, nos relacionamentos amorosos, no corpo e na sua relação com o feminismo. Após as entrevistas, foram realizadas as análises de dados sob escopo da análise de discurso francesa. Nas entrevistas, apareceu um novo conteúdo que não tinha sido explanado nas perguntas, mas que esteve presente nas falas de todas as entrevistadas: o ato de cozinhar. Todas as entrevistadas, após tornarem-se veganas, começaram a gostar mais da cozinha e a prestar mais atenção nos alimentos que ingerem. Na análise, também se discutiu a relação entre as entrevistadas e o meio ambiente, que, após o veganismo, prestaram mais atenção a ele. A relação com os animais-não-humanos foi uma das maiores causas para tornarem-se veganas. Por fim, discute-se a compreensão de feminismo para estas mulheres. Duas delas não compreendem a intersecção entre feminismo e veganismo, uma compreende esta intersecção e a quarta não se considera feminista. Por fim, espera-se, com esta pesquisa, contribuir para discussões acerca da interface feminismo e veganismo, uma vez que este tema é, ainda, pouco investigado.

Palavras -chaves: veganismo, mulheres, psicossocial.

Abstract

The purpose of this Master Thesis was to discuss the connection between veganism and feminism and the psychosocial changes in vegan women after they transitioned to a vegan lifestyle. Felipe (2014) states that veganism is a philosophy and an ideology of life that aims to exclude forms of animal exploitation and speciesism, both in terms of food, not eating meat or derivatives of non-human animals, and in clothes, make-up, cleaning products, and recreational facilities, such as a zoo. In Singer's (1975) view, speciesism consists of prejudice between species, communicating that the human being is the holder of rights above non-human animals. Feminism, on the hand, is a movement of women who advocate for gender equality, such as equal pay and job opportunities, to end sexual, psychological, and physical violence against women and sexism in general (Haraway and Azeredo, 2011). Sexism is the discrimination between people based on the gender they consider themselves to be. According to Carol Adams (2004), speciesism and sexism are related to patriarchy and men's holding of power over non-human animals and women, deciding who dies and who lives in society. In this way, vegan feminism meets these anti-speciesist and anti-sexist struggles, fighting for the rights of women and non-human animals. Four women, who have considered themselves vegans for at least two years, were interviewed for this study. In the interviews, they were asked about the psychosocial changes experienced in their lives after they transitioned to veganism, such as changes at work, within their family and love relationships, in their bodies, and their relationship with feminism. After the interviews, analysis was carried out on the data under the scope of French Discourse Analysis. During the interviews, new content appeared that had not been part of the questions but was present in the speeches of all the interviewees: the act of cooking. After becoming vegan, all interviewees began to like cooking and pay more attention to their food. The analysis also discussed the relationship between the interviewees and the environment: after becoming vegan, they got more engaged in the cause. The relationship with non-human animals was one of the biggest reasons for them to become vegan. Finally, the understanding of feminism for these women is discussed: two do not understand the connection between feminism and veganism, one understands the correlation between these two topics, and the fourth does not consider herself a feminist. Finally, this research is expected to contribute to discussions about the feminism and veganism interface since there is still a lack of study on this topic.

Keywords: veganism, women, psychosocial.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Autora com uma vaca</i>	13
Figura 2: Uma vaca	16
Figura 3: Mulheres trabalhando na Cia Wilson	25
Figura 4: Abate Humanitário com pistola de dardo cativa.....	27
Figura 5: Família pegando comida no caminhão.....	28
Figura 6: Propaganda sexualizando uma porca.....	33
Figura 7: Propaganda corpo de uma mulher dividido em partes.....	34
Figura 8: Propaganda Skol.....	36
Figura 9: Nós sempre comemos carne.....	42
Figura 10: Postagem Sapa Vegana.....	43
Figura 11: Raira Bergamo	47
Figura 12: Vídeo Nataly fazendo maquiagem com produtos veganos	54
Figura 13: Volume de água.....	56
Figura 14: selo vegano.....	59
Figura 15: Alimentos que você não sabia que são veganos.....	61
Figura 16: Anitta e a fazenda do futuro.....	63
Figura 17: Helena Rizzo.....	65
Figura 18: Políticos comendo pastel	66
Figura 19: Programa Fome Zero.....	69
Figura 20: bolo que parece roupas dobradas.....	74
Figura 21: Mini-porco e Cachorro	78
Figura 22: Campanha SVB	80
Figura 23: comentário postagem	81
Figura 24: Dentes de uma vaca	83
Figura 25: Cachorro como acompanhante terapêutico	85
Figura 26: Resposta pesquisa	87
Figura 27: Vaca e seu bezerro separados	90
Figura 28: Doroty Stang	95
Figura 29: Justiça por Dom e Bruno	96
Figura 30: Post Veganismo Joaquin Phoenix	51
Figura 31: Manifestação #Elenao	112
Figura 32: Movimento Vamos juntas?	113

Figura 33: FeminiVegan	114
Figura 34: Vídeo Tempero Drag	115
Figura 35: Beagles e Instituto Royal	116
Figura 36: Kerexu	117
Figura 37: Capa Revista Placar 1996	119
Figura 38: Galinha com patas quebradas	127
Figura 39: Ordenamento da Vaca	129

Sumário

1.	APRESENTAÇÃO.....	13
2.	INTRODUÇÃO.....	16
3.	Da obtenção da carne à libertação das mulheres e dos animais.....	23
3.1	A carne.....	23
3.2	A carne e as relações de gênero.....	29
3.3	Carne e mulheres.....	34
4	CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	43
4.1	Participantes.....	43
4.2	Coleta de dados.....	44
4.3	Análise dos dados.....	44
4.4	Procedimentos éticos.....	44
5 .	ATO DE COZINHAR.....	46
5.1	Ato de cozinhar como hobby.....	47
5.2	Ato de cozinhar como questão estética e cuidados.....	50
5.3	Ato de cozinhar como ato político.....	55
5.4	Ato de cozinhar como trabalho.....	68
6.	RELAÇÕES MULTIESPÉCIE.....	73
6.1	Relação Ser Humano – Animais-não-humanos.....	77
6.2	Relação Seres Humanos – Meio Ambiente.....	89
6.3	Relação Seres Humanos – Seres Humanos.....	96
7.	FEMINISMO E VEGANISMO.....	102
7.1	Feminismos.....	104
7.2	Feminismo nas redes sociais.....	109
7.3	Lugar da mulher.....	114
7.4	Corpo.....	118
8.	CONCLUSÃO.....	127
	REFERÊNCIAS.....	131
	Instrumentos:.....	147
	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	149

O que você tem para falar da vaca?
O que você tem eu vou dizer e não se queixe:
Vaca é sua mãe. De leite.
Vaca e galinha...
Ora, não ofende, enaltece, elogia:
Comparando rainha com rainha
Óvulo, ovo e leite
Pensando que está agredindo
Que tá falando palavrão imundo.
Tá, não, homem.
Tá citando o princípio do mundo!
(Música – Aviso da Lua que menstrua
Elisa Lucinda)

1. APRESENTAÇÃO

Veganismo e mulheres são os temas centrais desta pesquisa, dois universos que muito me interessam, pois sou uma mulher vegana. Contudo, também tenho diversos outros interesses: sou psicóloga, mãe de cachorro e, hoje em dia, uma das atribuições mais importantes: mestranda. Também, sou filha, amiga, leitora assídua. Porém, um dos períodos em que mais mudou meu jeito de olhar e agir diante destes foi quando me tornei vegana.

Sou vegetariana há sete anos, quer dizer, tirei os animais de minha alimentação deste 2015. Em 2020, tornei-me vegana, retirando também os laticínios da alimentação, e removi alguns itens de beleza que fazem testes em animais ou utilizam alguma substância advinda dos mesmos, como algumas marcas de shampoo, maquiagens. Esta experiência possibilitou algumas mudanças em relação aos meus papéis comentados acima. O ser psicóloga modificou, pois, a partir deste momento, eu coloco em todos os meus trabalhos as questões da libertação animal, até no mestrado. A mulher que ama academia, mudou o seu olhar para o seu próprio corpo, admirando-o mais e compartilhando com as pessoas o quanto o veganismo possibilita mudanças em nosso organismo. A filha, que tornou a mãe vegana, e a irmã, que incomoda a irmã para virar vegana. Entretanto, o que mais mudou foi a minha visão de mulher. Tornei-me vegana no momento em que observei as fêmeas de várias outras espécies - como as vacas, galinhas - e as violências que elas sofrem diariamente, como a perda de seus filhotes prematuramente na fabricação de leite ou a perda das suas liberdades, como a galinha que fica presa em pequenas jaulas. Tornei-me vegana ao olhar nos olhos de uma vaca e perceber que tinha muito de mim nela, no momento em que a toco e percebo o quão parecida é com minha cachorra, que tanto amo e trato como família.

Figura 1: Autora com uma vaca



Fonte: Acervo Pessoal

Isto mudou a forma com que comecei a lutar pelos direitos de todas as espécies de fêmeas, tornando-me também, ecofeminista¹, rejeitando toda forma de violência contra todas espécies de fêmeas.

Desta forma, questiono-me se outras mulheres que realizaram a transição para o veganismo também perceberam mudanças em suas vidas, não só na alimentação, mas também em seus diversos e variados interesses. Nasce, assim, meu problema de pesquisa: **Quais as possíveis mudanças psicossociais vivenciadas por mulheres após se tornarem veganas?**

Pretendo com esta pesquisa contribuir com a discussão destes dois universos: veganismo e mulheres, contribuindo no desenvolvimento dos pensamentos feministas veganos e buscando compreender se há conexões entre os dois, tanto na relação social e no poder do patriarcado, relacionando os termos do sexismo e especismo, quanto nas relações psicossociais. Os animais-não-humanos e nós, seres humanos, somos muito parecidos e, por isso, esta relação pode modificar os dois lados, sendo isto que esta pesquisa se propõe a responder: o quanto nós, mulheres, podemos ou não nos modificar ao olharmos para estas semelhanças. Considero enriquecer, assim, os debates sobre a relação entre animais-não-humanos e humanos e tornando-os mais críticos e assertivos, em relação ao ecofeminismo e ao veganismo. A ideia é contribuir, assim, para tornar

¹ O ecofeminismo pode ser definido como uma escola de pensamento que tem orientado movimentos ambientalistas e feministas, desde a década de 1970, em várias partes do mundo, procurando fazer uma interconexão entre a dominação da Natureza e a dominação das mulheres.

pública essa discussão.

Também, esta pesquisa vem diante ao pequeno debate sobre veganismo dentro da psicologia. Realizando uma breve busca em algumas bases de dados (SciELO, BVS-psi e Pepsic), usando os descritores psicologia e veganismo, não foi encontrado nenhum artigo. Com os caracteres: saúde mental e veganismo, também não foi encontrado nenhum artigo, bem como com os descritores psicologia e especismo. Desta forma, esta pesquisa também busca colaborar com a Psicologia, aumentando, assim, suas contribuições na clínica e em qualquer local em que a psicologia possa trabalhar com pessoas veganas.

Nesta pesquisa, será usado o termo “animais-não-humanos²”, pois considero que os humanos também são animais. Assim, “animais-não-humanos” compreendem vacas, porcos, cachorros, entre outros. Compreende-se também o termo ‘pessoas-não-humanas’ para se designar aos animais. Smuts (2002), idealizadora do termo, defende a legitimidade da concepção de que todas as espécies animais são pessoas, e merecem o mesmo respeito e direito entre elas, independente de suas particularidades comportamentais ou emocionais. (SMUTS, 2002). Entretanto, será usado o primeiro termo por ter mais pesquisas que o utilizam, facilitando a comunicação.

² Este termo é usado por diversos autores e filósofos que discutem a relação humano-animal, dentre eles Peter Singer e Chistine Korsgaard. Para Korsgaard, a única diferença entre os seres humanos e os animais-não-humanos é o instinto, no qual os animais-não-humanos o usam para tomar suas decisões e os seres humanos, usam a consciência. Após, esta diferença, muito se assemelham estes seres. Assim, demarcando as similaridades entre eles e reformando o antiespecismo.

2. INTRODUÇÃO

A vaca é um ser divino em algumas religiões, como o Hinduísmo³. Na religião Hindu, preponderante na Índia, a vaca é a grande Deusa Mahadevi, a mãe nutridora de todos os seres, que cultiva a vida. Assim, o animal-não-humano vaca torna-se um ser que deve ser respeitado e adorado. (NETO, 2019)

Figura 02: Uma vaca



Fonte: Google Fotos

Tanto na apresentação, quanto no início da introdução desta dissertação, animais-não-humanos foram mostrados como seres que merecem respeito. Com isso, tenho a intenção de marcar a importância de olhá-los de forma não especista e não antropocêntrica, termos, esses, fundamentais para compreender o veganismo.

Antropocentrismo, para Junges (2001), é a colocação do ser humano, tanto homens quanto mulheres, na parte mais importante da cadeia alimentar, sem olhar e perceber a existência de outros animais-não-humanos e suas necessidades básicas. E consequentemente, esses sujeitos são os usuários e os gestores de tudo que há no planeta, incluindo as espécies e a natureza. A própria etimologia da palavra já indica este fato. Segundo Levai (2010), antropocentrismo vem do grego *anthropos* (o homem) e do latim *centrum* (o centro), sendo este termo usado há mais de dois mil anos. Protágoras, um sofista grego, falava que os seres humanos eram as medidas para tudo, tanto para as regras sociais, quanto para as leis (LEVAI, 2010). Marca-se, assim, uma lógica pautada na superioridade humana em relação aos animais-não-humanos. Para

³ Hinduísmo caracteriza-se como uma religião tradicionalmente da Índia, na qual há um pluralismo de seitas, cultos e deuses. Atualmente, esta religião está presente mundialmente.

Silva e Kuhnen (2015) a diferenciação dos humanos em relação aos animais-não-humanos é a autonomia. Por sempre vistos como autônomos nas suas ações, os humanos são considerados como superiores, assim, podendo comandar os animais-não-humanos que não tem autonomias por suas vidas.

Já o especismo, foi proposto primeiramente pelo psicólogo Richard Ryder, em 1970, mas foi popularizado pelo filósofo Peter Singer, em seu livro “Libertação Animal” em 1998. Para Singer (1998), o especismo é o preconceito em relação às espécies não humanas. Como o racismo e o sexismo, o especismo é a discriminação contra alguns seres, ditos como inferiores ou detentores de menos direitos. De acordo com o autor, isto ocorre quando,

a condição de “senciente” (capacidade de sofrer ou experimentar prazer ou felicidade) é, portanto, suficiente para que um ser vivo seja considerado dentro da esfera da igual consideração de interesses. A crítica ao especismo é especialmente elucidativa para repensarmos atitudes nossas tão arraigadas como saborear a carne de um animal, um interesse muito pequeno quando comparado à vontade de viver daquele animal (SINGER, 1998, p. 25-92).

O especismo pode ser percebido no ato de se alimentar destes animais-não-humanos, como comentado acima, mas também na linguagem verbal. Segundo Cassier (1992), a linguagem demonstra todos os conhecimentos, é com ela que conseguimos compreender muito do mundo, tanto científico, filosófico, quanto social. Contudo, essa linguagem muitas vezes difama outros seres. Para Gonçalves (1989), a sociedade utiliza algumas expressões no dia-a-dia que pressupõe que a espécie animal-não-humana é repulsiva, como por exemplo, o termo ‘vaca’ que significa ‘promíscua’ ou ‘cachoro’ que significa ‘mau-caráter’ e ‘cavalo’, ‘indivíduo mal-educado’. Compreendendo, assim, os animais-não-humanos como seres inferiores. Em algumas ocasiões, ao pensar em uma vaca, não vem no pensamento um ser vivo e sim um adjetivo pejorativo. Isso é uma forma de desmostrar o especismo.

O veganismo tem como objetivo discutir e romper com estas regras sociais: especismo e antropocentrismo. Discutindo, desta forma, de forma ética, como os animais-não-humanos necessitam ser tratados de forma igual aos seres humanos, sem tortura, mortes e crueldades. De acordo com Singer (1998), o veganismo é uma das formas para haver a quebra do ciclo do especismo, pois ao renunciar parar de comer e de usar tudo que vem dos animais-não-humanos, os coloca na mesma posição de importância e respeito que se tem em relação aos humanos e, assim, retirando os

humanos do patamar dos únicos que merecem sobreviver de forma digna e saudável neste planeta.

Colaborando, também há o termo ‘ecoveganismo’, no qual, o ‘eco’ significa todo o ecossistema e a sua importância do olhá-lo. Sendo que a preocupação aos cuidados do ecossistema precisam vir em conjunto com as preocupações aos animais-não-humanos, ou seja, com as preocupações e lutas do movimento vegano (BLUWOL, 2018). Desta forma, é impossível visualizar só o indivíduo, sem olhar o coletivo. Em outras palavras, não há luta pelo animal-não-humano, sem a luta para um ambiente mais sustentável para todos. Aprofunda-se assim, os termos ‘especismo’ e ‘antropocentrismo’, pois, segundo Schulte (2011), os seres humanos percebem a natureza como uma fonte inesgotável de recursos, em que eles próprios podem retirar o quanto quiserem, tendo o poder em cima dela, sendo considerados mais importantes que os outros seres que também necessitam destes recursos. Necessitando haver a educação moral, tese defendida por Silva (2018). Educação moral é “o cognitivo para mudar as relações sociais entre os humanos e a sua relação interespecie” (SILVA, 2018, p 22). É importante que haja uma revolução social que, a partir dos princípios da justiça, as pessoas se solidarizem com os animais-não-humanos, compreendendo que todos tem responsabilidades por eles e pelo planeta.

Contudo, o movimento do veganismo há anos entra nesta discussão. Acredita-se, que o movimento teve início no final do século XVIII (SVB, 2021), promovido por alguns médicos, comerciantes e escritores. Para eles, ao abater um animal, a índole do ser humano torna-se cruel, brutalizando os sujeitos que realizam esse abate, iniciando as discussões sobre o especismo e o antropocentrismo (FERRIGNO, 2012). Assim, desde então, o veganismo, para Magalhães e Oliveira (2019, p. 70), é “definido como conjunto de práticas que tem como objetivo inicial os Direitos dos Animais”, compreendido em relação à retirada de todos os alimentos que têm como base a repressão dos animais-não-humanos, como a carne, leite, ovos, mel, alimentos que usam alguns destes derivados em sua massa, como bolos, salgados em geral. Mas também, no uso de roupas, como jaquetas de couro, utensílios de higiene pessoal, como maquiagens que fazem uso de algum material animal ou testem em animais-não-humanos, bem como ser contra o uso de animais para divertimentos, como o que acontece em zoológicos e touradas. (MAGALHÃES, OLIVEIRA, 2019). Em relação aos direitos animais, Silva (2020), em seu livro intitulado ‘Direitos animais: fundamentos éticos, políticos e jurídicos’, discorre que os animais-não-humanos

necessitam mais que direitos jurídicos, precisam de políticas públicas que lutem pela qualidade de vida, liberdade deles e de entidades que fiscalizem estes processos.

No Brasil, o veganismo tem como orientação legal a Sociedade Vegetariana Brasileira, a SVB, que iniciou seus trabalhos em 2003 (SVB, 2021). Segundo o IBOPE, em sua última pesquisa, no Brasil, 14% da população se declara como vegetariana. Infelizmente, não há pesquisas que demonstrem a população vegana. (IBOPE, 2018).

O salto surpreendente no número de pessoas que exclui alimentos de origem animal de seu cardápio, reflete tendências mundiais consolidadas de busca por uma alimentação mais saudável, sustentável e ética. Por um lado, o reconhecimento dos benefícios de uma alimentação vegetariana para a saúde é cada vez maior, com grandes organizações - como a Organização Mundial de Saúde - se pronunciando sobre os riscos do consumo elevado de carnes. Por outro lado, o crescimento no número de pessoas que opta por excluir as carnes e derivados do cardápio, ou reduzir seu consumo, é impulsionado pela preocupação crescente da população com os impactos de seus hábitos de consumo. Dentre estas, estão as preocupações com o impacto ambiental negativo da pecuária e a indignação com as condições de vida impostas aos animais usados nos processos de produção. De fato, uma pesquisa do Datafolha de 2017 já havia mostrado que 63% dos brasileiros querem reduzir o consumo de carne. (SBV, 2018)

Também, dentro desta pesquisa do Ibope, constatou-se que a maioria das pessoas são veganas/vegetarianas é do gênero feminino. Assim, segundo a pesquisa, 65% são mulheres que optaram retirar os animais-não-humanos de seus pratos. (IBOPE, 2018).

A relação entre mulheres e veganismo vêm de muitos anos. Quando a feminista Mary Wollstonecraft publicou sua obra “A vindication of the Rights of Woman” em 1790, (em tradução livre “Uma reivindicação dos direitos da mulher”), foi rechaçada por um ensaio anônimo, que comentava que conceder direitos às mulheres era tão absurdo como conceder direitos aos animais-não-humanos (KEAN, 1998). Relaciona, pela primeira vez que se tem registro, o quanto as desigualdades entre as mulheres são inúmeras vezes comparadas à inferioridade dos animais-não-humanos.

Para Pedrozo (2015), o feminismo e o veganismo são dois movimentos muito parecidos, pois os dois lutam contra a objetificação.

ao nos aprofundarmos e dissecarmos o movimento feminista e vegano, eles são semelhantes. O veganismo, ou seja, a luta contra a objetificação da vida animal como um todo - também [é percebido na]

aproximação de um dos preceitos fundamentais do feminismo e de sua luta - a luta contra a objetificação da mulher e do feminino (p. 26)

Adams (2012) reitera que o movimento vegano e feminista se interlaçam no mundo patriarcal, que visualiza tanto o animal-não-humano, quanto a mulher, como objetos e não sujeitos.

Nos primeiros anos do movimento feminista, a luta mais marcante era pelo direito ao voto e direitos iguais entre homens e mulheres. Muitas destas mulheres também se consideravam vegetarianas, e também lutavam pelos direitos dos animais-não-humanos. Leah Lemanan salienta que várias das sufragistas (termo usado para referir-se às mulheres que lutavam pelo direito ao voto) eram veganas. Ela própria relata que, ao ser presa, precisou pedir que a carne fosse retirada de sua alimentação. (FERNANDES, 2020)

Se a história oficial dos manuais tende ainda hoje a esquecer oportunamente o feminismo como esse grande movimento que revolucionou as sociedades ocidentais, desafiando antigos estereótipos de gênero e emancipando a milhões de mulheres, o feminismo tem sua própria história interna esquecida: a daquelas sufragistas que lutaram contra a crueldade contra os animais. (PULEO, 2007, p. 72).

E esta luta mostrava-se em diversos locais. No ano de 1990, um grupo de sufragistas canadenses abre um restaurante vegetariano em Toronto, um dos primeiros restaurantes vegetarianos gerenciados exclusivamente por mulheres no mundo. (ADAMS, 2021). A revista vegetariana, “Vegetarian magazine”, no século XX, cria uma coluna sobre a emancipação das mulheres e do voto feminino (ADAMS, 2012). Josephine Donovan (1990, p. 359) revela que “há uma longa lista de feministas que defenderam ou o vegetarianismo ou a reforma pelo bem-estar animal” neste período. Dentre alguns argumentos que as mulheres sufragistas utilizavam para justificar a transição para o vegetarianismo, segundo Leneman (1997), era que o tempo despendido na cozinha ao fazer um alimento sem carne era muito menor, assim, dando mais tempo para as mulheres se dedicarem aos pensamentos críticos e lutas por seus direitos. No final do século XIX, estabeleceu-se a escola de pensamento “Food Reform”, a qual defendia que a carne poderia ser responsável por diversas doenças e que a cura era tirá-las do prato, sendo também uma das razões pelas quais algumas sufragistas tornaram-se vegetarianas. (LENEMAN, 1997)

Em 1974, no livro ‘Feminismo ou Morte’, de Françoise D’Eaubonne, aparece pela primeira vez o termo “ecofeminismo”⁴. Neste livro, a autora descreve ecofeminismo como,

a capacidade das mulheres, como impulsoras de uma revolução ecológica, de ocasionar e desenvolver uma nova estrutura relacional de gênero entre os sexos, bem como entre a humanidade e o meio ambiente. (D’EUBONNE, 1974, p.42)

Neste mesmo período, outra autora que ganha notoriedade é Angela Davis, ativista pelo movimento feminista negro e vegana. Em 2012, a mesma proferiu um discurso na 27ª Conferência sobre o Empoderamento das Mulheres de Cor,

o fato de que podemos nos sentar para comer um pedaço de frango sem pensar nas condições horríveis em que os frangos são criados industrialmente no país é um sinal dos perigos do capitalismo. Como o capitalismo colonizou as nossas mentes para não olhar para além da própria mercadoria, o fato de que nos recusamos a entender as relações que sustentam os produtos que usamos em uma base diária. Como fazemos com a comida [...]. Eu acho que há uma conexão na maneira como tratamos os animais e a maneira como tratamos as pessoas que estão abaixo do todo na escala hierárquica. (DAVIS, 2012)

A união destes dois mundos: sexismo e especismo também é relatada por Brigid Brophy (1996, p. 38), feminista vegetariana:

na verdade, as mulheres no mundo ocidental industrializado são como os animais de um zoológico moderno. Não há jaulas. Parece que as gaiolas foram abolidas. Mas, na prática, as mulheres ainda são mantidas no seu lugar com as mesmas firmezas com que os animais são mantidos nos seus cercados.

Jaulas estas que concretizam o sexismo e o especismo. Jaulas invisíveis e indestrutíveis, que estão presentes no machismo, em que as mulheres não recebem o mesmo salário que os homens. E no especismo, que coloca os animais-não-humanos na

⁴ Lessa, em seu livro ‘Relações multiespécies em rede: feminismos, animalismos e veganismo’, de 2017, descreve que o ecofeminismo reitera que os homens, com a sua obsessão de poder, estão levando o planeta a sua destruição, devastando as florestas para encherem seus “corpos ditos carnívoros”. O ecofeminismo, desta forma, luta contra este poder masculino que objetifica, muitas vezes, as mulheres e a natureza, para haver a conquista de uma sociedade mais igualitária para todos os seres. (Lessa e Toso, 2017, p. 31) Cruzando, assim, com os debates do veganismo, que acredita que é na objetificação do animal e da natureza, em maioria as fêmeas, que haverá a destruição do planeta. Sendo o enfrentamento desta objetificação um de seus objetivos.

posição de alimento, ou seja, jaulas que trancafiavam regras sociais, não permitindo que haja questionamentos entre elas. A importância desta pesquisa está na percepção e reflexão destas jaulas/machismo/especismo em que são mantidas as mulheres e os animais-não-humanos. Corpos sem poder, direitos e liberdades. E a percepção de alternativas para estes cercados, para, enfim, poder iniciar a libertação animal e a libertação das mulheres.

Diante do exposto, ressalto que essa pesquisa teve como objetivo geral, compreender as possíveis mudanças psicossociais vivenciadas por mulheres após se tornarem veganas. E como objetivos específicos: identificar os significados do que é veganismo para mulheres veganas; investigar as razões pelas quais mulheres veganas fizeram a sua transição para o veganismo; investigar as intersecções dos movimentos feministas e vegano para mulheres veganas.

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma: inicialmente há a discussão do referencial teórico, dividido em três tópicos: a carne, a carne e as relações de gênero e carne e mulheres. Após, os caminhos metodológicos e análise das entrevistas. A análise foi dividida em três capítulos: ato de cozinhar, relações multiespécies e feminismo vegano. Ao fim, constará a conclusão.

3. Da obtenção da carne à libertação das mulheres e dos animais

3.1 A carne

A história da carne como fonte de alimentação para seres humanos inicia há 2,7 milhões de anos, com os primeiros homo sapiens consumindo carne vermelha (PICHÍ, 2020). Contudo, nestes primeiros anos, ainda não há o uso do fogo, assim, comiam sobras de carcaças que encontravam nas lutas contra os animais-não-humanos.

O descobrimento do fogo foi crucial na história da carne e, conseqüentemente, na história da sociedade. Após 800 mil anos do início da alimentação com a carne, os homo sapiens aprenderam novas formas de manusear a carne, e, assim, se alimentando mais dela. Segundo Pichi (2020), com a obtenção do fogo, o homo sapiens conseguia preservar mais a carne, podendo, desta forma, estocar o alimento, fazendo o ser humano ficar mais em uma região e não precisar caminhar longos caminhos atrás de comida. Desta forma, tornando-se estável num local, podendo domesticar os animais-não-humanos, facilitando seu manuseio e obtenção de alimento.

Os bovinos passaram a ser domesticados e tudo isso foi em torno de 4,3 mil a 4,4 mil anos no Egito e naquela região da Mesopotâmia, em outras regiões foi, também, aumentando este movimento de domesticar os animais. Foi aí que o gado começou a se agrupar e permanecer em contato com o homem, na região do Nilo. Do outro lado da Mesopotâmia, isto ocorreu perto dos rios Tigre e Eufrates, onde se desenvolveram inclusive raças. (PICHÍ, 2020, p. 25)

Esta domesticação, segundo Pichi (2020), veio através de controle, vigilância e castigo. Controle de barreiras para os animais-não-humanos não saírem dos cercados, vigilância constante, para evitar brigas e fugas e o castigo para aqueles animais-não-humanos que não aprendessem as regras acima colocadas. Com os animais-não-humanos à disposição dos seres humanos, facilitou-se o aumento do número de animais-não-humanos que poderiam ser abatidos, e conseqüentemente, a carne para alimentação dos seres humanos.

A carne também foi um marco para o desenvolvimento dos seres humanos em relação ao seu desenvolvimento físico. Os primeiros indivíduos que aprenderam a caçar, há milhares de anos, precisavam ter alimentos que os fizessem fortes para batalhas, os

mantivessem aquecidos para baixas temperaturas e que durassem até a próxima caça. Assim, o consumo de carne ajudou estas famílias a não morrerem pela grande densidade calórica e nutricional que há num pedaço de carne. (LIMA, 1998)

No século XVII, nas Américas e na Europa, os animais-não-humanos já estavam domesticados e acostumados com a presença humana. Contudo, a criação destes animais-não-humanos ainda era realizada de forma doméstica, com poucos bovinos a cada fazenda. Desta forma, a comercialização da carne ainda era de pequena expressão na economia destes locais. Havia vendas que a comercializavam, entretanto, como elas ficavam nos grandes centros das cidades, muitas pessoas não tinham acesso a elas, tornando o comer carne, nesta época, um grande luxo, por serem caras e de difícil acesso às famílias agricultoras e de baixa renda. Quando estas famílias conseguiam chegar aos mercados, sobravam as carnes mais baratas e menos procuradas, como orelhas de porcos, pés de carneiro, entre outras. Outra forma de acesso à carne para tais famílias, dava-se através de pequenas caças ou da criação de animais em casa para consumo próprio. (BOSI, 2014). Desta forma, para Contreras (2002), a alimentação à base da carne dividia a sociedade, mostrando quais famílias eram mais ricas que as outras, estratificando economicamente e, conseqüentemente, socialmente as famílias desta época.

A partir do século XVIII, a urbanização das cidades e as facilidades de locomoção aos centros urbanos, viabilizou o consumo de carne entre a classe média (RIBEIRO e CORÇÃO, 2013). Assim, a carne se tornou a base da alimentação humana. Segundo Lima (1998), com o aprimoramento da domesticação dos animais, as fazendas aumentaram seu porte e os mercados de carne pediam mais alimentos, já que a demanda aumentava exponencialmente. A classe média melhorava sua alimentação, aproximando-se das classes mais altas, neste período.

Mas a diminuição destas diferenças alimentares e econômicas entre as classes foi notória no século XIX, de acordo com Erichsen (2020), com o aparecimento dos primeiros matadouros públicos. Nestes locais, havia um melhor preparo da carne, pois nos séculos passados, não havia estudos sobre o corte da carne e seu armazenamento. Assim, muitos pedaços de carne estragavam, sendo jogados foras ou até ingeridos, podendo fomentar doenças na sociedade. Os matadouros públicos também aumentaram o número de animais abatidos, crescendo, desta forma, a quantidade de carne ofertada, e, conseqüentemente, a diminuição do valor deste alimento nos mercados. Com isso,

mais pessoas puderam colocar a carne como principal fonte de proteína do seu prato, e com maior segurança alimentar⁵.

Percebe-se, dessa forma, que os matadouros foram ganhando cada vez mais espaço no meio empresarial. Com o aumento do consumo da carne pelas famílias e o pequeno número de pessoas e instituições que lutavam, naquela época, pela causa animal, em prol da saúde e bem-estar dos bovinos e avinos que moravam nestes abatedouros, os matadouros foram se mostrando um excelente negócio rentável. (SELZER, 1996)

No Brasil, o primeiro abatedouro foi criado no século XX,

com a construção do primeiro matadouro-frigorífico nacional, da Cia. Frigorífica Pastoril, instalado em Barretos, SP, em 1913. [...] Consta que a construção foi iniciada em 1909 e que, no ano de sua inauguração, abateu pouco mais de 28 mil cabeças de bovinos e 1,8 mil suínos. Em 1923, a empresa foi adquirida pela Sociedade Frigorífico Anglo, da família britânica Vestey, que mais tarde, em 1927, passou a explorar também a Cia. Frigorífica de Santos. A partir de 1927, o Anglo passaria a exportar carne refrigerada denominada “chilled beef” para o mercado de Londres em navios da “Blue Star Line”, da mesma companhia. No início da década de 1990, os Vestey venderam a indústria, que hoje pertence ao JBS Friboi. (FELICIO, 2013, s/p)

Figura 03: Mulheres trabalhando na Cia Wilson



Fonte: site beef point (2013). Mulheres trabalhando no segundo abatedouro do Brasil, Cia Wilson, em 1971

⁵ a segurança alimentar ocorre quando todas as pessoas têm acesso físico, social e econômico permanente a alimentos seguros, nutritivos e em quantidade suficiente para satisfazer suas necessidades nutricionais e preferências alimentares, tendo assim uma vida ativa e saudável.

A industrialização da carne e o desenvolvimento dos transportes e vias de acesso que ligavam o Brasil, só potencializaram este crescimento. No século XX, a maioria dos brasileiros já tinha acesso a lugares que vendiam carne, de forma higiênica, ou seja, sem doenças aparentes, e com um valor baixo. (HERNANDEZ e ARNAIZ, 2005)

A carne, até a metade desse século, passou por uma valorização muito positiva em termos nutricionais, organolépticas e sociais, havendo um estímulo para o consumo da mesma em todos os estratos sociais, principalmente nas classes trabalhadoras (CONTRERAS, 2002, p.80).

Algo importante para se destacar em relação ao crescimento dos abatedouros são três acontecimentos: primeiro, os abatedouros começaram a estar cada vez mais longe dos centros urbanos, com o objetivo de a população não ver o que acontecia naquele local, e, assim, continuar comprando a carne. Segundo, as mudanças arquitetônicas dos abatedouros, enquanto no começo da história do abate animal, eram realizados em sítios e casas abertas, nos abatedouros atuais, são feitos em locais fechados e fragmentados, para novamente, não serem percebidos. E terceiro, os funcionários de abatedouros não conhecem o trabalho completo, ou seja, cada um faz só o seu trabalho, não conhecendo o todo. Portanto, não dominando todo o abate e nem conhecendo todo o processo de matar um animal-não-humano. Assim, percebe-se que os abatedouros cresceram no Brasil e no mundo na forma de se esconder. Esconder o que há dentro dele. (LUEDY, 2019)

Atualmente, o que é mostrado dos abatedouros é o chamado, ‘abate humanitário’. Costa (2016, p.13) discute que há alguns anos, a população quer saber como é feita a carne e reivindicar melhores tratamentos aos animais-não-humanos que estão no abate, desta forma, criou-se o abate humanitário, que visa ao bem-estar animal⁶ “deste a propriedade rural até a sangria no frigorífico”. Assim, a preocupação com o abate humanitário começa desde a alimentação do animal-não-humano, o transporte dele, até chegar à insensibilização. Esta última etapa é a perda rápida e profunda de consciência do animal. No Brasil, o método mais utilizado é a pistola de dardo cativo,

⁶ Segundo ativistas da libertação animal, como a instituição Mercy for animals Brasil, não há como se ter de bem-estar animal, quando há a morte destes animais envolvida. Se há uma vida retirada, de qualquer forma, não tem o objetivo de bem-estar. Bem-estar para estes ativistas e a percepção de animais em vida e saudáveis. E ademais, há muitas discussões também sobre a real efetivação destas mortes, pois em muitos casos, o animal não morre imediatamente no tiro e, necessitando, morrer, enquanto é cortado.

podendo ser com ou sem penetração, causando, no momento do tiro, a destruição do tecido cerebral, causando a morte do animal-não-humano. (RENNER, 2006)

Figura 04: abate humanitário com pistola de dardo cativo



Fonte: <http://www.carneshigienopolis.com.br/tragetoria.html>

A partir disto, segundo uma pesquisa feita pela Embrapa (2020, s/p) – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária em 2020, o Brasil é, atualmente, o maior país produtor de carne bovina mundialmente,

o rebanho bovino brasileiro foi o maior do mundo, representando 14,3% do rebanho mundial, com 217 milhões de cabeças, seguido pela Índia com 190 milhões de cabeças. Apesar de o país ser o maior produtor de bovinos do mundo, ao adicionarmos a produção de aves e de suínos, o país passa a ocupar a terceira posição mundial no mercado internacional, com uma produção que corresponde a 9,2%, em 2020, ou 29 milhões de toneladas, atrás da China e dos Estados Unidos.

Em relação à exportação, o Brasil é o segundo país do mundo com as maiores taxas: 7 milhões de dólares de exportações. (EMBRAPA, 2020). Segundo a CONAB, Companhia Nacional de Abastecimento, em 2019, a média de carne consumida por brasileiro era de 35,7 quilos anualmente, seguida dos cereais, como o arroz, que tem a quantidade por brasileiro anual de 34 quilos. (CONAB, 2019). Cabe ressaltar que, em relação ao consumo de carne em território nacional, em 2021 houve a maior queda nos últimos 25 anos, ficando 5% abaixo do que nos anos passados. Esta queda tem, entre as suas causas, a alta de preços da carne e a maior demanda dos países, como a China, diminuindo, assim, as carnes ofertadas no Brasil. (EMBRAPA, 2020). A carne continua sendo uma das principais fontes de alimentos para os brasileiros, contudo, a crise econômica – agravada pela pandemia da COVID-19 - tem feito com que brasileiros/as

procurem novos alimentos para substituírem a carne. Segundo o Diário do Nordeste (2021), os frigoríficos, na pandemia, começaram a vender ossos de animais, pescoços de galinhas, pois, de acordo com os donos destes locais, a carne está cara demais, fazendo com que os consumidores não consigam mais comprá-la, tendo, assim, que optar por opções mais em conta. Contudo, mesmo o osso, está sendo vendido por 9 reais o quilo, segundo a reportagem. Desta forma, algumas famílias, em meio à crise financeira que assolou o Brasil por causa da COVID-19, nem o valor do osso conseguem pagar, tendo que partirem aos caminhões de lixo para conseguirem algum alimento.

Figura 05: Famílias pegando comida no caminhão de lixo



Fonte: Site de notícias G1.

Na visão de Mintz (2001), comer é uma das atividades centrais do ser humano, pois neste momento temos escolhas a fazer, como quais alimentos serão ingeridos e como o serão. “A partir da comida que se ingere, pode carregar consigo uma espécie de carga moral” (MINTZ, 2001, p. 32). Moral de como está o país e como ele acolhe as classes que não têm dinheiro para pagar seus alimentos. A carne ainda é, mesmo, com estes aumentos, a escolha da maioria dos brasileiros. Esta carga moral, segundo Carmo (2013), não só demonstra a escolha de alimento da população brasileira, quanto de valores patriarcais embutidos neste alimento.

O consumo da carne é a reiteração do poder masculino em cada refeição. O olhar patriarcal não vê a carne fragmentada dos animais mortos, e sim uma comida apetitosa. Se o nosso apetite reitera o patriarcado, nossas atitudes com relação à prática de se comer animais reificarão ou contestarão essa cultura recebida. Se a carne é um símbolo do domínio masculino, então a presença proclama a retirada do poder de decisão das mulheres. (CARMO, 2016, p. 270)

3.2 A carne e as relações de gênero

No livro de romance, “A vegetariana” (2007), Han Kang conta a história de uma mulher que se tornou vegetariana, ou seja, parou de comer carne. Sua família, principalmente seu marido, não apoiou a ideia. Em um evento, diante da recusa da protagonista em comer carne, seu marido bate nela. Nesta mesma noite, ela sonha com um abatedouro, contudo quem está nos galpões não são vacas e sim, mulheres. Mulheres com sugadores nos seios, para que seus leites sejam tirados, e ela própria está nesse local, caminhando para o abate. E o homem, que segurava a arma para acertar na testa dela, era seu marido. Ao acordar deste pesadelo, percebe-se gelada e fria, como uma carne após ser morta. E se pergunta: quando há violência, quais fêmeas são machucadas?

Para responder a esta pergunta, é essencial que haja a percepção de que as relações de poder que a sociedade institui aos gêneros ocorrem muitas vezes em relação ao acesso e controle dos alimentos. Para Counihan e Kaplan (1998), as mulheres ainda são as que preparam mais alimentos no dia a dia das casas, sendo as maiores responsáveis pela alimentação dos lares brasileiros. Mas, ao mensurar o poder no lar, tanto econômico e de direitos, muitos homens ainda controlam a alimentação feminina, pela ordem do comestível. De acordo com Poulain (2004, p.196), a ‘ordem do comestível’ significa que em muitos lares quem produz o alimento até pode ser a mulher, mas quem come mais, quem come primeiro, ou quem tem prioridade para comer, mesmo tendo pouco alimento, ainda é o homem, compreendendo-se que o sexo masculino precisa de mais força, reiterando que o corpo masculino demanda mais energia que o corpo feminino (ADAMS, 2012). Entendendo-se como um código cultural que não é discutido e sim realizado, parte-se do pressuposto de que os homens precisam de mais força fisicamente, então têm que comer mais, e conseqüentemente, tendo cada vez mais poder em relação à sua família e à sociedade (CONTRERAS, 2002).

Ser homem na nossa cultura é algo que está ligado a identidades que eles reivindicam ou negam – o que um homem “verdadeiro” faz ou não faz. Um homem “de verdade” não come quiche. Não se trata meramente de uma questão de privilégio; é uma questão de simbolismo. Em parte, a masculinidade é construída na nossa cultura

pelo acesso ao consumo de carne e pelo controle de outros corpos.
(ADAMS, 2012, p. 26)

Segundo Aboim (2012), as propostas feministas do século XIX compreendem que uma das formas de ocorrer a desigualdade de gênero é a divisão entre o público e o privado. Sendo que, o privado se entende pela responsabilidade perante família e o lar, e o público, às ruas e aos direitos. Assim, muitas feministas desta época compreendem que as mulheres não têm direitos no espaço público, sendo os homens que as excluem deste convívio, mantendo-as no privado, em seus lares, e afazeres domésticos.

Ao longo dos anos, com várias lutas e conquistas feministas, como o direito ao voto e ao trabalho, as mulheres começaram a participar mais ativamente do espaço público.

Com efeito, em vários contextos do mundo ocidental, as políticas estatais vêm intervindo sobre a família, promovendo o direito das mulheres ao emprego e à participação pública, mas em diferentes momentos e de diferentes maneiras. (ESPING-ANDERSEN, 1990, p. 84.)

É perceptível como o público e o privado vêm em tempos disformes para diferentes mulheres. Enquanto mulheres brancas lutavam para participar do público, mulheres negras pediam para melhorar sua participação no público, pois já trabalhavam, mas de forma insalubre e sem direitos. (ABOIM, 2012) Desta forma, é necessário que se olhe o público e o privado individualmente, sem perder de vista a pluralidade de mulheres e suas diferentes demandas.

A interseccionalidade é uma das formas de compreender tal pluralidade diante do público e do privado. Interseccionalidade, para a feminista negra Kimberlé Crenshaw,

é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 117)

Sendo assim, a pluralidade das mulheres, suas cores, classes sociais, orientações sexuais, religiões são essenciais para a percepção de suas singularidades na história e nas lutas feministas. Para Bento (2019), estudar a interseccionalidade, como uma análise social, é assegurar que haverá estudos e abordagens corretas para populações que não têm seus direitos assegurados e respeitados, tanto no público, quanto no privado. Pois estas pessoas acabam não se percebendo socialmente, não reconhecendo suas potencialidades, diante das injustiças sociais. (TAYLOR, 2000)

Quanto mais mulheres quebrarem esta barreira e reconhecerem suas potencialidades, para adentrar no espaço público e/ou melhorarem sua participação nele, mas desestabilizarão a divisão entre o mundo público (reservado aos homens) e o privado (lugar das mulheres) (MENDEZ, 2011).

Por caminhos sofisticados e sinuosos se forja uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva, mas assexuada, no momento mesmo em que as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial que ocorrem nos principais centros do país solicitam sua presença no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos da vida social, nos teatros, cafés, e exigem sua participação ativa no mundo do trabalho (RAGO, 1985, p. 62).

Segundo Germov e Willians (1998), mesmo as mulheres participando ativamente e cada vez mais do mercado de trabalho, o serviço doméstico ainda está em suas responsabilidades diárias. Para Soraia Carolina Mello, doutora em História, os serviços domésticos ainda não são considerados um trabalho,

resta saber (...) se as mulheres são desvalorizadas socialmente porque encarregadas do trabalho doméstico ou se o trabalho doméstico é desprezível porque feito por mulheres. (MELLO, 2011, p. 115)

Assim, a mulher fica responsável pelos cuidados da casa, dos filhos, do seu marido. Para Bourdieu (2007), as mulheres têm duas características na sociedade: a primeira são as funções domésticas: cuidado, limpeza, organização. Segunda, as mulheres não têm autoridade perante o homem, assim, não podem pedir para ele ajudá-las nas funções domésticas. Sendo função do homem, a obtenção dos objetos e máquinas para as mulheres poderem realizar estes afazeres. O cuidado é com as mulheres e aos homens cabe protegê-las para que isto continue. Como na cozinha, em

que muitas mulheres cuidam da alimentação da família inteira, e alguns homens comem esta alimentação e trazem o alimento.

Entretanto, há um lugar no privado, e mais especificamente no preparo do alimento, em que os homens são bem-vindos e bem quistos: a churrasqueira.

Comi um churrasco excelente preparado por uma mulher, mas significativamente sua casa não tinha homem. [...] Seis noites por semana, as mulheres são responsáveis por servir jantares frequentemente elaborados, mas é o churrasco do domingo à tarde – a única refeição tipicamente feita por um homem - que é a alimentação verdadeira (MIRAD, 1991, p. 56)

O churrasco atribui outro valor ao alimento, da escolha da carne até a sua preparação há etapas, estudos e diversos demarcadores de poder, pois a carne é o grande protagonista de um churrasco e, assim, quem a escolheu também se serve deste protagonismo. O churrasco demarca a socialização e o afeto. O churrasqueiro é quem convida amigos e familiares para prestigiar e, também contribuir com o seu protagonismo (ZAMBERLAN, 2009).

Para o churrasqueiro crioulo não há nada pior do que encontrar-se diante de um ocasional churrasqueiro falastrão que “joga a carne na grelha”, um homem que, sem o respeito necessário pela arte do churrasco, acredita que a disposição do fogo, o tempo de cozimento ou a forma de por a carne sobre a grelha não fazem diferença. Mas não: cada um desses detalhes merece a maior atenção daquele que quer fazer um bom churrasco (MIRAD, 1991, p. 60)

Para Carmo (2013), uma das formas de derrubar o poder masculino, no churrasco e nas cozinhas profissionais, é parar de comer o que simboliza este poder: a carne. Já que as opressões contra as mulheres e os animais-não-humanos derivam da mesma estrutura hierárquica de poder, assim, ajudar a causa animal contribui positivamente para a causa das mulheres contra o machismo e o patriarcado. (ADAMS, 2012). Benney (1983) também confirma isto ao enunciar que, ao reivindicar a liberdade dos animais-não-humanos, conseqüentemente, se luta pela liberdade das mulheres. Portanto, o veganismo, um dos movimentos contra a opressão dos animais-não-humanos, pode contribuir nesta discussão contra o poder masculino, já que as lutas: mulheres e animais-não-humanos, estão interligadas.

Esse cenário de estupro e violência contra o corpo não se restringe à exploração animal. A violência física e psicológica encontra-se também presente no nosso cotidiano, para todo lugar que olhamos vemos corpos femininos se distorcido e subjugados à categoria de produto, muitas vezes comparados aos corpos de animais e a pedaços de carne, pela mídia prostituinte que estupra a imagem do corpo da mulher, coisificando o para o consumo. (BAUB, 2010, p. 199)

Essa sexualização e coisificação do corpo é retratada na antropornografia. A antropornografia é um termo criado por Amie Hamlin, para designar a “sexualização e feminização específicas de animais” (ADAMS, 2012, p. 296). Usando características ditas do sexo feminino em animais-não-humanos que não a usam, “posando como sexualmente disponíveis, como se o único desejo fosse ser desejado por quem as visse” (ADAMS, 2012, p. 296). Para Lessa (2016), a antropornografia mostra animas-não-humanos e mulheres ‘pedindo’ para serem dominados(as) e comidos(as). Como na imagem abaixo, que demonstra a antropornografia num animal: uma porca vestindo uma calcinha vermelha, sua pata está dentro da calcinha, comparando com uma mulher se masturbando. Sexualiza-se, dessa forma, um comportamento, como se o animal-não-humano, a porca, estivesse ali para satisfazer os desejos imaginativos e comparativos do outro.

Figura 07: Propaganda sexualizando uma porca

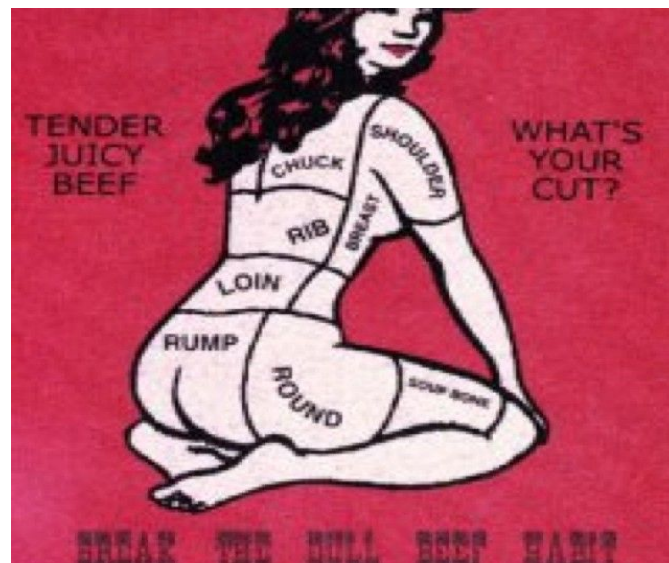


Fonte: Livro “A política sexual da Carne” (Adams, 2002)

A antropornografia também ocorre no oposto, quando as mulheres são colocadas no lugar dos animais-não-humanos, que podem ser cortados, comidos e mortos, com o intuito de sexualizar o corpo das mulheres. Segundo Adams (2012), a sociedade colocou as mulheres e os animais-não-humanos no mesmo lugar de objetos, transformando-os

em um só: objetos/seres, os quais estão sempre disponíveis para uso externo, sem direitos e vontades. Estão na mesma base da economia, tanto as mulheres e os animais-não-humanos, que é movida pela indústria do sexo (LESSA, 2016). Reitera-se o patriarcado, o poder masculino acima da economia dos corpos (ADAMS, 2012). Abaixo, uma imagem de uma mulher de costas com seu corpo com escritos, como lombo (*loin*, em inglês), costela (*rib* em inglês), entre outros. A cada palavra há um corte, sugerindo que o corpo feminino se assemelha com um corpo de uma vaca, que pode ser dividido em partes e vendido e comido separadamente. Como um objeto.

Figura 08: Propaganda corpo de mulher dividido em partes



Fonte: Livro "A política sexual da Carne (Adams, 2002)

3.3 Carne e mulheres

Haraway e Azeredo (2011) compreendem estas narrativas que exploram os corpos animais-não-humanos e corpos femininos como uma comunicação multiespécies. Esta comunicação é percebida nos movimentos ambientalistas e feministas veganos, que aproximam mulheres e animais-não-humanos nas discussões sobre libertação. Um dos efeitos desta aproximação é a luta contra o patriarcado, que objetifica estes corpos, como visto acima.

O patriarcado influenciou algumas das ideias mais fundamentais sobre a natureza humana e sobre nossa relação com o universo, a natureza dos homens e a relação destes com o universo, na linguagem patriarcal. Trata-se do único sistema que até pouco tempo, jamais fora

contestado de maneira aberta, e cujas doutrinas são a tal ponto universalmente aceitas que parecem leis da natureza. (HARAWAY e AZEREDO, 2011, p. 58)

Segundo Felipe⁷ (2014), as mulheres muitas vezes foram comparadas à natureza, justificando sua fragilidade, passividade e até a fúria e, assim, dependente da dominação do sexo masculino. Sendo tanto a natureza, quanto o gênero feminino vistos como “algo que está à disposição para ser explorado, dominado, manejado, controlado e consumido” (ROSA e RAMOS, 2017, p.85).

A opressão que relaciona as mulheres e os animais-não-humanos baseia-se na dualidade de opressão e dominação, e na ideia de inferior e superior. Nesta ideia, as mulheres e os animais-não-humanos sempre são compreendidos como inferiores (LIMA, PAIVA, 2016). O veganismo e o feminismo mostram uma visão alternativa, uma percepção de um mundo no qual ninguém precisa morrer por ter nascido mulher ou um animal-não-humano. (ROSA, 2018).

Carol J. Adams, feminista vegana, escreve em seu já citado livro “A política sexual da carne”, a relação entre o sexismo e o especismo. Nele, a autora colabora com esta discussão com um novo termo: o “referente ausente”. Para Adams (2012), tanto a mulher quanto o animal-não-humano são referentes ausentes na fala e na ação do patriarcado.

Segundo a autora, a carne é um dos demarcadores do poder e, conseqüentemente, dos referentes ausentes. O animal-não-humano é referente ausente na alimentação, uma vez que está no prato, mas é chamado de carne e visualmente já não se parece mais com o próprio animal. Por exemplo, o bezerro, que, quando vira carne, não tem mais aparência de bezerro e nem mais o nome, pois é chamado de vitela. Assim, o bezerro está, mas não está no prato, pois seu corpo está no espeto, mas sua vida não mais. O referente ausente separa o animal vivo com nome e sentimentos ao animal do produto final: teve a morte, o corte, a preparação, a embalagem, toda feita para a descaracterização do animal, contudo, ainda continua sendo um animal-não-humano.

A função do referente ausente é manter a nossa ‘carne’ separada de qualquer ideia de que ela ou ele já foi um animal, manter longe da refeição o ‘múuu’ ou o ‘báaa” (ADAMS, 2012, p. 24)

⁷ Sônia Felipe, doutora em Teoria Política e em Filosofia Moral, com pós-doutorado em Bioética – ética animal, é pioneira na reflexão filosófica prática sobre ética animal e ambiental no Brasil. Autora de “Por uma questão de princípios” (2003); “Ética e experimentação animal” (2007), entre outros.

Adams (2000) comunica que a mulher também é referente ausente quando é sexualizada, em que é vista como um corpo de desejo, como um pedaço de carne. Essa objetificação das mulheres é ilustrada, muitas vezes, nas mais diversas campanhas publicitárias, com destaque para as de cervejas no Brasil. São mostradas mulheres sensualizando, com poucas roupas, com foco no corpo e no objeto cerveja.

tudo é separado: intelecto de sentimento e/ou imaginação; ato de consequência; símbolo de realidade ; mente de corpo. Algumas partes substituem o todo e o todo é sacrificado em favor da parte (ADAMS, 2000, p.101).

Figura 09: Propaganda Skol



Fonte: Google Fotos

Na propaganda acima, no primeiro quadro há uma mulher tomando água em pé, e no segundo uma mulher em pé com os glúteos levantados e o dorso abaixado, empinando os glúteos e tomando cerveja. Assim, esta propaganda exemplifica as mulheres sendo vistas como objetos sexuais, transformadas em objetos sexualizados. (ADAMS, 2002). Lessa e Toso (2017, p.29) criaram o termo ‘bundalização’, sinalizando a divisão do corpo feminino em partes, as sexualizando para a obtenção da “fascinação masculina” nesses pedaços de corpos. Peitos, bundas, coxas disponíveis para o fetiche do homem. Sendo, igualmente o bezerro acima, preparado só para satisfazer o prazer do sexo masculino. O espeto é trocado por um bisturi em cirurgias plásticas, por tratamentos estéticos, voltados para corresponder a um determinado padrão feminino presente na sociedade.

Para Lima e Paiva (2016), depois de separadas - vivo e morto, humano e corpo -, o referente ausente perde sua especificidade, ignorando o animal-não-humano e as mulheres, só tendo importância o que o outro quer ver, utilizar, comer e usar. Por exemplo, num churrasco não é importante o bem-estar do animal-não-humano, ele só é considerado a alimentação e o gosto que aquele corpo pode proporcionar aos humanos. E nas propagandas de cerveja, em que o corpo da mulher é usado para chamar atenção ao produto e, conseqüentemente, ao aumento de venda. Isso é o importante para o patriarcado e para o capitalismo.

Guadagnucci et al (2015) compreendem que estes referentes ausentes contra as fêmeas muitas vezes são naturalizados pela sociedade e pelas próprias mulheres. Para Loureiro (2013), algumas mulheres não enxergam e não questionam as opressões em que vivem, estando impregnadas diante das regras culturais, ditando como elas devem agir, se vestir e se comportar, as absorvendo como naturais e normais. Como os animais, em que não se questiona se aquele alimento é um animal que sofreu ou não, virando só um alimento, sem referência nenhuma de vida e nem de direitos. (ADAMS, 2012)

O movimento feminista-vegano é um movimento que discute estas conexões entre a natureza e o feminino, retirando-as do referente ausente, olhando para os seres e não suas objetificações. Felipe (2014, p. 57) apresenta três colocações sobre o feminismo-vegano:

a primeira, que animais não são ecossistemas, são indivíduos, como cada mulher o é. Segunda, que as mulheres são parte ativa, como consumidoras de produtos e alimentos animalizados, do sistema de opressão, escravização e descarte de animais. Terceira, que a vaca, a porca, a ovelha e a galinha, no galpão de manejo e na esteira da morte, não são espécies de animais. São indivíduos sencientes, como cada uma de nós. O que se faz a cada uma delas é sofrido por ela, não por uma entidade abstrata chamada espécie suína, ovina, caprina, avina ou bovina.

Um dos maiores objetivos para o movimento feminista-vegano é a percepção de que a violência e a opressão contra o animal-não-humano e contra as mulheres estão conectadas, e que só é possível que haja uma libertação quando ocorrer uma incorporação dos movimentos. (ROSA e RAMOS, 2017)

Contudo, o feminismo vegano, ao unir os dois movimentos, deve dialogar com todas as raças, orientações sexuais, identidades de gênero e classe, para assim,

enfraquecer a estrutura do capitalismo e suas opressões. Segundo Robson Fernando de Souza, o veganismo deve ser interseccional, ou seja,

uma versão amadurecida de veganismo que reconhece os inquebráveis elos entre o modo de vida vegano, a luta pelos direitos dos animais-não-humanos e as lutas pela libertação dos seres humanos, em especial das minorias políticas (mulheres, pessoas negras, pessoas pobres, LGBTQs, pessoas com deficiência e neurodiversas, imigrantes e pessoas refugiadas, minorias religiosas e irreligiosas etc. (SOUZA, 2019)

Assim, para este autor, o veganismo interseccional percebe a importância de lutar pelos direitos de libertação animal, mas também pelos direitos de outras categorias vulneráveis (SOUZA, 2019). Oliveira (2014) demonstra que o veganismo significa muito mais que uma justiça animal e, sim, uma justiça social, em que todos que estão em vulnerabilidade, humanos e não-humanos, precisam ser vistos por um veganismo interseccional.

Para haver um veganismo interseccional, a relação do vender e quem pode comprar é essencial, porque o veganismo é, ainda, visto como algo caro, pela alimentação com preços exorbitantes nos mercados, e, assim, indisponível para algumas pessoas, tornando-se um veganismo branco e burguês, sendo assim, contra a interseccionalidade do veganismo. Divide-se, por consequência, quem pode e quem não pode ser vegano na sociedade. Vende-se que o veganismo é só para ricos e que um vegano só se importa com a alimentação (FELIPE, 2014). Nesse sentido, a luta de um veganismo interseccional é por um feminismo-vegano plural, anticapitalista, feminista, de libertação animal e interseccional, e que todos podem comprar e ser.

O movimento feminista-vegano vai além da censura a uma sociedade carnívora; ele censura uma sociedade patriarcal para todas, uma vez que, como vimos, o consumo da carne está associado ao poder masculino (FERNANDES, 2020, p. 258)

Após a colonialidade⁸, segundo Curiel (2010), o poder patriarcal significou dominação, conflito e exploração. A disputa pelo controle das populações fez com que as sociedades se dividissem em quem tem o poder, desta forma, quem domina e dita os

⁸ A colonialidade pode ser compreendida como um fenômeno histórico e cultural que tem sua origem no colonialismo, época maciça de exploração aos escravos e de poder dos países europeus. Contudo, alguns de seus aspectos ainda são percebidos na atualidade, como o poder dos homens brancos, como no racismo e no machismo.

direitos e quem não tem, o dominado e escravo dos direitos. Essa dominação não é só percebida em relação às violências físicas, mas, também, nos produtos, recursos, acesso ao conhecimento e quem come e quem será comido. Muitas vezes, as dominadas e sem direitos são fêmeas. De acordo com Mayra Ferrigno (2011, p. 08), o uso do termo “direito” para se referir aos animais-não-humanos e às mulheres tem suas raízes no século XIX, quando estes indivíduos são vistos como seres que podem e devem ser respeitados. Entretanto, as fêmeas humanas são violentadas diariamente, com medo de andar em ruas escuras e com salários abaixo em relação aos dos homens. E as fêmeas-não-humanas, que têm seus filhos arrancados após nascerem para não poderem usufruir de um leite, que deve ser vendido para satisfazer os humanos, ainda não têm muitos direitos assegurados. (FELIPE, 2014). São formas especistas e machistas de mostrar o poder de uma espécie e gênero.

Há feministas veganas que defendem que é primordial associar o movimento feminista aos estudos da ética animal, ao feminismo decolonial e ao marxismo. Unindo-os, é possível lutar, para as feministas veganas, contra as opressões e dominações. (ROSA, RAMOS, 2017). Segundo Felipe (2014), o movimento feminista-vegano não tem data certa de início, tendo alguns trabalhos publicados há poucos anos. Contudo, ainda é pouco expressivo diante de outros movimentos dentro do feminismo. Para a autora, este movimento é essencial, pois “traz a contribuição ética que faltava nas concepções feministas” (ADAMS, 2014, p. 85).

Alves e Pitanguy (2017) afirmam que o movimento feminista-vegano surge dentro destes movimentos contra diversas opressões, tendo várias frentes dentro de um único movimento e havendo diversas correntes, como o feminismo liberal, marxista, socialista, ecofeminista e veganas. Cada qual, lutando por um mundo mais justo e igualitário (ROSENDO, 2012)

O feminismo-vegano tem como princípio a igualdade, ou seja, contra o poder patriarcal. Contudo, Singer (2013) assinala que esta igualdade não significa que o movimento feminista-vegano quer que todas as fêmeas sejam tratadas iguais aos homens dentro da sociedade, mas sim com a mesma consideração que o sexo masculino tem. Por exemplo, não serem mortas por simplesmente serem fêmeas ou serem exploradas por ter corpos tidos como exploráveis.

A objetificação do corpo feminino e do corpo animal-não-humano, comentado acima, reaparece nas discussões do feminismo-vegano.

A objetualização permite ao opressor ver outro ser como um objeto. Assim, ao tratar como objeto esse ser, o opressor a estupra; exemplo disso é o estupro cometido contra mulheres ao lhe ser negada a liberdade de dizer não, ou o retalhamento de animais, que de seres vivos que respiram são convertidos em objetos mortos. (ABOIM, 2012, p. 86)

Essa objetificação, apresentada nas propagandas, também é percebida na linguagem-verbal. Por exemplo, o termo vaca. Ao olhar o dicionário, segundo Calvacanti e Costa (2017, p.8), touro significa “animal quadrúpede ruminante da espécie *Bos Taurus*”, diferente da vaca que é compreendida como,

(1) animal fêmea do touro; (2, 3) a carne do animal e o prato feito com esse ingrediente; (4) parada no jogo; (5) origem de interesses; (6) peixe designado pelo mesmo significante; (7) relação econômica, na vaquinha; (8) o animal 3 O quadro 1 justapõe as acepções dos dois dicionários tomando o Houaiss como referência por este focar as relações entre os sentidos, o que concorda com o conceito de polissemia. como imagem do jogo do bicho; (9) designação pejorativa para mulher; (10) o animal como imagem de cédula; (11, 12) designação depreciativa para homem e para surfista inapto. (CALVACANTI e COSTA, 2017, p. 8-9)

Percebe-se, assim, a diferenciação entre os dois sujeitos: macho e fêmea, independente de qual animal-não-humano e humano está sendo falado. A diferenciação na linguagem verbal e os sentidos destas falas inferiorizam as fêmeas, sendo que o mesmo não ocorre com os machos de todas as espécies. Também ao se relacionar o termo ‘galinha’, percebe-se a forma pejorativa, pois ao chamar um homem de galo, é percebido um homem forte e imponente. Já ao chamar uma mulher de galinha é um insulto. Algo imoral. (SANTOS, ET AL, 2020)

A objetificação dos corpos reacende outras discussões, como o racismo, pois diante da palavra ‘galinha’ tem-se estes pressupostos. Ao se colocar o adjetivo preta na palavra galinha, assim ficando ‘galinha preta’, aumenta-se o tom de imoralidade do sujeito caracterizado por este nome, ganhando mais preconceito e estereótipos. Essa galinha, além de ser inferiorizada por ser um animal-não-humano, mas também por ser da cor preta. Para Djamilia Ribeiro (2019), o Brasil nunca aboliu a escravidão, assim, reaparecendo em condutas do racismo diariamente, como na palavra preta, que

significa, pobre, traficante, pessoa ruim. Para Almeida (2018), os movimentos contra o racismo nascem socialmente. O racismo sendo uma invenção social do que é raça, e como ela estruturará a sociedade a partir disto, pois só se ouve a forma pejorativa da raça, quando foi colocado que a raça negra é pior. Como o especismo, os animais-não-humanos são reconhecidos socialmente como carne, na qual não se pensa no animal, e sim, no prazer que ele pode ter aos paladares. Assim, os dois movimentos nascem nos preconceitos e pressupostos sociais.

são destacáveis que os negros ainda são rotulados como animais, prática racista para desonrar sua imagem e que legitima a serem objetificados, abusados e mortos. Nesse prisma, ativistas veganos negros combatem esse pensamento ao mesmo tempo que se questionam o porquê de animais-não-humanos ainda serem objetificados, abusados e mortos, pois não faz sentido ancorar nosso respeito e humanidade ao desrespeito de um outro grupo de seres. (MODEFICA, 2017, s/p)

Diante do exposto, há o reforço que a luta contra o especismo, sendo uma das prioridades do movimento feminista-vegano, não pode ser racista. Pois se a luta é contrária ao dizer que uma espécie é superior a outra, como pode-se chegar na compreensão que a raça branca pode ser entendida como melhor que a raça negra? Para se ter uma sociedade não especista, é necessário que seja uma sociedade antirracista. Não se pode pensar que estes dois movimentos não andem de mãos dadas. Estimular esta discussão fará com que o movimento feminista-vegano cresça de forma justa com seus ideais (NERI, 2019).

Figura 10: Nós sempre comemos carne

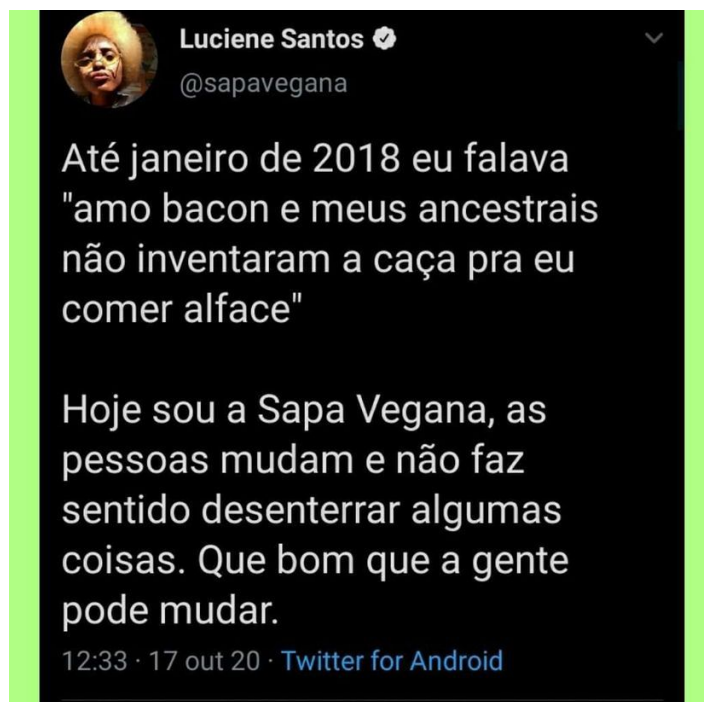


Fonte: Página do Instagram “Veganizadores”

Além disso, o movimento feminista-vegano com intersecção do movimento negro luta passa pela compreensão do veganismo em relação à libertação animal e não só a uma alimentação saudável. Como exemplo do movimento de mulheres negras veganas, que discutem a gastronomia vegana e a política racial, como o perfil na rede social Instagram “Sapa vegana”, que tem 114 mil seguidores⁹, e conta com receitas veganas fáceis e baratas. Em sua “bio” do Instagram, ou seja, como ela se apresenta aos seus seguidores, há a frase: “sapatão, periférica, vegana. Veganismo popular.” (INSTAGRAM,2021). Abaixo, uma postagem da Sapa Vegana, em que fala que seus ancestrais comiam carne. Contudo, atualmente não é mais necessário este alimento, e na legenda desta mesma foto, ela iguala ao escravagismo, em que antes os negros eram escravos, e agora não são mais.

Figura 11: Postagem Sapa vegana

⁹ Dado obtido em dezembro de 2021



Fonte: Instagram SapaVegana. (2021)

Para Weisshermer (2021), todas as opressões estão conectadas de alguma forma, sendo o veganismo uma extensão desta conexão. Assim, mudanças podem ser feitas, seja em relação à alimentação, pensamentos ou formas de agir, visando garantir os direitos dos animais-não-humanos e mulheres. Ou seja, o que antes eram regras, podem mudar, e por que não começar pela alimentação?

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

O método escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa de mestrado é a pesquisa de abordagem qualitativa e de natureza exploratória. O método qualitativo, segundo Moré (2015, p.127), “constitui-se num campo cotidiano de reflexões”, sendo assim, este método compreende as experiências de cada entrevistada e suas próprias reflexões diante dos temas propostos. Já pesquisa exploratória, de acordo com Gil (2008, p. 27), tem como objetivo “desenvolver, esclarecer e modificar

conceitos e ideias”.

Para a compreensão dos objetivos citados acima, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com mulheres veganas.

4.1 Participantes

As participantes do estudo são mulheres que já realizaram sua transição para o veganismo, considerando-se, desta forma, mulheres veganas. Como dito anteriormente, o veganismo é a retirada de todos os alimentos que vêm do animal- não-humano, como carnes e derivados. Também entende-se como veganismo a retirada de produtos que utilizam animais-não-humanos em suas partes ou realizam testes em animais (SINGER, 1998). Desta forma, os critérios de inclusão desta pesquisa foram mulheres veganas que fizeram a transição há no mínimo de um ano, para poder ou não ter sentido diferença em suas vidas decorrentes do veganismo.

As participantes foram escolhidas pela amostragem chamada ‘bola de neve’. Esta amostragem é considerada não probabilística e indicada para pesquisas em que há entrevistados de difícil acesso (VINUTO, 2014). Ela é caracterizada por um primeiro entrevistado, chamado semente. Após sua entrevista, o mesmo indica os próximos entrevistados pela pesquisa, informando contato, interesses e se estão nos critérios de inclusão e exclusão. (BOCKORNI, GOMES, 2021).

4.2 Coleta de dados

Em relação à coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, a partir de um roteiro elaborado pela autora (apêndice A). Segundo Moré (2015), a entrevista é a proposta de um diálogo com as participantes da pesquisa, buscando a compreensão dos fatos a serem analisados no trabalho. Sendo o foco desta análise as experiências vividas e contadas pelas entrevistadas. A entrevista semiestruturada torna este diálogo mais flexível, onde o/a entrevistador/a sempre buscará o protagonismo da participante. (MORÉ, 2015).

4.3 Análise dos dados

Os dados obtidos nas entrevistas foram analisados sob a ótica da Análise de Discurso Francesa (AD), de inspiração pecheutiana, que tem como principal

representante no Brasil a autora Eni Orlandi. Segundo Orlandi (2005, p.15), “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr, por movimento. O discurso é assim palavra em movimento”.

Um dos fatores que constitui o discurso é a relação dos sentidos. Compreendendo-se que um discurso nasce na observação e discussão de outros discursos, tendo-se sempre uma relação entre eles. “Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados e possíveis” (ORLANDI, 2005, p. 39). É nesta relação que há o entendimento da história, dos acontecimentos. O objetivo da Análise de Discurso Francesa é compreender nestes discursos, os sentidos tanto individuais, quanto grupais.

A Análise de Discurso Francesa conversa com esta pesquisa, pois nas entrevistas busca-se a percepção das mudanças das participantes após a transição para o veganismo, revisitando as apropriações delas em relação aos seus próprios discursos, e conseqüentemente, analisando suas histórias e seus sentidos. De acordo com Orlandi (1995, p. 114), “não há sentido possível sem história”. Escutando os discursos das participantes, encontram-se as suas histórias em movimento e os sentidos das mudanças advindas do veganismo.

4.4 Procedimentos éticos

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina e aprovado com o número: 59005922.7.0000.0121. Assim, os cuidados éticos e procedimentos legais foram atendidos, baseando-se na resolução 466 de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, visando o respeito à dignidade, liberdade, autonomia e proteção das participantes da pesquisa.

As mulheres que aceitaram participar do estudo assinaram o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (apêndice B). O Termo foi entregue para todas as participantes e as mesmas leram e retiraram suas dúvidas antes de iniciar a entrevista, para haver a compreensão dos objetivos da pesquisa, bem como as garantias de sigilo, indenização e ressarcimento. Também foi essencial que elas soubessem que

poderiam desistir da pesquisa em qualquer momento e que teriam acesso ao trabalho quando quisessem.

A fim de garantir o sigilo das informações, as entrevistas foram realizadas individualmente. O conteúdo das entrevistas foi gravado e posteriormente transcrito e analisados pela pesquisadora. As quatro participantes moravam em outra cidade, ou estado, ou país, assim, as entrevistas foram realizadas via Google Meets, sendo a pesquisadora, a responsável por enviar o link.

5 . ATO DE COZINHAR

“Nada que fuja ou resista serve para nossa alimentação”.

(Mahatma Gandhi)

Antes de começar a discussão a respeito deste tópico, apresentarei as mulheres que participaram desta pesquisa. Para facilitar a compreensão, as participantes das entrevistas serão chamadas de M (primeira letra da palavra mulher) e seus números consequentemente: M1, M2, M3 e M4.

M1 tem 33 anos, atualmente sua profissão é empreendedora numa empresa de marmitas veganas. Não tem filhos e é de cor branca. M1 é casada, estudou até o ensino

médio e se considera classe média baixa. M1 mora em Tubarão, Santa Catarina e tem 4 cachorros em sua casa. É vegana há três anos.

M2 tem 24 anos, é estudante de Pós-graduação em Educação no Instituto Federal de Santa Catarina, IFSC. Não tem filhos, é de cor branca e considera-se classe média baixa. M2 namora há dois anos. M2 mora em Florianópolis, Santa Catarina e atualmente não tem animais de estimação em sua casa. É vegana há três anos.

M3 tem 39 anos, sua profissão é dona de casa. M3 é casada e tem dois filhos, de 7 anos e 2 anos. M3 é de cor branca e considera-se classe média alta. M3 estudou até a graduação, fez administração, mas não atua na área há oito anos. M3 mora em São Francisco, Califórnia (EUA). Não tem animais de estimação em casa. É vegana há sete anos.

M4 tem 34 anos, é personal trainer e fisiculturista. M4 é casada e não tem filhos. Considera-se de cor parda e de classe média. M4 é graduada em educação física e atualmente cursa nutrição. M4 mora em Florianópolis, Santa Catarina. Tem um cachorro. E é vegana há dois anos e meio.

A segunda pergunta feita nas entrevistas era referente ao significado de ser vegana para cada. Abaixo, as respostas:

M1: Orgulho de ter conseguido. É difícil largar o queijo, o leite. E larguei por eles [animais]. Fico muito feliz.

M2: Vegano é acreditar na possibilidade de uma sociedade sem exploração. Ser vegana não é sobre alimentação. É a conexão de todas as lutas, é o meu ideal de sociedade.

M3: Ser vegana significa vida. Viver sem tirar a vida de um ser. Acreditar que não somos melhores que outros animais.

M4: É um ato de amor. Um ato de amor com o próximo, seja o animal que não será morto, seja com a pessoa, com a nossa terra. Quando não como animais, estou cuidando de tudo.

A partir da apresentação das entrevistadas, será realizada a discussão das entrevistas. Esta discussão será dividida em três partes: 1. O ato de cozinhar; 2. Relações Multiespécies e 3. Feminismo e Veganismo.

Nesta primeira parte da análise, haverá a discussão do ato de cozinhar em todas as versões apresentadas pelas entrevistadas: como um novo hobby de M3, como um ato político de M2, como um novo trabalho para M1 e uma questão estética de M4.

5.1 Ato de cozinhar como hobby

“Seja a voz dos animais!” (Cyrius, 2015)

Romanelli (2006) discorre que o ato de cozinhar pode tornar-se um hobby para algumas pessoas, pois é algo que pode ser feito no momento de folga, nos finais de semana, ligado totalmente ao prazer e ao conforto. Além de conquistar alimentos mais saudáveis, sem tantos conservantes, o que pode acontecer ao comprar produtos industrializados. O preparo do alimento é algo relaxante, diminuindo o estresse e a ansiedade das pessoas que cozinham, e até possibilitando um aumento da rede social deste indivíduo, que pode chamar amigos para dividir suas novas habilidades na cozinha. Halkier (2009) percebe que o ato de cozinhar é muito sutil e delicado, pois necessita do cuidado com os alimentos, como a escolha, a limpeza, mas ao mesmo tempo extremamente complexo, pelas dificuldades de encontrar estes alimentos in-natura e os preparos dos alimentos. Desta forma, é necessário que se olhe para o ato de cozinhar como algo cheio de nuances e formatos. Tão grande é esta proporção que diversos programas novos de televisão têm a aparição do ato de cozinhar, como por exemplo, o ato de ensinar a cozinhar, como a Ana Maria Braga¹⁰ que está nas telas há anos ensinando receitas, assim como há também, grandes reality shows como Master Chef¹¹, que torna o ato de cozinhar uma competição de grande prestígio e rendendo muito dinheiro e trabalho. Contudo, o número de pessoas que enxergam o cozinhar como um hobby é ainda pequeno, mesmo tendo tantas novas informações sobre o cozinhar, formas e apresentações nas mídias sociais. Para Pollan (2004), as pesquisas mostram que a maioria das pessoas gasta somente 27 minutos diários na cozinha, e que preferem pedir em aplicativos de alimentos, como o Ifood¹², e isto ocorre pela complexidade da cozinha, e a falta de tempo dos indivíduos, para olhar e apreciar o cozinhar, não encontrando, assim, o prazer citado acima. Isso ocorreu com as entrevistas também, como confirmam abaixo:

¹⁰ Apresentadora da Rede Globo que apresenta o programa “Mais você”, que tem um quadro de cozinha.

¹¹ Reality show no qual cozinheiros tem provas de alimentos, que no fim tem um ganhador.

¹² Empresa de entrega de alimentos, ligado a restaurantes, que atua neste serviço deste 2011.

M2: Antes eu não gostava de cozinhar, não via lógica. Não sabia fazer nada muito elaborado. Fazia a carne e o arroz todo dia para não morrer de fome, mas só.

M1: Eu comia o que tinha. Muitas vezes era comida de restaurante, para ser mais rápido, para não atrapalhar muito meu dia a dia.

Pollan (2004) reitera que o ato de cozinhar é importante, pois traz memórias afetivas às pessoas, como lembranças de um sabor da infância, um momento agradável em família e, assim, os reintegram ao ato de cozinhar. Igualmente, o ato de cozinhar demonstra nossas diferenças com os outros seres, pois o ser humano é o único que cozinha, prepara, guarda seu próprio alimento, após a invenção do fogo, da geladeira e de utensílios que ajudam este preparo ser mais higiênico e o guardar ser mais duradouro. Assim, o cozinhar também mostra a superioridade humana em relação aos outros animais em que só descascam o alimento e comem, ou comem o pasto que está a sua espera, sem preparo ou armazenamento futuro. Compreendendo, desta forma, que o ato de cozinhar é visto como algo único tanto para os seres humanos como espécie, como único para as famílias, que trazem em suas histórias receitas familiares, cheiros e texturas de alimentos em memórias. Memórias estas que M3 e M2 trazem em suas entrevistas:

M3: Me lembro da minha mãe e avó cozinhando. Cortando, separando os alimentos, do cheiro e carinho que vinham juntos com elas dentro da cozinha. Mas claro, sempre tinha carne envolvida.

M2: Minha família ama churrasco. Então, minha infância inteira foi ver carnes sendo colocadas em espeto. Família reunida ao redor. Todo evento tinha comida. Não me lembro de um evento de família sem comida.

Para Dias e et al (2021), com a pandemia e a diminuição de tempo de ir e voltar do trabalho ou outros compromissos, o hobby de cozinhar voltou para algumas casas. Com mais tempo, as pessoas voltaram a gastá-lo cozinhando e estando com suas famílias, e conseqüentemente, querendo saber mais informações sobre a cozinha, aumentando a audiência dos programas ditos acima, que tem o ato de cozinhar como protagonista. E ao mesmo tempo em que a pandemia de Covid 19 acentuou o hobby de

cozinhar, a ganhadora do Master Chef¹³, na temporada de 2021, apresentou na final um prato vegano no mesmo ano em que a pandemia estava ocorrendo. Ganhando diversos elogios dos jurados do Master Chef por conseguir fazer um alimento sem carne e derivados de animais-não-humanos. Neste mesmo episódio, os chefes de cozinha que votam em quem ganhará o programa, comentam o quão é parecido com o gosto de carne o prato vegano que ela fez, o quão é difícil fazer um prato vegano e a necessidade de começar a ter mais pratos veganos nas próximas edições de Master Chef (YOUTUBE, 2021). O ato de cozinhar aumenta com a necessidade de se aprender novos caminhos não pensados anteriormente na cozinha, como a decisão de não cozinhar mais carne e derivados. O ato de cozinhar também aumenta junto com a necessidade de criar novas memórias afetivas no prato, priorizando, desta forma, o aprendizado e o tempo em que fica na frente do fogão (POLAN, 2003). O veganismo, como opção de mudança no cardápio, por retirar diversos alimentos do ato de cozinhar, faz com que a necessidade de se cozinhar cresça no dia a dia da pessoa, tornando-se rotina, e, conseqüentemente, o hobby cresce nos indivíduos, como aconteceu com M2, que tem diversas outras atividades durante seu dia, mas que para sua rotina para cozinhar.

M2: Atualmente, faço mestrado e meu trabalho é sobre a vivência de mulheres no mercado de trabalho, não tendo relação com o veganismo. Contudo, muitas colegas minhas são veganas, havendo muito esta discussão nas rodas de conversa. Até porque dividimos nossos alimentos quando estamos juntas. [...] sendo algo que iniciou um novo hobby na minha vida: cozinhar.

Isso ocorreu com as outras entrevistadas também, que encontraram, após o veganismo, um novo hobby: a cozinha, como abaixo:

M1: Eu não sabia cozinhar quase nada, antes era só carne e um complemento. Agora me empolgo muito mais. Tanto que nunca tinha pensado em trabalhar com cozinha, e hoje trabalho.

M2: Nunca gostei de cozinhar, agora me empolgo em descobrir novas receitas e formas. Cozinhar virou amor, algo que gosto muito, de reunir pessoas.

¹³ Programa de entretenimento da rede de televisão Band em que colocar diversos cozinheiros amadores para cozinhar. Quem ganhar a competição, leva para casa diversos prêmios.

M3: Cozinheiro muito para meus filhos terem tudo que eles podem comer. Eles querem coxinha de frango, já faço uma de jaca, para eles perceberem que podem comer muito bem. Cozinhar virou algo muito gostoso.

E este novo hobby aparece em novos lugares, não só em reality shows de comida, como também aparece em documentários sobre alimentos, como o documentário Dieta dos Gladiadores¹⁴, sendo este documentário o início para a M4 repensar sobre seus alimentos. Como M4 é fisiculturista¹⁵, a troca para uma alimentação sem derivados de animais foi feita após muitas pesquisas e foi decisivo ao ver este documentário, como fala abaixo:

M4: Não consegui me cegar mais com o que acontece com os animais, e no momento que percebi que conseguiria chegar ao corpo que queria, sem precisar comer e machucar os animais, não fazia sentido comer eles.

5.2 Ato de cozinhar como questão estética e cuidados

“Não comece com uma dieta que terminará em alguns dias. Comece um estilo de vida que durará para sempre.” (Gil, 2020)

O documentário Dieta de Gladiadores mostra o relato de vida de Arnold Schwarzenegger, um dos maiores fisiculturista da história, que há cinco anos tornou-se vegano por sua saúde. Diz em relatos, que quando ele foi fazer exames médicos aos 74 anos, em 2022, nem seu médico acreditou na melhora destes. Antes Arnold tinha alguns problemas como colesterol alto, e esses exames não apresentavam mais estes problemas. E mais importante à Arnold, esta mudança de hábitos para o veganismo teve a melhora em sua saúde e não perdendo sua massa magra, continuando, assim, o crescimento dos seus músculos, cultivados por anos. Arnold, ao conquistar isso e se alimentando de comidas veganas, tornou-se um militante da alimentação vegana para

¹⁴ Documentário de 2019 produzido por James Cameron e Arnold Schwarzenegger, mostra atletas de alta performance que tem uma alimentação à base de plantas, desmistificando que é necessário a ingestão de carne para obtenção de um corpo para grandes campeonatos ou para se ter uma vida saudável.

¹⁵ Praticantes de exercícios físicos com pesos, que visam a modelagem do corpo por meio do desenvolvimento de massa muscular

fisiculturistas, ao descobrir as potencialidades desta cozinha. (VIVASAÚDE, 2022). M4 fala sobre um evento do Arnold que assistiu em que ele falou sobre veganismo:

M4: No último evento, o Arnold Classic, foi realizado numa manhã só para discutir a alimentação vegana, mostrando seus benefícios para o esporte. E estava cheio. Ainda há preconceito no mundo do fisiculturismo, há pessoas que pegam o que sempre funcionou, que é o frango e o ovo. Mas os novos estudos mostram que não precisa ser mais assim.

Neste documentário, também são mostradas receitas e formas de produzir alimentos sem derivados de animais, apontando as proteínas necessárias e como tê-las através dos vegetais. Aumenta, desta forma, a utilização da cozinha para obtenção de alimentos mais proteicos e saudáveis para o corpo, sem maus tratos aos animais-não-humanos. O nome deste documentário também já mostra sua intenção, pois é a apresentação da dieta dos gladiadores, que lutavam na Roma antiga, na qual só se alimentavam de legumes e verduras e, mesmo assim, eram fortes nas batalhas (NETFLIX. 2022).

No Brasil, também outras fisiculturistas estão ganhando massa muscular e campeonatos na cozinha vegana. Como Raira Bergamo, que já participou de sete campeonatos de fisiculturismo e é a primeira campeã wellness natural¹⁶ da competição INBA PNBA natural Bodybuilding¹⁷. A atleta comenta que virou vegana e atleta aos 19 anos, percebendo que poderia construir o corpo que queria sem machucar os animais-não-humanos a sua volta. (INSTAGRAM, 2022)

Figura 11: Raíra Bergamo

¹⁶ Conhecida como a modalidade em que as competidoras são “menos saradas”, a categoria Wellness é uma das mais populares no fisiculturismo feminino brasileiro, tanto entre o público como entre as competidoras. Nessa modalidade, o foco não é um corpo tão musculoso e atlético como o de outras categorias do bodybuilding.

¹⁷ Campeonato realizada pela Liga Brasileira de Fisiculturismo



Fonte: Instagram Pessoal (2022)

Nesse universo, também é possível verificar a existência de influencer veganas que exploram o veganismo nos seus alimentos, como Nataly Neri, que tem 700K na plataforma Instagram. Neste mesmo canal, expõe receitas veganas, com produtos sem derivados de animais-não-humanos. Contudo, outro assunto que Nataly influencia muitas pessoas que a procuram é em relação à autoestima e cuidados, sempre usando produtos veganos.

Figura 12: Vídeo Nataly fazendo maquiagem com produtos veganos



Fonte: Instagram Pessoal (2019)

Autoestima, para Moyses (2014), é a percepção do autoconceito e autoconhecimento próprio do indivíduo, ou seja, como a pessoa se percebe, se olha. E disto, a influencer Nataly discute muito em suas redes sociais, mostrando o quanto ser negra e com seus cabelos dreads a fazem se sentir mais confiante e bonita, consequentemente acreditando em si e tendo uma melhor autoestima. Para Nataly (INSTAGRAM, 2022), se tornar vegana fez com que ela se percebesse melhor com suas atitudes, com suas maquiagens, sua beleza e seu corpo, novamente, contribuindo para a sua autoestima, igualmente para as entrevistadas, que após o veganismo melhoraram sua autoestima.

M4: E sem falar da autoestima que cresce demais!! Quando conheço mais meu corpo e o que ele precisa, acabo gostando mais dele, pois a gente acaba se entendendo melhor. Eu dou o que ele precisa e ele me oferece também. Amo cada vez mais o meu corpo após o veganismo.

M1: Parece louco, mas me acho mais bonita depois do veganismo. Sei lá, como se eu gostasse tanto do que como, que não tem sofrimento, que acabo cuidando mais dele, me apaixonando mais. É muito legal essa relação.

M3: O cozinhar me fez me conhecer mais. Eu amo alimentar bem meus filhos, eu amo cozinhar e me sentir melhor, para mim e para minha família.

Assim, o ato de cozinhar está atrelado ao autocuidado de compreender o que o corpo necessita, e também se atrela ao cuidado com o meio ambiente, como M1 e M4 falam abaixo:

M1: Pesquisando mais profundamente sobre o meio ambiente, percebi que só trocar a sacola de plástico ou o canudo não adianta. O agronegócio mata muito mais o meio ambiente, para engordar a vaca e depois vender ela.

M4: Acho engraçado quem não usa canudo de plástico para não machucar as tartarugas, mas come peixe. As pessoas não percebem a ligação de um com o outro. Para ajudar a tartaruga não podemos comer o peixe e mexer com a estrutura do oceano, onde ela mora. Para realmente cuidar do meio ambiente, precisamos parar de comer carne.

O movimento da sustentabilidade no ato de cozinhar ainda é novidade, mas o termo sustentabilidade é antigo. De acordo com Sobrinho (2009), o termo desenvolvimento sustentável é usado desde 1987, no relatório de Brundtland, e culmina na utilização pela ONU, nos objetivos de desenvolvimento sustentável em 2015. O desenvolvimento sustentável é a relação entre a economia e o meio ambiente e as tentativas de um equilíbrio entre estas duas, como, por exemplo, o alimento. O alimento é vendido em supermercados, aplicativos, restaurantes, ou seja, é uma importante fonte de economia para estes lugares. Mas também é necessário que se olhe para o impacto ambiental de plantar aquele alimento. Desta forma, o desenvolvimento sustentável do alimento é olhar a economia que ele proporciona e como é realizado o plantio, buscando ter menos impactos ambientais, cooperando, assim, com o meio ambiente e a economia. Um dos objetivos do desenvolvimento sustentável é a cooperação da geração presente com a geração do futuro, ou seja, as pessoas que moram no planeta Terra atualmente conseguirem sobreviver, se alimentar, cuidar bem do planeta, para ter moradia para as futuras gerações, possibilitando, que agora e no futuro os seres humanos tenham uma vida digna em relação ao desenvolvimento econômico, social, alimentar e cultural. (Sobrinho, 2019) Entretanto, de acordo com Sen (2018), quando se pensa sobre desenvolvimento econômico não há possibilidade para a sustentabilidade. Pois, num mundo capitalista onde há a exploração e o domínio de posses e valores, o meio ambiente não consegue ter espaço, sendo uma das partes fracas, perdendo no equilíbrio do desenvolvimento sustentável para quem quer mais dinheiro.

Como possibilitar que os seres humanos, “agora e do futuro”, possam obter ‘um nível de desenvolvimento social e econômico e de realização humana e cultural’, como afirma o relatório, propiciando, ‘ao mesmo tempo’, a utilização ‘razoável dos recursos da terra e preservando as espécies e os habitats naturais’, se todos os RECURSOS sob e sobre o planeta – seres vivos, humanos e não humanos, inclusos – são tratados exatamente como recursos a serem literalmente EXPLORADOS para ampliar a acumulação de capital, sendo a perda de vida desses seres e a degradação ambiental tratadas como meras externalidades do referido processo? (NUNES, 2020)

Para exemplificar mais a sustentabilidade x o desenvolvimento econômico no ato de cozinhar, segue abaixo uma imagem retirada do livro “Comendo o planeta” da Sociedade Brasileira Vegetariana (2015), que expõe a quantidade que, anualmente,

gasta-se de água para manter um animal que será servido e preparado nas cozinhas. E após, as falas de duas entrevistadas que mostram o quanto o meio ambiente é modificado para se ter estes alimentos:

Figura 13: Volume de água



Fonte: Livro “Comendo o planeta” (2013)

M2: Não tem como cuidarmos do meio ambiente, comendo animais.

Primeiramente é necessário pensar na quantidade de água que é usada para estes animais [na produção]. São litros e litros para se ter um animal. Enquanto, milhares de pessoas sentem sede. Assim, há uma imensidão de pessoas que sentem sede e outras ganhando dinheiro devido à exploração de animais e meio ambiente.

M1: Empilham animais, como gostar disso? O agronegócio faz pensarmos que é bom para o mundo ver. O agro é pop, como diz na propaganda, mas ele não é não. O agronegócio não ajuda os animais e não ajuda os seres humanos.

5.3 Ato de cozinhar como ato político

“Comer é um ato muito mais filosófico do que fisiológico. Além de nutrir seu corpo, a comida expressa sua opinião política, social e cultural.” (Pirazzo, “s.d”)

O desenvolvimento econômico está presente também no agronegócio, que como M1 comenta é dito como “pop, tech e tudo”¹⁸, pois só no mês de abril de 2022 o agronegócio no Brasil exportou 14,9 bilhões de reais. Já as importações foram de mais de um bilhão em 30 dias, deste mesmo mês, sendo uma das atividades econômicas mais fortes e produtivas brasileiras (GOV, 2022). A agricultura no Brasil começou a se modernizar nos anos de 1980, utilizando mais máquinas do que mão de obra humana. Assim, aumentando mais o seu ganho, pois conseguia ter mais plantações e animais com menos tempo de cuidados, como também a diminuição na folha de pagamentos, sobrando mais lucro para os empresários. Une a agricultura com a indústria (o meio ambiente e as máquinas), criando a expressão ‘industrialização da indústria’ no final do século XIX. Já a ideia do agronegócio é a radicalização, pois diminuiu o lado agrícola e potencializa a indústria, aumentando o local de trabalho, tendo-se, desta forma, grandes indústrias que gerenciam a agricultura, com o aumento das exportações. A indústria agrícola foi crescendo e esquecendo dos pequenos latifundiários, tornando o agronegócio um grande negócio no Brasil (HEREDIA, ET AL, 2010). M3 e M2 falaram sobre o agronegócio em suas entrevistas:

M3: O agronegócio é uma grande exploração aos animais. Ganha-se muito dinheiro, matando e machucando os animais. Sem falar o quanto eles maltratam a natureza para conseguir isso. E ninguém pensa, parece. Eu mesma demorei.

M2: A exploração animal está junto com a exploração do ser humano. Não tem como pensar em uma sem intercalar com a outra. O capitalismo faz a gente acreditar que o dinheiro é a única consequência que importa, mas não é! Ok, o agronegócio ganha muito dinheiro, mas quanto fica no Brasil, quanto ajuda o Brasil? Vejo muito mais desgraça vindo com o agro.

Entretanto, se a ideia é o dinheiro que se pode ganhar em cima desta sustentabilidade, é importante perceber o aumento de pessoas que estão se interessando pela face da sustentabilidade no ato de cozinhar, que alinham o prazer do alimento com o cuidado ao meio ambiente, para quebrar esta prevalência da economia na sustentabilidade. E, desta forma, o número de pessoas que estão se tornando veganas

¹⁸ Referência à uma propaganda da rede Globo que fala que o agro é pop, é tech, é tudo.

está aumentando, acreditando que esta pode ser uma das formas de aliar o ato de cozinhar a uma forma mais sustentável. Na pesquisa do IBGE de 2018, constatou-se que 14% dos brasileiros se consideram vegetariano, não comendo carnes animais. Em outras localidades, como São Paulo, este número aumenta para 16% das pessoas. No Brasil, este número teve um aumento de 75% em relação ao último censo de 2012. Aos que ainda comem carne, dois a cada três entrevistados aceitariam diminuir um pouco o consumo de carne se tivessem mais acesso aos alimentos veganos e se estes fossem mais baratos (SBV, 2020). O site Veganbusiness (2021) informou que houve um aumento de 16% entre os anos de 2019 e 2020, na procura pelo selo vegano na sociedade brasileira vegetariana. O selo vegano foi criado em 2013, com o intuito de facilitar as pessoas que não querem comer derivados de animais e escolherem seus produtos, e deste então já conta com 2.800 itens com o selo no mercado brasileiro.

Figura 14: Selo Vegano¹⁹



Fonte: Google Imagens (2022)

Um das possíveis razões para o aumento de procura das empresas por produtos veganos é a demanda alta que há no Brasil e poucas empresas que ofertam estes alimentos (SEBRAE, 2020). Ou seja, há ainda muitas pessoas procurando produtos veganos nos supermercados e não os encontrando. Desta forma, até grandes empresas fizeram produtos veganos por perceberem este hiato, como a Hellmans²⁰, que criou uma maionese vegana, e a Seara²¹, que criou uma linha só de produtos veganos, chamada de 'incrível', que produz kibes veganos, iscas de peixes veganos e hamburguers veganos.

¹⁹ Segundo a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB), são consideradas veganas aquelas empresas que não utilizam nenhum insumo de origem animal e nem fazem testes com eles. A entidade criou um Selo Vegano, usado para certificar os empreendimentos que respeitam estes princípios.

²⁰ Empresa criada em 1903 que produz maioneses.

²¹ Empresa alimentícia criada em 1956 que tem como foco produtos de origem animal.

Todo este aumento também é por causa da grande renda financeira que os produtos veganos dão para as empresas. De acordo com o relatório da Grand View Research, o mercado global vegano foi avaliado em US\$ 12,69 bilhões no ano de 2018, e tendo uma previsão de aumento de 9,6% de 2019 a 2025. Novamente a economia aparecendo na sustentabilidade do ato de cozinhar. M3 mora nos EUA e mostra em sua fala como os produtos veganos aparecem aos consumidores nos supermercados americanos:

M3: Aqui nos EUA tem muita comida vegana. Vou nos supermercados e tem vários alimentos ditos como veganos e o mais legal que em destaque a palavra ‘vegan’. Mostrando que eles querem que o consumidor veja que eles são veganos e que produzem coisas veganas. E quando vou ao Brasil, a mesma coisa, tem muito mais alimentos nos supermercados com o selo vegano. Fico muito feliz.

Já M1 que mora no Brasil, relata sobre estes produtos no Brasil e as vendas deles em sua empresa:

M1: Tinha muito medo se conseguiria me manter vendendo comidas veganas. Mas atualmente, consigo me manter e até meu marido começou a trabalhar comigo nesta área. E o que acho mais curioso, vendemos também para pessoas que continuam comendo carne, pois dizem que é gostoso e saudável. Então, fico mais feliz ainda, que o meu negócio pode tornar algumas pessoas veganas.

O prato do brasileiro sempre é lembrado por um churrasco, ou um arroz e feijão com acompanhamento da carne, ou aquele peixinho na beira do mar. Há a percepção que todos os alimentos são feitos de animais-não-humanos e não há escapatória. Comprovando estas dificuldades, no Youtube, quando é colocada a palavra vegano, um dos primeiros vídeos que aparecem é “O que eu como num dia vegano” da Nataly Neri (YOUTUBE, 2022). No google, também se mostram estas dúvidas. Em uma pesquisa com o termo ‘vegano’, os primeiros resultados são: ‘o que é vegano?’ e ‘o que come um vegano?’ (GOOGLE, 2022). Como já dito anteriormente, a base da alimentação vegana é composta por legumes, verduras, frutas, leguminosas e grãos. Ou seja, muitos alimentos que estão na alimentação de várias pessoas, mesmo que comam carnes e

derivados. Neste mesmo ponto, Larissa Maluf, que trabalha na Sociedade Vegetariana Brasileira, postou em seu Instagram alimentos que são veganos e todos comem, como: pipoca, paçoca, batata frita, mostrando, desta forma, que a cozinha não precisa se restringir a um único alimento.

Figura 15: Alimentos que você não sabia que são veganos.



Fonte: Instagram Larissa Maluf (2016)

Com as mulheres entrevistadas não foi diferente, pois quando se tornaram veganas perceberam que muitos alimentos já faziam parte de seus hábitos alimentares:

M4: Eu pensei que seria muito mais difícil meu corpo se acostumar ao veganismo. Mas foi bem tranquilo. Muitas coisas, eu já comia, só aumentei a utilização delas. Como vegetais, sempre gostei. Assim, aprendi a fazer de formas diferentes e aprendi a gostar até mais deles.

M1: Gosto de comer mais agora, olho o alimento mais feliz, sem sofrimento que antes ele continha.

M4: Agora como com muito mais prazer, entendo mais dos alimentos. Olho uma cenoura e penso milhões de potencialidades que tem ali.

M3: Meus filhos dizem que não querem comer animais, que querem comer coisas que fazem os animais serem felizes. Olhamos a comida como algo maior, não só o alimento para nos nutrir.

Com este aumento de pessoas tornando-se veganas e vegetarianas, novas preocupações vêm à mente, como, por exemplo, conquistar as proteínas numa alimentação à base de plantas. E assim, o Conselho Federal de Nutrição criou a primeira pós-graduação em nutrição vegetariana e vegana no Brasil, pelo aumento de demanda e conseqüentemente pelo aumento de profissionais de nutrição em busca de conhecimento nesta área para melhor atender seus clientes veganos. (CFN, 2015). O ato de cozinhar com comidas veganas tem diversas semelhanças, como visto acima. Por exemplo: arroz e feijão. Contudo, há novos alimentos neste cozinhar, como jaca, falafel²², entre outros. Assim, conhecê-los é imprescindível no ato de cozinhar vegano, como confirma M4:

M4: Sou formada em Educação Física e trabalho há anos como personal, mas acredito que para criar um corpo forte e saudável, a alimentação é essencial. Quando me tornei vegana, percebi a necessidade de poder explicar corretamente todos os pontos nutricionais para as pessoas perceberem que a nutrição vegana é excelente para atletas, como eu. Por isso, que comecei a fazer nutrição. Mas ainda na faculdade é muito ultrapassado, precisamos trabalhar muito, mas, com certeza, já está bem melhor que antes.

As empresas que estão lidando exclusivamente com a alimentação vegana também estão sendo criadas e aumentando seus empreendimentos, como é o caso da Fazenda do Futuro, empresa voltada para alimentos veganos desde 2019 no Brasil, que tem como missão:

Nossa visão está voltada para o futuro — e podemos prová-lo! No maravilhoso país das maravilhas feitas de plantas do futuro, mais lembranças alimentares serão criadas em volta das refeições à base de plantas. Vamos olhar para trás, lembrar de como comíamos e falar: Sério? Achávamos que comer assim era aceitável? Com pessoas como você participando do “movimento” das plantas, nossa missão de

²² Falafel é um salgado originário do Oriente médio. Consiste em bolinhos fritos de grão-de-bico ou fava moídos, normalmente misturados com condimentos como alho, cebolinha, salsa, coentro e cominho. Muitas vezes, são consumidos em pão pita, com homus (pasta de grão-de-bico), tahine (pasta de gergelim) e salada (tomate, pepino, cebola e alface).

mudar a alimentação para melhor só se fortalece — assim, juntos, vamos manter essa banda tocando. (FAZENDA DO FUTURO, 2020)

Para publicizar seus produtos, a empresa contrataram Anitta, cantora brasileira e vegana, para participar de seus novos lançamentos. Anitta se tornou a nova sócia da Fazenda do Futuro no ano de 2021. A Anitta e a Fazenda do Futuro são outro exemplo da sustentabilidade: meio ambiente e economia no ato de comer. A união entre Anitta e a empresa Fazenda do Futuro, proporcionou um aumento de 150% no faturamento da empresa, uma vez que a procura por produtos veganos, nos quais aparecem a cantora, também teve um aumento significativo, sem precisar usar o animal-não-humano para conseguir esta renda (FAZENDA DO FUTURO, 2022).

Figura 16: Anitta e a Fazenda do Futuro



Fonte: Site Fazenda do Futuro (2022)

No que tange à reponsabilidade pelo preparo dos alimentos, são as mulheres que estão à frente das cozinhas no Brasil: mulheres que normalmente trabalham e necessitam cozinhar para alimentar sua família. Afora (2012) concorda com isso, mostrando como a cozinha, historicamente, é algo referente à mulher. Ao longo do tempo, alguns homens entraram neste ambiente dito como feminino, contudo ainda de forma desigual, em muitos casos, no qual o homem usa a cozinha para relaxar, e a mulher tem a obrigação, em algumas casas, de alimentar seus filhos. O ato de cozinhar é lembrado frequentemente nestes dois eixos: necessidade de alimentar as pessoas ao seu redor e como um hobby. Tanto que os programa de televisão retornam para estes dois objetivos do ato de cozinhar, mas há mais um grande aliado ao ato de cozinhar que é o ato político e de resistência. Como se pode, ver com o aumento das vendas na

alimentação vegana, que se alinha com a necessidade de pessoas veganas se alimentarem, mas também da luta contra o especismo e a favor do meio ambiente (lutas do veganismo). Assim o ato de cozinhar pode tornar-se um ato de resistência e político nesta união. Para Abadala (2012), a cozinha pode e deve ser um local político para as mulheres, sendo um local no qual se pode estabelecer e disseminar o veganismo para diversas pessoas. O ato de cozinhar alimentos, que não tem derivados de animais-não-humanos, mostra novas formas de produzir e olhar para o alimento e para si. Num ato de descobrimento seu e do alimento, como algumas entrevistadas comentam:

M2: Na minha casa quem cozinha são as mulheres. Lugar de mulher é na cozinha. Mas é lá que a gente se descobre, e descobre a potência de ser mulher e que podemos conquistar a cozinha e todos os pontos da vida.

M1: Após iniciar a minha empresa, percebi como sou uma mulher mais forte e com liberdade de escolha. Posso ir e vir, tenho dinheiro. A cozinha me fez crescer e ser mais feliz e forte.

Quando se fala que lugar de mulher é na cozinha, não se pensa em grandes restaurantes e sim em cozinhas de casas. Durante um discurso, em 1890, o famoso chef de cozinha francês Auguste Escoffier defendeu que as mulheres precisam estar fora das cozinhas profissionais, pois as mulheres não são tão rigorosas em seus trabalhos comparadas aos homens, não conseguindo, desta forma, realizar um prato verdadeiramente perfeito. (YOUTUBE, 2020)

Entretanto, uma pesquisa feita pelo Jornal Folha de Pernambuco (2021), confirma que há mais mulheres nos cursos de gastronomia, buscando o seu aprimoramento. Mas, ao mesmo tempo, as mulheres enfrentam maior dificuldade em adentrar no mercado de trabalho de grandes restaurantes profissionais. Ao contrário de outros restaurantes, que procuram mais as mulheres para serem suas cozinheiras. Percebe-se, assim, a diferenciação de uma chef de cozinha e de uma cozinheira. Diferenças de prestígio e de valor econômico. (FOLHA DE PERNAMBUCO, 2021)

Ao longo dos anos, muitas mulheres estão derrubando, com muita dificuldade, algumas barreiras deste preconceito. Um exemplo é a gaúcha Helena

Rizzo, que, em 2014, foi eleita a melhor chef do mundo pela revista britânica *Restaurant*. (CORREIO BRAZILIENSE, 2014). Em suas entrevistas, Helena exemplifica o trabalho árduo de uma mulher que quebra as barreiras da cozinha profissional. Em uma entrevista ao *Jornal Folha de Pernambuco* (2021, s.p), comenta: “tem o preconceito e o machismo, que não vem só dos homens, mas até de outras mulheres também, fora as piadinhas de cunho sexual. Tudo isso a gente tem que driblar para sobreviver. É preciso muito jogo de cintura e paciência”.

Figura 17: Helena Rizzo



Fonte: Instagram pessoal (2021)

E assim, como Helena Rizzo, que foi contra a hierarquia de gênero na cozinha, M4 também considera que se empodera na cozinha:

M4: Cozinhar é mostrar para os outros que posso tudo. Posso ter uma alimentação saudável, posso falar o que quero comer e enfim, acredito que é o famoso empoderamento.

Este poder tem relação com a teoria de ‘hipótese de cozinhamento’ de Richard Wranghan (2009), que diz que como o ser humano aprendeu a cozinhar, cuidar do seu alimento e armazená-lo, conseqüentemente, teve mais tempo para estudar, trabalhar, aprimorando outras habilidades, não só na cozinha, como em outros âmbitos da vida. O

ato de cozinhar também proporcionou mudanças fisiológicas no ser humano, como o aumento do cérebro e a diminuição do sistema digestivo, já que não era mais necessário reservar tanto espaço para alimentos, que quando o indivíduo quer algo para comer é só abrir a geladeira. (WRANGHAN, 2009). Para Levi- Strauss (2004), o ato de cozinhar é a modificação do alimento do cru para o cozinho e, concomitantemente, a modificação do sujeito de ser somente biológico para um ser compreendido como um ser social, tendo tempo e disposição para aumentar a sua sociabilidade. Desta forma, os seres humanos tornaram a cozinha um local de compreensão social, individual, os diferenciando de todos os outros seres que há no planeta Terra, tendo poder ao cozinhar.

O ato de cozinhar não é só importante pelos seus potenciais culinários individuais, mas também por serem impregnados de história, cultura, tradição, compreendendo as localidades dos indivíduos. Desta forma, para Satamaria (2009), o ato de cozinhar pode ser visto como um ato ético e político, pois carrega valores e resistências dos povos onde são feitos os alimentos. O alimento é essencial para contar a história brasileira. Como no caso da Política do Café com Leite, movimento no qual a presidência do país era dividida entre São Paulo e Minas Gerais, nos anos de 1898 a 1930, denominada de República Oligárquica. E eram nestes dois estados que era obtido o maior lucro do Brasil na época, sendo a economia de São Paulo, o café e a de Minas Gerais, o leite (FERNANDES, 2022). No Brasil contemporâneo, o ato de comer e produzir alimentos não projetam quem será o presidente, mas o alimento ainda está presente em todas as propagandas políticas em anos eleitorais, como o famoso pastel. Segundo Lopes (2020), a comida sempre esteve presente na vida da política, pois é uma das formas de se assemelhar ao povo que irá votar. Um dos alimentos mais conhecidos do Brasil é o pastel, assim, virou costume de políticos o comerem.

Imagem 18: Políticos comendo pastel



Fonte: Google Imagens (2017)

Em consonância com a ideia de a cozinha ser um local político e até de resistência, M2 e M1 relatam:

M2: A cultura está enraizada na cozinha. Nossa história vem com o café, com a obtenção do açúcar. É muito forte a cozinha na história brasileira. E é até hoje, com mulheres na agricultura, lutando pelo seu lugar de origem, pelo movimento dos sem terras. A terra, a cozinha é um ato de resistência.

M1: Eu não gosto muito de política, mas acredito que quando eu cozinho coloco quem eu sou ali, de onde eu vim, de onde eu nasci. Acho que a comida é importante.

Para Nobre (2020), não se pode desconectar as mulheres que trabalham na agricultura quando se fala sobre política e cozinha, pois elas estão na base do plantio destes alimentos e, ao mesmo tempo, estão à margem da sociedade e dos seus direitos, necessitando de mais apoio de programas sociais. As mulheres rurais vivem situações de violência doméstica, sexual e patrimonial (NOBRE, 2020). Segundo um artigo publicado no site do MST²³ (2019), a violência contras as mulheres no Brasil já é uma das maiores do mundo, e sem contar com as subnotificações das mulheres do campo e indígenas, que estão longe dos centros das cidades e com pouca escolaridade, não conhecendo seus direitos e as políticas públicas que deveriam cuidar delas. Muitas destas mulheres iniciam o trabalho com apenas 14 anos de idade, largando a escola para ajudar suas famílias no plantio e colheita. E ao longo de suas vidas, o trabalho

²³ Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra

doméstico só se potencializa com a criação de seus filhos, a limpeza da casa e, ainda, continuar ajudando o marido no plantio. Sendo que o homem fica muitas vezes somente com o trabalho braçal da roça, abraça o cuidado do dinheiro da família e dita em quais locais este dinheiro será investido (COSTA, 2012). Cenário que dificulta ainda mais a autonomia da mulher rural para conquistar sua independência. E por ser longe dos centros urbanos, há menos centros especializados em assistência de saúde e social para ajudá-las. As mulheres rurais, mesmo estando amparadas pela lei Maria da Penha²⁴, são pouco assistidas, ou nem têm essa assistência, sendo muitas mortas ou feridas por seus maridos ou familiares (COSTA, ET AL, 2017). Para Nobre (2020), o ato de cozinhar é repensar em novas formas de organizar a sociedade e as relações de poder e de gênero.

Cabe ressaltar a relevância da urgência, intelectual e política, de uma problematização crítica a respeito das formas contemporâneas de produção, comercialização, preparação e consumo de alimentos. Afinal, como já dito, comer é necessidade social primeira e comer com qualidade, segurança e conhecimento acerca do que se ingere, é direito de todos. (PEREIRA, ET AL, 2018)

Uma das relações de poder que há no mundo capitalista é a comida, já que tem pessoas que têm e outras que não têm comida no seu prato. Assim, como a fome no mundo, que afeta 9,8% da população mundial, ou seja, 828 milhões de pessoas não têm comida no prato diariamente, segundo o relatório de Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo, de 2022. Na escala de insegurança alimentar, fome é definida como “privação alimentar” (ONU BRASIL, 2022, s/p). Já insegurança alimentar moderada é quando as pessoas enfrentam incertezas sobre sua capacidade de obter alimentos e são forçadas a reduzir a qualidade ou quantidade de alimentos. A insegurança alimentar severa é quando as pessoas ficam sem comida por um ou mais dias. Os resultados do relatório também apontam que quase 924 milhões de pessoas, ou 11,7% da população global, enfrentaram insegurança alimentar em níveis graves, um aumento de 207 milhões em dois anos. A diferença de gênero também aparece neste relatório, que reitera que há mais mulheres em situação de insegurança alimentar moderada ou grave, 31,9%, em comparação aos homens, que é 27,6% (ONU BRASIL, 2022). Isto deve-se a muitas das casas serem administradas somente por mulheres. Estas mesmas que necessitam trabalhar para conseguir comprar seus alimentos e cuidar de seus filhos. Estas dificuldades em conciliar essas atividades fazem com que muitas mulheres não

²⁴ A Lei Maria da Penha foi sancionada em 7 de agosto de 2006 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Com 46 artigos distribuídos em sete títulos, ela cria mecanismos para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher em conformidade com a Constituição Federal

consigam trabalho formal, ou não consigam continuar seus estudos para melhores empregos, dificultando, desta forma, a obtenção de alimentos para si e para sua família (LUSTOSA, 2021), apontamento ao qual M2 reflete em sua entrevista:

M2: Eu sempre tive comida em casa, mesmo com carne e pensar que tem pessoas que não tem, é um grande absurdo. Saber que muitas famílias, que são cuidadas por mulheres não tem, é triste. A desigualdade que o capitalismo nos oferece é desumano.

A fome é discutida politicamente desde 1946, quando Josué de Castro, ativista político e escritor, publicou o livro Geografia da Fome, que mapeou as pessoas que passavam fome, ou tinham subnutrição. Porém, só em 2003, que houve um programa para diminuição nacional da fome, com o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva: o Fome Zero (BETTO, 2003). Este programa está inteiramente ligado ao Programa Bolsa Família²⁵, pois acredita-se que se houver mais fontes de dinheiro para as famílias, consequentemente, haverá mais alimentos. Assim, aumentando o valor aquisitivo, menos pessoas estarão sem comida no prato no Brasil. Este programa retirou, no início dos anos 2000, 19 milhões de pessoas no mapa da fome no Brasil (SILVA, 2018). Infelizmente, este programa, junto com o Bolsa Família foram extintos em 2022. Contudo, em 2023, com o novo mandato de Lula, estes programas voltaram às casas dos brasileiros.

Figura 19: Programa Fome Zero



Fonte: Google Imagens (2018)

Outro programa vinculado ao Fome Zero, e que ainda está sendo realizado no Brasil, é o Programa de Alimentação ao Trabalhador (PAT). Este programa visa que a

²⁵ O programa Bolsa Família era um programa do Ministério do Desenvolvimento do Social em que envia valores mensais a famílias carentes brasileiras.

²⁶ No Governo Bolsonaro, o Bolsa Família foi finalizado. E no mesmo governo foi criado o Renda Brasil, com o mesmo objetivo do Bolsa Família.

empresa dê auxílio alimentar aos seus funcionários, como vale-alimentação, cesta básica e vale-compras, contribuindo com o salário do colaborador. Esses ajudam diversos funcionários que não conseguiriam comprar alimentos só com seu salário formal e, concomitantemente, ajudando as empresas a melhorarem a qualidade do trabalho e autoestima de seus funcionários (BRASIL, 2022).

5.4 Ato de cozinhar como trabalho

“O mundo não é um trabalho mal feito e os animais não são produtos de fábrica para nosso uso. Não devemos compaixão aos animais, mas justiça” (Arthur Schopenhauer)

Na perspectiva marxista, o trabalho é a capacidade de transformação da natureza para concretizar as necessidades humanas, assim, é necessário que se compreenda o que a sociedade quer para produzir essas necessidades. Sendo o trabalho uma mão de via dupla, é importante para o desenvolvimento da sociedade (MARX, 1993). Contudo, para Codo (1997), mais do que essencial para a sociedade, o trabalho modifica o próprio trabalhador e cada indivíduo desta sociedade, sendo que o sujeito dá significados e sentidos para o seu trabalho. Segundo o autor, quanto mais complexo e completo estes sentidos, esta relação: trabalho-trabalhador, será de maior prazer. Mas, em contrapartida, quando o trabalho não traz estes significados, há sofrimento psíquico, podendo comprometer a saúde mental do sujeito. Desta forma, é essencial a percepção do trabalho na vida das pessoas. (CODO, 1997)

Seguindo a ideia, Hackman e Oldhan (1975) comentam que o trabalho para ter sentido necessita de três componentes: o significado, a orientação e a coerência. Para se constituir como significado, é necessário compreender qual o valor que o trabalho atribui ao sujeito, como ele cresce psicologicamente, emocionalmente e socialmente em sua vida. A orientação é o que a pessoa busca, o que guia as suas ações têm que estar em concordância com o trabalho. E a coerência é o equilíbrio entre as pretensões do trabalho, com a vida pessoal do trabalhador, que é esperado serem harmoniosas. Para Job (2003), o trabalho responde quem a pessoa é. Assim, quando alguém pergunta a outra ‘quem é você?’ diversas vezes é respondido com o que ela faz, seu trabalho. “Hoje em dia, a nossa identidade tende a ser ‘garantida’ principalmente por nossos empregos”

(JOB, 2003, p. 31). E esta identidade veio na resposta das entrevistas ao serem perguntadas sobre seus trabalhos, como nas falas abaixo:

M1: Antes eu trabalhava numa loja de calçados. Fazia a parte de vendas. Trabalhava para me sustentar, não tinha carinho ou outra relação com o trabalho. Eu ia, fazia o que tinha que fazer, e voltava.

M4: Fui policial por 12 anos. Passei por muitas dificuldades dentro da corporação, como o machismo, que muitos homens não aceitavam mulher trabalhando ao lado deles e fazendo a mesma coisa. Mas acredito que tive que passar por isso, pois pagou meu curso de Educação Física e meu crescimento pessoal.

M2: Eu trabalhava como programadora no Brasil. Quando me mudei [para os EUA] não podia trabalhar no começo e após que virei mãe, não quis mais trabalhar. Quero ficar com meus filhos, ajudá-los. Pois o trabalho de programadora é muito cansativo, não teria o tempo que quero ter com eles.

Segundo Veloso (2012), quando se perde o sentido do trabalho, havendo desmotivação, falta de prazer e falta de novos desafios, muitos trabalhadores fazem a transição profissional, ou seja, procuram novas carreiras que irão ter novos significados para o sujeito e conquistar o que perderam na carreira passada. Na visão de Hall (2002), atualmente, a transição de carreiras é vista como algo mais aceitável e natural, pois antigamente, os trabalhadores tinham suas identidades às carreiras antigas e não poderiam mudá-las. Desta forma, a necessidade de mudança da carreira faz com que novas identidades apareçam e a resposta de quem você é muda com as novas necessidades e sentidos, como ocorreu com M1, que mudou de profissão ao virar vegana.

M1: A mudança de trabalho veio a partir de uma necessidade. Eu precisava comer e não tinha nenhum lugar que vendia comida vegana em Tubarão. Estava cansada de todos os dias comer arroz e feijão. Assim, começamos a fazer a empresa

“farofa vegana”, que faz marmitas veganas. Sai de vendedora para dona de uma empresa de comidas veganas.

Conforme Savickas (2012) aponta, a história do trabalho vai modificando ao longo do tempo, seguindo as regras sociais e novidades que aparecem na história. O que era necessário antes, não é mais agora, diminuindo alguns empregos e surgindo novos. Schlossberg (1981, p. 5) afirma tratar-se de: “[...] evento ou não-evento que resulta numa mudança de concepção sobre si mesmo e o mundo, portanto requer uma mudança correspondente em seu comportamento e relacionamentos”. Assim, para esta autora, a transição de carreiras vem ligada a mudanças cognitivas e de vida dos sujeitos, como por exemplo, novos conhecimentos adquiridos na vida e que são divididos com outros sujeitos, caso que M4 relata sobre os seus conhecimentos de nutrição e o amor por dividi-los.

M4: A nutrição está mudando, os treinos também. Antes só se pensava em comer ovo e frango. Com os novos estudos, percebe-se que conseguimos os mesmos aminoácidos, importantes para o crescimento do músculo, em diversos outros alimentos. Tanto, que atendo tanto veganos, quanto pessoas que comem carne, porque percebem a variedade de alimentos que como e continuo grande.

As mudanças aparecem em empregos também, como é a questão dos aplicativos e seus entregadores. Os entregadores são os trabalhadores que entregam o alimento pedido até a casa do solicitante. Contudo, é um emprego informal, sem direitos trabalhistas e carteira assinada, sendo ressaltada esta precarização na ‘Greve dos Breques de Aplicativos’²⁷ em 2020 (SOUZA, 2022). Contudo, mesmo assim, no Brasil aumentou o número de entregadores. Para Santos (2004), este aumento, que no Brasil são 322 mil, segundo a pesquisa de IPEA em 2021 (IPEA, 2021), tem relação com a urbanização das cidades e a falta de emprego formal para muitos trabalhadores. Durante a pandemia de Covid-19, a precarização do trabalho dos entregadores foi abundantemente mais discutida, pelo aumento de pessoas que necessitaram deste

²⁷ O Breque dos Apps foi uma mobilização grevista organizada por entregadores de aplicativos, principalmente aplicativos de alimentação, como do iFood, Loggi, Uber Eats e Rappi. A mobilização chegou ao auge nas paralisações nacionais dos dias 01/07 e 25/07 de 2020.

trabalho para sobreviver, pois neste período pandêmico houve diversas demissões de empresas e do aumento de pedidos feitos pelos aplicativos de alimentos, sendo que as pessoas não poderiam sair de casa, menos o entregador do alimento pedido, aumentando assim, o perigo de contágio de COVID nos entregadores.

Outra forma de trabalho também nova e potencializada na pandemia de COVID-19 é o digital influencer²⁸, youtuber. Mesmo não sendo regularizado, milhares de pessoas estão ganhando dinheiro com as redes sociais, expondo suas opiniões e rotinas. Para Moreira, et al (2016), digitais influencers são, como o nome já diz, pessoas que influenciam as outras a comprarem determinados objetos, ou seguirem determinadas estilos de vida, ou influenciam em jogos, relacionamentos, sendo atualmente, as novas celebridades contemporâneas. Para Ramirez (2021), as redes sociais cresceram muito nos últimos anos pela rapidez de acesso, em tê-las em todos os lugares e horários por um smartphone e, por poder filtrar o que quer ver ou não. Assim, as redes sociais estão tornando muitas pessoas milionárias por mostrarem esta rapidez de conteúdo e flexibilidade nas atividades que são oferecidas, engajando diversos influenciados nas redes sociais. O ato de cozinhar também está entre essas influenciadoras. Segundo uma pesquisa realizada pelo JackandBeyond²⁹ no ano de 2021, estudando quais países mais usam hashtags ³⁰sobre comidas, alimentação e, cozinha no Instagram, o Brasil ganha disparado de todos os países pesquisados, com 9.290.671 hashtags voltadas ao ato de cozinhar na rede social, ficando em segundo lugar a Argentina, com 5 milhões de hashtags sobre o universo do ato de cozinhar. As receitas que mais têm hashtags no Brasil são o brigadeiro e a feijoada, pratos típicos brasileiros (FERNANDES, 2020). E entre as influencers brasileiras que usam estes hashtags é a influencer ViviCakeDesigner, que tem 1 milhão de seguidores no Instagram, e fez seu sucesso devido à fabricação de bolos que parecem reais, havendo postagens sobre eles e como fazê-los.

²⁸ O digital influencer ainda não é reconhecido como profissão no Brasil. Há um projeto de lei do ano de 2018, do Eduardo da Fonte que quer regularizar a profissão.

²⁹ Site sobre culinária

³⁰ Hashtag é um termo associado a tópicos que podem ser pesquisados em redes sociais, inserindo o símbolo do “jogo da velha” (#) antes da palavra, frase ou expressão. A hashtag permite que todas as publicações em redes sociais que usem uma mesma hashtag possam ser mais facilmente encontradas.

Figura 20: Bolo que parece roupas dobradas.



Fonte: Instagram Pessoal (2020)

Assim, o ato de cozinhar é perpassado por diversas nuances: do hobby à fome, da economia ao meio ambiente, da sustentabilidade à violência de gênero. Contudo, entre todas estas nuances, uma que permanece em todos é a comida como um “vendedor de felicidade” (PEREIRA, et al, 2018, p. 58). O ato de cozinhar é uma revolução. E isso aprende-se lendo o livro “Revolução da Comida” (2021) de Rafael Tonon. Os alimentos sempre estiveram presentes na vida e na evolução do ser humano, deste o fogo até as redes sociais. As comidas revolucionaram a história do ser humano, tanto na Revolução Francesa, com o circo e pão, até nos revolucionar internamente, com a mudanças de hábitos, trabalho ou ideias. O ato de cozinhar está presente na vida de todos/as, veganos ou não, mulheres e homens. E mudaram também a forma de se criar vínculos, com a natureza, animais-não-humanos, família e amigos.

6. RELAÇÕES MULTIESPÉCIE

“Bichos não são objetos pessoais dos humanos, eles têm sentimentos como nós” (RITA LEE, 2021)

Neste capítulo, serão abordadas as relações das entrevistadas com os animais não-humanos, com o meio ambiente e com seus amigos e familiares. Em cada subdivisão deste capítulo, será discutida uma destas relações separadamente, com as falas das entrevistadas e teorias associadas. Ao início deste capítulo há a discussão sobre família multiespécie.

Os significados do que é família se modificaram ao longo da história, novas configurações e formas de famílias foram se constituindo. Para Costa, Cia e Bahram (2007), no início do século passado as famílias eram extensas, com vários filhos, dez, doze, contudo com a urbanização, métodos contraceptivos, mulheres no mercado de trabalho, entre outras razões, as famílias foram diminuindo de tamanho, chegando a famílias sem nenhum filho, por vontade própria do casal ou de um dos componentes, ou questões de saúde que impossibilitam a gravidez. Atualmente há dois motivos que estão prevalecendo nesta diminuição de integrantes que compõe uma família, segundo Yunes et al (2017). O primeiro é a configuração de família monoparental feminina. Para Yunes et al (2017), esta configuração consiste na mulher ser a única responsável financeiramente pelo cuidado com os filhos e a casa, por diversas razões, como o parceiro sair de casa e não contribuir com a formação dos filhos, ou a morte deste, entre outras razões. Esta configuração está crescendo no Brasil³¹, segundo dados do IBGE (2022). A segunda configuração familiar que está em ascensão no mundo são as famílias que consistem em uma pessoa e seu animal de estimação (COSTA, CIA e BAHRAM, 2007), sendo que o animal de estimação é considerado parte da família, em muitos casos são chamados de filhos, viajando e convivendo em todos os momentos³² com o animal. Nesta configuração, o Brasil está em segundo lugar em âmbito mundial dos países que mais têm animais de estimação, somando mais de 54 milhões de cachorros e quase 24

³¹ Levantamento da consultoria IDados, realizado com base nos números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revela que o número de mulheres que são responsáveis financeiramente pelos domicílios vem crescendo a cada ano e já chega a 34,4 milhões. Isso significa que quase a metade das casas brasileiras são chefiadas por mulheres

³² Até em empresas os animais estão sendo aceitos. Segundo uma pesquisa da CNN Brasil, o Brasil é o primeiro país da América Latina a aceitar animais de estimação nas empresas de seus tutores. A própria Nestle, após a pandemia, para os tutores não deixarem seus animais sozinhos em casa, agora podem levá-los para a empresa.

milhões de gatos nas casas brasileiras, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (ABINPET, 2020). Essa configuração é chamada de família multiespécie. Este termo foi referenciado pela primeira vez com o autor Bowen em 1978, no livro ‘family therapy in clinical practice’³³. Bowen descreve relações de afeto entre animais-não-humanos e humanos que se caracterizaram como família.

Família multiespécie se constitui de um grupo familiar que considera seus animais de estimação como componentes da família, assim como filhos (FARACO, 2018). Para Macedo (2008), esta relação é benéfica para os dois lados, há o animal-não-humano que é cuidado e amado e as pessoas que se sentem amadas e felizes ao terem um animal-não-humano com elas, sendo recíproca esta relação de confiança, carinho e segurança, semelhante ao sentimento em relação a familiares humanos. Nessa direção, é possível citar falas das entrevistadas ao relatarem sobre os animais que tiveram em suas vidas e a importância desta relação:

M3: Sempre tive cachorros na minha casa. Amava eles correndo atrás de mim, brincando comigo. E isso eu passei para meus filhos, eles gostam muito também de animais.

M1: Não tem como não amar um cachorro, né? Eles são muito fofos! Amorosos [aparece na tela de gravação da entrevistada seus cachorros]. Este aqui é o Preto e a Linda, são os amores da nossa vida, tanto que nem pensamos em ter filhos, já temos eles.

M2: Tenho uma gata e como ela me faz bem. Chegar em casa e tê-la é um prazer que não dá para explicar.

Para Manucci (2005), ter um animal de estimação traz muitos benefícios para o ser humano, sendo uma ligação com seus antepassados e uma vida no campo. Atualmente, a maior parte da população mora em centros urbanos, diminuindo a relação com a natureza, algo que ocorria muito antigamente, uma vez que a maior parte da população morava em campo³⁴. Ter um animal de estimação é uma oportunidade de

³³ Terapia familiar na prática clínica em tradução literal.

³⁴ O êxodo rural é um processo de migração que se dá quando as pessoas saem do campo e se mudam para a cidade. Assim como o próprio termo nos sugere, trata-se de um processo de emigração e acontece necessariamente no sentido da zona rural para a zona urbana. Êxodo rural é a saída de pessoas do campo

aproximar-se da natureza, dos animais-não-humanos e do próprio campo. Além de trazer benefícios psíquicos e físicos. O convívio com os animais-não-humanos diminui o estresse e casos de depressão, pois as pessoas não se sentem mais sozinhas em casa tendo seu animal de estimação, como também passeiam mais, ajudando a ter mais amigos e/ou pessoas próximas ao caminhar com seu animal (REIS, 2022). Sentir-se pertencente a uma família, e em uma relação, também é extremamente benéfico para não se sentir solitário. E isto ocorre com a família multiespécie e essa relação (FARACO, 2008), criando um vínculo único entre os dois seres.

O termo vínculo tem sua origem no étimo latino “vinculum”, o qual significa uma união, com as características de uma ligadura, uma atadura de características duradouras [...] este termo alude alguma forma de ligação entre as partes que estão unidas e inseparáveis, embora elas permaneçam claramente delimitadas entre si (ZIMERMANN, 2010, p.21)

De acordo com a teoria do apego de Bowlby (2004), o ser humano tem uma grande tendência de se vincular afetivamente com outras pessoas e seres. Como por exemplo o bebê, que tem apego a seus pais ou pessoas que cuidam dele nos primeiros segundos de vida, nos momentos que necessita, criando uma relação de confiança entre o bebê e seus cuidadores. Isso ocorre com um filhote de gato e cachorro também. Quando comprados ou adotados, dependem dos seus tutores, ou seja, pessoas que tem a responsabilidade do animal-não-humano, para diversas ações, como passear, comer, ensinar novos comportamentos, e assim cria-se este apego que se constitui em uma relação multiespécie, da necessidade de apoio mútuo entre os envolvidos. O apego, pode-se dizer que é a tendência do ser humano de criar vínculos com outros seres, um impulso biológico para o ato de cuidar, proteger, tanto outro ser humano, quanto outro animal-não-humano. (VIEIRA, 2019). Os animais de estimação colaboram com um forte vínculo emotivo nesta relação, uma relação de proteção e cuidado. Para Bowlby (2004), o tutor que exerce a função de cuidador reforça as bases desta relação duradoura.

Quando se pensa nesta relação multiespécie, pensa-se, geralmente, em cachorros e gatos. Contudo em alguns lares brasileiros, foge-se desta regra. O mini-porco é um animal-não-humano em que cresce a procura para ser um animal de estimação. Segundo o site ‘Oinque’, uma empresa que vende estes porcos no Brasil tem uma média de 140 mini porcos vendidos para famílias que querem este animal de estimação, que pode rumo às cidades.

variando de um mil a cinco mil reais cada porco (OINQUE, 2022). E Oinque ainda mostra em seu site o quanto estes animais-não-humanos são amorosos e ótimas escolhas³⁵ para animais de estimação.

Figura 21: Mini-Porco e Cachorro



Fonte: Site Oinque (2020)

Mais do que gostar dos animais-não-humanos, as entrevistadas mostram como esta relação com estes animais fizeram com que elas se tornassem veganas. Para Ferrigno (2012), há duas relações em que os seres humanos podem ter com os animais-não-humanos na luta por seus direitos: a causa animal ou o abolicionismo animal. A causa animal tem como principal foco a luta pelo bem-estar dos animais-não-humanos, buscando por melhores condições de vida para estes animais, e isto pode ocorrer em diferentes frentes, como: o resgate de animais em situação de rua, a castração destes animais, as feirinhas de adoção e lutas para tornar o abate mais humanitário, tornando a morte do animal-não-humano sem dor. Já o abolicionismo animal defende a total abolição do uso dos animais-não-humanos, percebendo que os animais-não-humanos não são posse dos seres humanos e que a sua morte não pode ser humanitária, pois sempre acarreta sofrimento e dor. A consequência prática do abolicionismo animal é o veganismo. Para Vilela (2017), estas duas relações podem vir concomitantes. Assim, alguém que é abolicionista animal também pode lutar por castrações em animais em situação de rua. Como também, uma pessoa pode ser da causa animal e tornar-se abolicionista animal. É um caminho a ser passado, ou seja, Vilela (2017) comenta que percebe que muitas pessoas iniciam na causa animal e após se tornam veganas, ao

³⁵ Os porcos são com frequência mais espertos que os cachorros e têm um nível de inteligência similar ao dos nossos parentes mais próximos, os chimpanzés. As conclusões são de um estudo divulgado na publicação científica *International Journal of Comparative Psychology* e escrito pelo neurocientista Dr. Lori Marino em 2015. Entre as principais evidências da inteligência dos porcos encontradas estão a excelente memória a longo prazo, o poder de compreender a linguagem simbólica simples e a capacidade de aprender combinações complexas de símbolos para ações e objetos. Além disso, os porcos são ótimos em cooperação e demonstram empatia.

aprofundarem seus estudos da causa animal, como aconteceu com algumas entrevistadas.

M2: Eu sempre tive uma sensibilidade pelos animais. Nunca quis os machucar. Assim, a primeira razão para o veganismo foi a causa animal e o fim da exploração dos animais, e do ser humano ter o poder em relação a eles.

M1: Com certeza foi pelos animais que virei vegana. É uma escolha muito pequena no dia a dia, diante da vida de um bicho. Eu gostava muito de comer pão doce, mas a vaca é mais importante para mim. Foi difícil, mas agora me sinto muito orgulhosa.

6.1 Relação Ser Humano – Animais-não-humanos

“Sou vegano porque amo os animais, e não posso em sã consciência me envolver em nada que cause ou contribua para o sofrimento dos animais” (MOBY, 2019)

Segundo uma pesquisa realizada pela Sociedade Vegetariana Brasileira (2014), a maior razão para as pessoas pararem de comer carne é os animais (80%), o restante das razões são: meio ambiente (14%), bem-estar (03%), pandemia (02%) e outros (01%). Os animais são comumente vistos e lembrados pelas emoções humanas e isso torna mais forte a decisão para o veganismo, acreditam os pesquisadores deste estudo. Sendo também, segundo Caetano (2010), que os animais-não-humanos ajudam a amenizar diversas dificuldades do ser humano, como lidar com algumas emoções e doenças: raiva, tristeza, doenças, como mal de Alzheimer, e dores físicas. M2 traz em sua fala que todos os animais-não-humanos também podem ajudar a amenizar estas dificuldades.

M2: Os cachorros sempre são respeitados, e sempre foram pela minha família, mas quando é discutido sobre a vaca, não se tem o mesmo cuidado e carinho. Foi construído na nossa sociedade esse olhar diferente entre eles. Até que eu percebi que são iguais.

Para abarcar todos os animais, a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) criou uma campanha com o título: Se você ama um, por que come o outro? (SVB, 2021), para demonstrar esta diferenciação que ocorre entre os animais-não-humanos. No vídeo³⁶ da campanha, que está postado no site da SVB, fala-se sobre afeto entre os animais-não-humanos e os humanos, seus benefícios e felicidades, e as semelhanças entre todos os animais, humanos ou não, os medos, os sentimentos do frio à fome. Mostra que tanto os humanos quanto os animais-não-humanos são muito parecidos e todos merecem respeito.

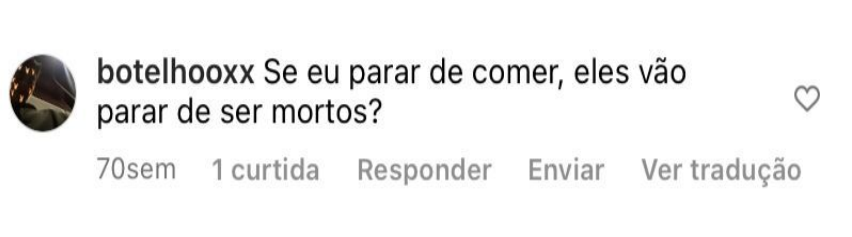
Figura 22: Campanha SVB



Fonte: Sociedade Vegetariana Brasileira (2022)

No Instagram da SVB para divulgação do vídeo, foi postada uma imagem (figura 23), e nesta imagem houve 216 comentários, inúmeros falando bem da campanha e que se tornaram veganos pelo amor a todos os animais. Contudo, ainda há comentários de usuários que não percebem esta semelhança entre os animais, como abaixo:

Figura 23: Comentário postagem: se você ama um por que come o outro?



³⁶ O vídeo da Campanha está no site da Sociedade Vegetariana, no link: <https://www.svb.org.br/sevoceama/>

Este movimento está alinhado ao que sempre é ensinado às pessoas, que comer carne de animais-não-humanos é necessário, normal e natural. Joy (2010) argumenta que há três ‘ns’ quando se pensa em carnismo, que são: comer carne é normal, natural e necessário. Estes pensamentos são introjetados a todos desde criança, desta forma é difícil largar a ideia de comer carne, como M2 e M3 relatam abaixo:

M3: Eu nasci numa família que criava animais, ia buscar ovo com a minha avó e via as galinhas bem felizes brincando, achava que era normal pegar o ovo e comer.

M2: Tinha churrasco sempre na minha família, era muita carne todo o domingo. Era natural a gente comer, não se discutia sobre.

Comer carne é percebido como natural, normal e necessário, assim, não há discussão sobre estas hipóteses e virar vegano torna-se impensável. Primeiramente, a carne é vista como natural. “Muitas pessoas acreditam que comer carne é natural porque há milênios os seres humanos têm caçado e consumido animais” (JOY, 2010, p. 104). Contudo, Joy (2010) escreve em seu livro que outros comportamentos também eram vistos como naturais, como o machismo e o racismo, e mudaram ao longo do tempo. Segundo Castañeda (2006), o machismo é ensinado tanto aos homens quanto às mulheres deste muito cedo, em suas casas, estimulando a masculinidade como sinônimo de proteção e cuidado e a feminilidade como frágil, necessitando do cuidado do homem. Assim, o homem exerce poder em relação a mulher, e esse é um comportamento aprendido e não natural. Joy (2010), assim, discute a possibilidade do especismo também ser rediscutido e não ser mais visto como natural pela sociedade.

No livro ‘Necropolítica’ de Mbembe, de 2021, o autor correlaciona o poder de quem pode matar e de quem pode morrer, posições que já estão naturalizadas na sociedade, e desta forma, não são discutidas mais. O machismo é apresentado como uma necropolítica, diferenciando os gêneros. Bem como o racismo, diferenciando as raças que podem viver e que devem morrer, como povos e religiões, que não merecem respeito. Mostra, assim, que a necropolítica está em todos os pontos da história da sociedade e também está em como se lida com os animais-não-humanos. Como, por exemplo, o animal que pode morrer: a vaca, e o animal que pode matar: o ser humano.

Esta necropolítica está há anos na sociedade e ela determina as posições de poder e hierarquia, utilizando discursos que reforçam estereótipos, segregações e extermínios de grupos minoritários. Para Moraes³⁷, a relação do especismo com a necropolítica pode ser vista em vários âmbitos. Primeiramente, na frase de Salles, ex-ministro do Meio Ambiente do Brasil no ano de 2021: “vamos passar a boiada”. Esta frase foi dita no meio da pandemia da COVID-19, na qual milhões de pessoas estavam morrendo e a mídia noticiando estas mortes, e, assim, não priorizando manchetes sobre o meio ambiente. Quando o ex-ministro diz esta frase, demonstra que é necessário desmatar a Amazônia para ter mais lugares para o gado.

Nesta conjuntura virótica que ora atravessamos, em 2021, é preciso testemunhar, com coragem, resistindo à necropolítica que tem no carnismo-especismo outra de seus sistemas-de-crença que alimentam a máquina-mortífera (MORAES, 2021, s/n)

Uma segunda relação que Moraes (2021) estabelece entre a necropolítica e o especismo, diz respeito às mortes de milhares de indígenas para a obtenção de ganhos nas terras desses povos. Como, por exemplo, a tragédia que ocorreu com o Yanomamis³⁸ durante a pandemia e descoberta em 2023. Os Yanomamis tiveram suas terras invadidas por grileiros³⁹ para obtenção de minério. Ao ser retirado o minério, os rios, nos quais os indígenas tomam sua água, ficam contaminados, ocasionando malária e morte aos indígenas (SOUZA, 2023). Assim, novamente, o lucro de alguns foi superior à vida de outros.

A mente do sujeito colonizado pela política carnista não estabelece os nexos entre o sangue na carne e um organismo vivo, dotado de coração pulsante e circulação sanguínea, que acaba de ser morto em um frigorífico para ser cortado em pedaços, ensacado e enviado ao varejo. O alto astral do churrasco, as *good vibes* do rodízio de carnes, dependem do recalque sobre a origem daquilo que os dentes humanos mastigam. A necropolítica mata (MORAES, 2021, s/n)

Pereira (2020) complementa a teoria de Joy que comer carne não é natural, mostrando que o organismo do ser humano não é feito para comer carne, nossos dentes são parecidos com o de uma vaca, que só come vegetais, e diferentes de um leão, que come carne, bem como nosso sistema digestivo, que não está preparado para a

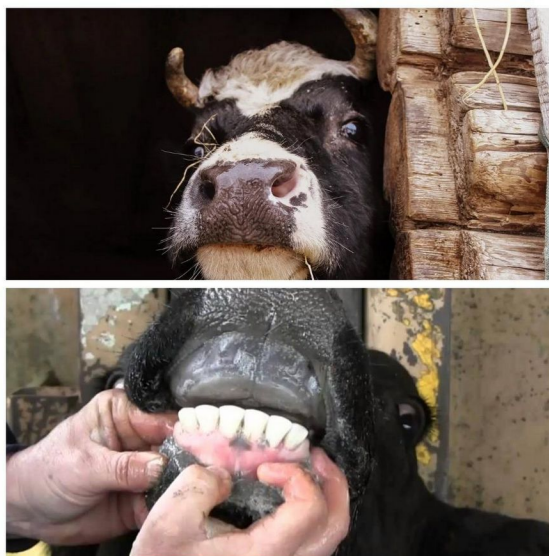
³⁷ Filósofo pela USP e mestre na área de Ética e Filosofia Política pela UFG.

³⁸ Os yanomamis são um grupo de aproximadamente 35 mil indígenas que vivem em cerca de 200 a 250 aldeias na floresta amazônica, na fronteira entre Venezuela e Brasil.

³⁹ O grileiro é um proprietário privado que se apossa das terras devolutas (terras públicas sem destinação) e/ou de terras de terceiros.

quantidade de carne que é ingerida. Traz, assim, o quanto o corpo dos seres humanos não é naturalmente feito para comer carne e sim comer vegetais.

Figura 24: Dentes de uma vaca



Fonte: Google Fotos (2023)

Diante desta foto percebe-se a semelhança entre vacas e seres humanos, M2 começou esta discussão na faculdade e M1 reitera esta ideia:

M1: Nosso corpo não é feito para isso. [comer carne]

M2: Foi na faculdade em matérias como fisiologia animal, que comecei a discutir que comer carne não é tão normal, assim.

Segundo Joy, compreende-se que para a sociedade comer carne é natural e percebe-se que comer carne é normal. Quando a criança vê que quase todos os seres humanos comem carne⁴⁰, torna-se normal comer também, não havendo a discussão sobre esta norma social. Para Elster (1990), normas sociais são controles psicológicos para manter a sociedade pensando e fazendo o mesmo, sem discutir e perceber suas ações, como quando se propaga que os homens não podem chorar, fazendo com que muitos homens não demonstrem seus sentimentos devido a esta norma. Comer carne é,

⁴⁰ Ao considerar todos os países, o Brasil fica somente atrás dos Estados Unidos e Argentina em relação a comer carne, com 26,1kg/capita e 36,9/capita, respectivamente. E o Brasil, com 24,6 kg por pessoa ao ano.

assim, uma norma social, ou seja, é indiscutível parar de comer ou diminuir o consumo. Contudo, quando se encontra alguém que subverte esta norma, começa-se a discuti-la. Joy (2010) expõe diversas normas que já foram retiradas do “normal”, como machucar cachorros. Séculos atrás, estes animais-não-humanos eram vistos como irracionais podendo, desta forma, serem machucados e sofrerem maus tratos. Entretanto, atualmente são tratados como membros da família em algumas casas, tornando-se uma forma de constituição familiar, como falado anteriormente. Estas desconstruções são realizadas de várias formas, como contam as entrevistadas M3 e M2:

M3: Meu marido começou a tirar a carne primeiro. Ele viu vídeos sobre a indústria da carne e não queria mais comer e começou a conversar comigo sobre o assunto e eu aderi. Antes, ninguém da minha família falava sobre não comer carne, muito pelo contrário, tinha que comer.

M2: Comecei a pensar na discussão sobre veganismo na universidade. Lá tinham várias meninas que não comiam, e comecei a repensar.

Entretanto, o veganismo não discute só a relação do comer a carne, e sim, como é a relação dos humanos com os animais-não-humanos, e a ajuda que estes podem oferecer aos humanos, trabalhos estes que já são vistos como naturais e normais na sociedade. Cachorros são historicamente colocados em várias funções: pastoreiro, cuidar da casa de seus tutores, cuidar de outros animais, como ovelhas, mas atualmente estas funções cresceram e se perpassam com funções também humanas, ajudando os bombeiros, farejadores, policiais, cães-guias e de terapia, onde os animais são acompanhantes terapêuticos ⁴¹ (PETZ, 2019). Profissões estas que são remuneradas diante cafunés e muitos petiscos.

Figura 25: Cachorro como acompanhante terapêutico

⁴¹ São animais com fins terapêuticos utilizados no tratamento de doenças psiquiátricas, não devendo ser tratados como um simples animal de estimação. Para se ser detentor de um destes animais é necessário ter uma doença mental verificada.



Fonte: Site Petz (2019)

Estas funções já são regularizadas no Brasil ou com tramitação ainda no Senado, como o Projeto de Lei (PL) 33/2022, que busca instituir o animal-não-humano como acompanhante terapêutico em todos os lugares, podendo o animal-não-humano entrar em todos os estabelecimentos e locais, como avião, transportes públicos. Atualmente, só consta uma lei aprovada no Brasil, que é a lei de cão-guia⁴², em que o animal-não-humano pode entrar em todos os locais com seu tutor, como supermercados, restaurantes, ou seja, locais que habitualmente não se entra com animais-não-humanos (AGÊNCIA SENADO, 2022). Assim, como a lei de bem-estar animal, lei 17.497, de dezembro de 2021, do Estado de São Paulo, que instituiu o Código de Proteção de Animais Domésticos, que confirma que quando um animal de estimação não estiver em seu bem-estar⁴³, o tutor ou quem realizar a agressão ao animal de estimação ficará cinco anos na prisão, assim como, perde a tutela do animal. Contudo, quando se lê animal de estimação, esta lei garante isto para os cachorros e gatos, sendo estes mesmos direitos não se valendo para outros animais-não-humanos.

Na própria relação do trabalho, os cavalos são utilizados há muitos anos para transporte de pessoas e objetos em carroças, mas cada vez mais aparecem casos de maus-tratos a estes animais, que caem de suas carroças, cansados e exaustos por empurrarem toneladas de objetos, sem receberem água e comida. Desta forma, o deputado Fred Costa, do partido Patriota, quer colocar os cavalos também na lei de proteção aos animais⁴⁴. O descaso aos animais ocorre em muitas ocasiões e uma destas é o caso das búfalas de Brotas, lembrado por M1:

⁴² Lei 11.126/2005

⁴³ Bem-estar animal significa que o animal sempre sinta-se seguro e confortável em sua casa, assim como ter uma alimentação de qualidade, ter ajuda a saúde sempre que necessário, não ser machucado e nem coagido.

⁴⁴ Lei 14.064/20

MI: Um dos casos de maus tratos que mais me marcaram, foi o das Brotas⁴⁵, acho que é assim o nome. As búfulas que foram usadas pelo agronegócio por anos e depois foram jogadas sem comida, água, cuidados. Até hoje eu doo [para associações que cuidam destas búfulas.]

Quando se fala sobre bem-estar de animais-não-humanos, a percepção é diferente. São vistos como animais que não necessitam de cuidados, pois não sofrem ou não são tão frágeis como o cachorro e o gato, animais domésticos. Sobre a não percepção do agronegócio⁴⁶ como um local de maus tratos aos animais, é analisada a pesquisa de Lima e Stella (2020) intitulada de “Percepção dos trabalhadores envolvidos na produção e abate de frangos de corte sobre o bem-estar animal”. Neste trabalho, foram analisadas as respostas de 295 funcionários de empresas do agronegócio brasileiro, todos maiores de 18 anos e do sexo masculino. Abaixo duas respostas adquiridas nesta pesquisa:

Figura 26: Resposta pesquisa

	Sim	Não	P value
Você sabe o que é BEA?			
Granja	149 (93,7%)	10 (6,3%)	0.8039
Frigorífico	129 (94,9%)	7 (5,1%)	
Você gosta de animais?			
Granja	157 (98,7%)	2 (1,3%)	1.0000
Frigorífico	135 (99,3%)	1 (0,7%)	
Você acha que a vida dos animais tem valor?			
O seu trabalho produz sofrimento aos animais?			
Granja	51 (33,6%)	101 (66,4%)	0.1463
Frigorífico	57 (41,9%)	79 (58,1%)	

Fonte: Lima e Stella (2020)

Após a pergunta em que a maioria dos entrevistados respondeu que seu trabalho no frigorífico não produz sofrimento aos animais, os mesmos entrevistados comentam

⁴⁵ 100 búfalas foram abandonadas numa fazenda em Brotas (SP) após serem usadas para retirar leites e vender queijos de leite de búfala. Nestes animais tinham filhotes e fêmeas em estado de decomposição, após dias sem água e/ou comida.

⁴⁶ "O agronegócio – eventualmente denominado por agribusiness – é um termo utilizado para fazer referência ao contexto socioespacial da produção agropecuária, incluindo todos os serviços, técnicas e equipamentos a ela relacionados, direta ou indiretamente."

que não conseguem colocar os frangos de forma adequada na pendura de frango⁴⁷, pois as aves ficam se mexendo. Essa máquina deveria ter anestésicos que suavizam a dor, algo que os próprios entrevistados confirmam que não é suficiente para aliviar o sofrimento do abate. Comentam, ainda, sobre o transporte destes mesmos animais que é feito de forma ruim, como os próprios funcionários dizem. Desta forma, percebe-se a dificuldade dos funcionários de enxergar que podem produzir sofrimento aos animais. Os mesmos que eles comentam que gostam muito e que acreditam que sentem sofrimento. De acordo com Myers (2014), os animais nos frigoríficos e abatedouros são vistos como objetos e não como animais, para, assim, o funcionário conseguir fazer seu trabalho, diferenciando o animal e tudo que ele pode sentir de dor e desconforto. Desta forma, os funcionários não enxergam os frangos e sim, os objetos que precisam manusear. Como na figura acima, em que quase 100% dos entrevistados dizem que gostam dos animais, incluindo os frangos, e após, mais da metade diz acreditar que o seu trabalho não os machuca. Percebe-se que, os frangos vistos como animais são diferentes dos vistos como objetos. E isso ocorre pela divisão de trabalho dentro do agronegócio, cada funcionário faz uma parte do trabalho, sendo assim, ninguém mata o animal-não-humano, pois todos mataram só uma pequena parte do animal. “A figura do “matador” desaparece, pois na medida em que o animal é abatido por todos, ele se torna abatido por ninguém” (REMY, 2009, p.64). Esse ‘matador’ é esquecido, e é necessário que olhe para ele, estudando e compreendendo mais o meio ambiente, como fizeram M2 e M4:

M4: O animal e o meio ambiente não são vistos como importantes. As pessoas não compreendem como seres que sentem dor e ficam tristes. As vacas, por exemplo, têm melhores amigas, sofrem quando a outra vaca morre. [...] Mas depois que eu comecei a estudar mais sobre, eu me tornei muito unida com o meu planeta, parece que estamos juntos.

M2: É exploração do capitalismo. Como com o negro, que muitas vezes não é percebido como racismo e sim como uma piada! Igual com o animal. Muitos amam os animais, mas não compreendem que comem animais também. Mas, cada vez mais há

⁴⁷ A pendura de frango é uma máquina que se coloca o frango de cabeça para baixo, com os pés presos para não fugir. Na pendura, é dito, que há anestésicos para o frango não sentir dor no momento de sua morte.

peças preocupadas com o meio-ambiente e se tornando veganas e percebendo que a causa animal e ambiental é necessidade de hoje.

Os direitos de todos os animais, discussão iniciada por Francione no seu livro intitulado “Introdução aos Direitos Animais”, de 2013, discorre que assim como são chamados direitos humanos e não direitos dos humanos, também é necessário que se chame direitos animais e não direitos dos animais, sem a ligação da preposição ‘de’, pois estes têm as mesmas necessidades que os seres humanos. E dentro destes direitos, estão: direito à vida, à liberdade, à integridade física e biológica, ao não tratamento como propriedade, à família, questão a qual a entrevistada M3 traz em sua resposta, já que se tornou vegana na sua gravidez.

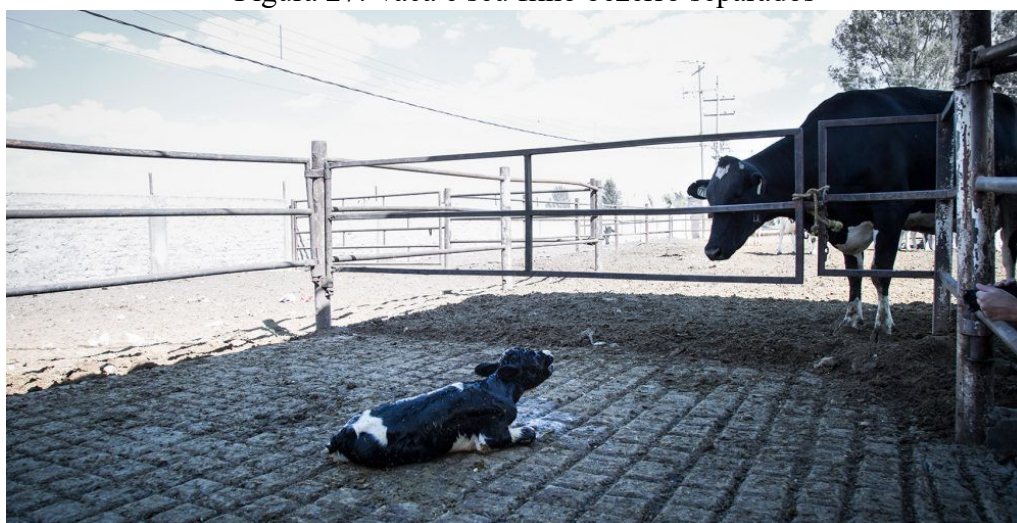
Segundo Makuch (2014), a maternidade não é apenas o ato de gerir/parir, mas é construída pela maternagem, que compreende os cuidados básicos da criança, como alimentação saudável e que garanta todas as necessidades da mesma, como também cuidar, dar afeto e amor, além de garantir o desenvolvimento psíquico da criança. Assim, a maternidade é um processo complexo de garantias ao bebê, sendo muitas vezes visto como uma responsabilidade feminina. Para Martins et al (2014), é necessário que haja uma problematização de gênero nesta responsabilização em que foi colocada socialmente à mulher. Há muitos anos, o trabalho de cuidado é garantido pelas mulheres, como profissões da saúde, educação, que são em sua maioria formado por mulheres e, assim, a maternagem não é diferente. A maternidade é, culturalmente, vista como um ato de cuidar e ensinar. Desta forma, é colocado para as mulheres este processo, mas como um processo solo, pois os homens são percebidos, em muitos casos, como responsáveis em cuidar de outros atos e serviços, como proteção e financeiro. Para estes autores, é também importante que se perceba que há questões da maternidade que devem ser realizadas pelas mulheres, como a amamentação, mas isto não deve tirar a responsabilidade masculina de estar nestes momentos e também cuidar (MARTINS, et al, 2014). M3, ao relatar sobre sua amamentação e este ato de cuidado fala do direito de outras fêmeas:

M3: Meu filho teve refluxo quando bebê, pesquisando descobri que poderia ser do leite, parei imediatamente, e ele melhorou. Quando ele tinha seis meses, que

era quando tinha me proposto a voltar a tomar leite, já não conseguia mais. Eu amei amamentar e acredito que todas as fêmeas merecem amamentar.

M3, ao falar que todas as fêmeas merecem amamentar, está se referindo à relação da vaca e seu bezerro, e de como a indústria do leite não permite a vaca amamentar o seu bezerro, que é retirado da sua mãe no momento do nascimento, para não tomar o leite que é revendido aos seres humanos. Segundo o site AnimalEquality (2020), o bezerro é arrancado de sua mãe nas primeiras horas de vida, sendo levado a um local onde ficará tomando alimentos substitutos do leite materno. Alguns destes bezerros logo serão mortos, tornando-se vitelas (nome chamado para a carne do bezerro), outros crescerão para serem usados mais tarde pela indústria da carne ou do leite. No Brasil, mais de 16 mil vacas são usadas na indústria do leite e mais de 29 mil bezerros são mortos por ano. (ANIMALEQUALITY, 2020)

Figura 27: Vaca e seu filho bezerro separados



Fonte: AnimalEquality (2020)

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o aleitamento materno deve ser exclusivo até os seis meses de vida do bebê, pois o leite materno é composto por vitaminas necessárias para a formação da criança, evitando riscos de alergias e protegendo contra diversas doenças. E além, disso, a amamentação infantil é o estímulo do vínculo entre mãe e filho, contribuindo psicologicamente para a criança e sua mãe. Desta forma, a amamentação é um dos períodos mais importantes da vida do bebê e, conseqüentemente, para o materno, como reitera M3 na fala abaixo:

M3: Meu filho amava meu leite e eu amava o amamentar. Era um vínculo enorme entre nós. Ficava fazendo carinho nele e tudo, quando comecei a pesquisar, quis isso para as vacas também.

Em relação ao leite, outro apontamento que M3 trouxe em suas respostas é que os seres humanos são os únicos animais que continuam tomando leite quando crescem. Em uma edição da revista Abril (2017), mostrou-se isto e que os seres humanos tomam leite de diversos animais-não-humanos: vacas, búfalas, cabras e até camelos fêmeas. E isso ocorre porque se acredita que o leite é um excelente fornecedor de vitaminas e forças, sendo natural e normal. Segundo Joy (2010), há várias teorias em relação à visão de como tomar leite e outros derivados dos animais-não-humanos, e é tido como necessário. A primeira diz respeito à saúde, na qual as pessoas aprendem que comer estes derivados é necessário deste muito cedo, na infância, pois seus pais falam que, para ficar forte e não pegar nenhuma doença, tomar aquele leite é fundamental. Assim, parar de comer carne e não comer mais os derivados são quase vistos como um suicídio, pois a pessoa se tornará fraca e sem vitamina, ou seja, ocorrendo a morte do sujeito. Mas, infelizmente, para esta necessidade humana ser realizada, muda-se o meio ambiente, pois precisa-se de um grande terreno para abrigar vacas leiteiras e obter tantas caixas de leite embaladas no mercado, como também grandes terrenos para se obter soja e estas vacas se alimentarem da soja, modificando, desta forma, o ecossistema, derrubando árvores para tornarem lugares de moradia destas vacas leiteiras ou da sua alimentação, confirmando a teoria do Antropoceno⁴⁸. Contudo, antes do Antropoceno, momento em que se vive atualmente, houve o Holoceno. Holoceno, segundo Haraway (2016), é o conjunto de ações dos seres humanos que tornavam a natureza sustentável e viva, como a não utilização abundante dela, não tendo queimadas e, assim, deixando a natureza conseguir respirar e não morrer. Entretanto, Ecycle (2021) diz que não há como voltar ao Holoceno com a sociedade em que se vive, pois a natureza, com a frequência cada vez maior de desmatamento e queimadas realizadas pelos seres humanos, não consegue tempo para se manter viva e sustentável, não conseguindo se reestruturar e manter seu bioma até o próximo corte de árvores ou a próxima queimada. Assim, como o Holoceno não voltará e o Antropoceno não é sustentável. Ecycle (2021)

⁴⁸ O Antropoceno se baseia no pressuposto de que a humanidade recentemente se tornou um condicionante para transformações globais na circulação de água, no clima, na produtividade biológica, na biodiversidade, nos ciclos biogeoquímicos, nos padrões de sedimentação e na utilização global de terras e mares.

descreve que haverá uma nova era: a Econoceno, em que os seres humanos deverão compreender que devem cuidar do meio ambiente, mesmo com todos os avanços tecnológicos que existem e cidades cada vez maiores, ocupando espaço da natureza. sendo importante que todos os seres, inclusive o planeta, estejam saudáveis.

6.2 Relação Seres Humanos – Meio Ambiente

“Toda refeição sem carne é uma vitória para os animais e para o planeta” (PAUL MCARTNEY, “s.d.”)

A relação do ser humano com o meio ambiente já teve várias nuances ao longo do tempo. No começo da história, o ser humano era um ser coletor e nômade, utilizando o meio ambiente ao seu fazer. Como não tinha um local fixo, necessitava andar e procurar novos locais que atendiam às demandas alimentares e climáticas de seu povo. Após, quando os povos aprenderam o plantio e o armazenamento de alimentos, a relação com o meio ambiente mudou drasticamente, pois os seres humanos permaneceram em lugares fixos, e seu alimento estaria sempre à disposição. Com o crescimento dos povos e maiores necessidades de alimentos, os pequenos povoados foram crescendo e se tornando grandes cidades, nas quais prédios foram construídos e árvores retiradas. As plantações que antes eram para famílias, agora são para populações de milhares de indivíduos. Desta forma, a relação com o meio ambiente foi se modificando, como dito a seguir pelas entrevistadas:

M3: Não fez parte do meu processo [de virar vegana olhar o meio ambiente], mas atualmente ajuda muito para eu continuar no veganismo e quero passar isso para meus filhos. Tanto que eles falam sobre a importância de cuidar do meio ambiente, de não jogar lixo no chão.

M4: Não é meu foco principal, mas quando olho para o mundo como está e saber que estou ajudando a melhorar [o mundo] com certeza fico mais feliz. Faz mais sentido o veganismo na minha vida. Acredito que só temos uma Terra e precisamos cuidar dela.

As notícias sobre mudanças climáticas estão em todos os lugares: jornais, revistas, televisão. Discussões, por exemplo, de como estão as florestas, os rios e sobre o planeta Terra não aguentar mais tantas mudanças que ocorrem a cada um. Tanto que o Google⁴⁹ em 2021 relatou que houve um aumento nas pesquisas sobre mudanças climáticas e meio ambiente, assim como, o que fazer para diminuir estas mudanças nos últimos dois anos em que se passou a pandemia da COVID-19⁵⁰ (GOOGLE, 2021). Neste mesmo ano, 2021, houve a COP26⁵¹, na qual muitos cientistas e pesquisadores da área ambiental mostraram que nunca tinha sido percebido este aumento da motivação da sociedade em relação a realizar ações para melhorar o meio ambiente como no ano de 2021. (UMSÓPLANETA, 2021) Assim, de acordo com Machado et al (2017), o aumento das discussões sobre o meio ambiente, mudanças climáticas e a escassez de recursos naturais, como a água, que é sentida por todos, gera uma demanda por parte da população mundial de informações, tanto das causas, bem como do que se pode fazer para amenizar estas consequências, mostrando, assim, que elas estão próximas da comunidade, e desta forma, as impactando mais, sendo esta uma das hipóteses de maior pesquisa e questionamentos sobre a área (UMSÓPLANETA, 2021). E assim como está mais perto, as pessoas sentem mais, percebendo a importância do meio ambiente, como M1 e M3:

M1: Eu sempre olhei pelo meio ambiente, sempre prestava atenção na Amazônia, pois sempre quando ligava a tv estavam falando sobre isso. É um tema muito importante e caro para todos.

M3: O meio ambiente é tudo. Não temos como não percebermos, que por exemplo, está muito mais calor no verão, ou frio no inverno. As estações estão muito loucas e nos deixando mais preocupados, realmente.

Uma das discussões da Cop26 foi o Acordo de Paris e a diminuição do aquecimento global. Diante destas duas pautas, muitos pesquisadores abordam que a quantidade de carne abatida e comida no mundo é uma das causas do aumento do

⁴⁹ Site de pesquisa na internet

⁵⁰ Trata-se de uma família vírus que, majoritariamente, afeta animais, sendo que em humanos são conhecidas sete variedades. Delas, quatro já tinham sido detectadas no Brasil e foram responsáveis por infecções respiratórias de pouca importância

⁵¹ A Conferência das Partes (COP) é o encontro da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC), realizado por representantes de vários países com objetivo de debater as mudanças climáticas, encontrar soluções para os problemas ambientais que afetam o planeta e negociar acordos

aquecimento global e a não efetivação do Acordo de Paris⁵² (UNE, 2021). E em concordância com estes estudos, a Sociedade Brasileira Vegetariana, em seu livro “Comer o planeta”, de 2015, traz o gráfico que mostra que no mundo há 7 bilhões de pessoas, contudo anualmente são abatidos mais de 70 bilhões de animais-não-humanos no planeta. Concomitantemente, 811 milhões de pessoas passam fome no mundo, segundo o relatório da ONU (FEAC, 2021). Desta forma, há bilhões de animais abatidos, e, mesmo assim, não resolvem o gravíssimo problema de fome no mundo. E mais uma questão para se salientar, são as vastas áreas terrestres necessárias para manter estes animais. Um mapeamento da Nasa⁵³ mostrou que 7,6% do território brasileiro é usado para a pecuária, um aumento de 3,3% nos últimos dois anos -2019, 2020- (EMBRAPA, 2021). E o impacto ambiental em relação a estes animais-não-humanos não só se refere à quantidade de hectares, mas também pelo elevado consumo de água, de alimentos, queimadas para cultivo de soja e pasto, elevação da produção de metano pelo gado, entre outros (SVB, 2015). Percebe-se, desta forma, que a morte dos animais-não-humanos reestrutura o meio ambiente, com relação aos desmatamentos, à poluição. Assim, para M2, parar de comer carne torna-se um cuidado ao meio ambiente:

M2: O meio ambiente não tem mais como segurar tanto desmatamento, e descuido. Parar de comer a carne é algo inevitável. A relação com a natureza precisa melhorar a dominação perante ela [natureza], não pode continuar, pois ela própria não continuará assim.

A preocupação com o meio ambiente está ligada a uma justiça ambiental, que, segundo Herculano (2006), é o conjunto de princípios que asseguram proteção a grupos minoritários, como a população indígena, animais-não-humanos e que sofrem diretamente as consequências ambientais negativas, por exemplo, o desmatamento, falta de água, entre outros. Estas consequências vêm atreladas à falta de políticas públicas, bem como ausência completa ou a omissão de programas federais destes direitos. Neste espaço em branco deixado pelo governo, entram os ativistas ambientais. Para Hodson (2003), os ativistas são pessoas que querem fazer o bem e o justo, reformulando a sociedade nas questões que acreditam. Na causa ambiental, estes ativistas lutam por um mundo com menos desigualdades entre humanos e natureza, tentando, desta forma, um

⁵² O acordo de Paris tem como objetivo fortalecer a resposta global à ameaça das mudanças climáticas. Ele foi aprovado pelos 195 países participantes que se comprometeram em reduzir emissões de gases de efeito estufa. Isso se resume em manter a temperatura média da Terra abaixo de 2 °C, acima dos níveis pré-industriais.

⁵³ Agência espacial norte-americana

equilíbrio entre estas forças. Uma das mais notáveis ativista no Brasil foi Dorothy Stang, nascida em Ohio, veio ao Brasil em 1966. Na década de 70, foi à Amazônia, na época da inauguração da rodovia Transamazônica⁵⁴. Deste então, Dorothy dedicou-se a lutar pelos direitos da população indígena e camponeses que nestas terras moravam. Contudo, precisou também travar inúmeras lutas contra madeireiros e pecuaristas para manter a terra a salvo. Esta luta permaneceu até 2005, ano que Dorothy foi assassinada a mando de um fazendeiro da região. (UOL, 2022)

Figura 28: Dorothy Stang, ativista ambiental.



Fonte: Google Imagens (2005)

Mas estes ativistas não estão sozinhos, Organizações Não Governamentais (ONGs) tentam os protegê-los, cuidando dos seus direitos. Uma das maiores ONGs é a Greenpeace, que M3 ajuda, e tem sede no Brasil:

M3: Como eu estou longe, tento ajudar algumas Ongs de meio ambiente no Brasil, como o Greenpeace⁵⁵, eu doo dinheiro [para o Greenpaece] todo mês. Quero ajudar de alguma forma, as pessoas que se sacrificam pelo meio ambiente, até perdendo as suas vidas.

⁵⁴ A Transamazônica corta o Brasil no sentido leste-oeste, por isso é considerada uma rodovia transversal, no entanto, em grande parte, não é pavimentada. Os extremos da rodovia são respectivamente em Cabedelo (Paraíba) e Lábrea (Amazonas).

⁵⁵ O Greenpeace realiza ações ousadas em nome da natureza, por exemplo, fica entre caçadores de baleias e os animais, permanecem em pequenas embarcações na frente de grandes navios que pretendem lançar lixo em oceanos, além de entrar na frente de tratores destinados ao desmatamento.

Infelizmente, a morte de ativistas ambientais só aumenta a cada ano. E em 2022, um novo caso ocorreu no Brasil, a morte de Dom Phillips e Bruno Pereira, jornalistas e ativistas da Amazônia, que lutavam pelos direitos das populações ribeirinhas. De acordo com Florência Vaz (TAPAJOSDEFATO, 2002, s.p):

o que aconteceu com eles [Dom e Bruno], esse desaparecimento não foi um acidente, isso é resultado de uma política de abandono, uma política de deixar os povos indígenas vulneráveis para que as suas terras e seus recursos sejam saqueados.

Figura 29: Justiça por Dom e Bruno



Fonte: Google Imagens (2022)

E estas mortes ocorreram após dois anos de isolamento do Covid-19, que também teve resquícios no meio ambiente. Braun (2020) relatou casos da população de Veneza (Itália), que percebeu que os canais de água que atravessam a cidade ficaram limpos e cristalinos, com a presença de animais, algo que não ocorria há anos. Como também, uma melhora de 21,5% na qualidade do ar na China. Estas melhoras são decorrentes do isolamento mundial, na qual pessoas tiveram que ficar em suas casas, e desta forma, não usaram tantos poluentes, como o carro, que joga no meio ambiente Co2, poluente severo à natureza (BRAUN, 2020). Duarte et al (2021) reiteram o quanto o isolamento social ajudou o meio ambiente a se organizar novamente. Igualmente, as empresas que fecharam por um tempo determinado, não poluindo mais. O isolamento e a percepção de como o ser humano modifica a natureza fizeram muitas pessoas repensarem sobre como tratam o meio ambiente, e, assim, mudaram algumas

convicções, até em sua alimentação. Segundo o VeganBusiness (2021), o interesse ao veganismo aumentou durante a pandemia, em todos os países, até para as entrevistadas:

M4: A própria pandemia me ajudou muito, estava no começo da minha transição quando veio a pandemia. E ela só me fez confirmar a minha decisão de parar de comer animais e isso fez eu ficar mais próxima do meio ambiente, com certeza. Como se eu estivesse ajudando. Então, a pandemia me fez abrir os olhos também para o meio ambiente.

Segundo o VeganBusiness (2021), uma das razões para o aumento da preocupação com o meio ambiente na pandemia foi como a COVID-19 surgiu. A COVID-19 hospedou-se no ser humano a partir da ingestão de um animal-não-humano malcozido, ou seja, este animal-não-humano estava com o vírus e com esta ingestão passou para o ser humano. E este foi só um dos casos de pandemia que se iniciaram desta forma. O Ebola⁵⁶, que já matou mais de 11.300 pessoas ao redor do mundo é outro caso. O surgimento deste vírus se deve ao contato do ser humano com macacos infectados mortos. A gripe aviária⁵⁷, outro exemplo de vírus que também teve seu início pela ingestão de animais contaminados, neste caso, frangos. A gripe aviária matou mais de 18.500 pessoas no mundo (OMS, 2021). Neste contexto, percebe-se a importância de cuidar do meio ambiente, percebendo novas formas de lidar com ele, tanto no âmbito do poder público, quanto de forma pessoal e empresarial, expondo cada vez menos a saúde humana de hospedeiros destes vírus, ou seja, os animais-não-humanos. E para isso ocorrer é necessário diminuir o desmatamento para, assim, os animais-não-humanos terem onde morar, como o macaco na floresta, e não conviverem tanto com humanos (SOUZA, 2020). Outra forma de preservar o meio ambiente é ser vegana, como M2 e M1 respondem:

M2: Para vencer e melhorar o meio ambiente, o veganismo é uma das soluções, não é mais necessário ter o sofrimento animal para se alimentar, para estar saudável.

⁵⁶ Ebola é uma febre grave do tipo hemorrágico transmitida por um vírus do gênero Filovirus, altamente infeccioso, que desenvolve seu ciclo em animais. Há cinco espécies diferentes desse vírus, que recebe o nome do local onde foi identificado.

⁵⁷ A gripe aviária é causada pelo vírus influenza A e pode ser dos tipos H5N1, H5N8, H7N9 ou H9N2. Essa condição raramente afeta os humanos e não passa de pessoa para pessoa, a sua transmissão acontece somente pelo contato com aves contaminadas

As formas de exploração estão tão recorrentes em nós, que parece que não pensamos mais em alternativas para estas. E há!

M1: Todos têm o seu espaço no mundo, não precisamos mexer no espaço deles. Como trabalho com cozinha, percebo cada vez mais formas de me alimentar, cuidando deles [meio ambiente e animais-não-humanos].

Em 2022, com as baixas mundiais de mortes decorrentes da COVID-19, a ONU criou a resolução 76/300, declarando que o meio ambiente saudável, limpo e sustentável é um direito para todos os seres humanos (CEE, 2022). Estabelece que para se viver bem em sociedade é necessário que o meio ambiente esteja bem e em conformidade. O secretário geral da ONU reitera que esta resolução é mais uma forma de considerar o meio ambiente e dar assessoria aos povos indígenas, ONGS, defensores dos direitos ambientais e população em relação ao meio ambiente para viver (ONUNews, 2022).

Os vínculos existentes entre o meio ambiente e os direitos humanos são de fácil observação, seja porque em seu conteúdo se identificam prescrições de direitos fundamentais básicos, seja pelo simples fato de que a degradação ambiental gera violações aos direitos humanos (IBRAHIN, 2012)

Estas violações de direitos ambientais, para M2 têm relação com explorações, não só dos animais-não-humanos, mas até dos humanos:

M2: É uma rede de explorações. Do animal, das pessoas, do meio ambiente, dos povos indígenas. Não tem como desmontar um, sem desmontar o outro. As explorações precisam acabar e todas. Assim, o meu veganismo faz parte deste movimento de ajuda ao meio ambiente.

Para Carvalho (2009), olhar com atenção ao meio ambiente é imprescindível para a sobrevivência humana. As pessoas morrem se não tiverem quatro minutos de ar limpo, um mês sem água potável ou alguns meses sem alimentação saudável. Não há sobrevivência da humanidade sem estes componentes do meio ambiente. Como também é necessário para a sobrevivência humana, as relações sociais (CARVALHO, 2009).

Para a autora, desde pequenos os seres humanos têm relações sociais e com elas aprendem a viver, a comer, a escrever, tudo que é necessário para a vida. Desta forma, tanto a respiração quanto a relação entre seres humanos são essenciais para uma vida digna e com progressos.

6.3 Relação Seres Humanos – Seres Humanos

“A libertação animal, também é a libertação humana”
(SINGER, 1975)

Vínculo entre pessoas, para Barbosa e Bosi (2017), é a combinação de confiança e afetividade entre os membros de uma determinada relação. Desta forma, é necessário que haja uma relação para ocorrer o vínculo. Na pesquisa que Barbosa e Bosi realizaram e que foi intitulada “Vínculo: um conceito problemático no campo da saúde coletiva”, as autoras discursaram sobre a importância do vínculo, contendo estes dois componentes, a relação entre paciente e profissional, que deve ser integral e humanizada ou, como as autoras descrevem, o vínculo como uma relação de “acolhimento-vínculo-responsabilização-acesso-longitudinalidade-autonomia” (BARBOSA e BOSI, 2017, p. 1010). Assim como Lima et al (2013), que expõem o vínculo como uma ferramenta importante nas relações, pois há a circularização dos afetos entre as pessoas e realiza uma relação horizontal de respeito e confiança, muito necessários para efetivação do processo. Sendo assim, vínculos podem ajudar ou prejudicar novos hábitos, pela confiança que há no vínculo. Segundo Londeiro (2019), a mudança para o veganismo não só muda a vida da pessoa que se interessou pelo novo hábito, mas também com as pessoas ao seu redor, sendo num primeiro momento a família e após os amigos, pois, segundo a autora, como o veganismo muda diversas rotinas, como lugares para se alimentar, as relações mudam também, podendo até trazer reflexões sobre a carne para estas relações, como fizeram M2 e M1:

M2: Nunca tinha pensado sobre isto, mas quando entrei na faculdade estas discussões já estavam lá. Assim, me fez refletir sobre minha relação com os animais.

*M1: Com certeza, ter um marido também vegano ajuda muito na transição.
Fizemos juntos! E isto foi muito importante.*

Segundo Penha (2014), há três tipos de vínculos: o residual, o virtual e o atual. Os vínculos atuais são aqueles onde existem relações concretas entre as pessoas, como amizades, família. As de caráter virtual são relacionamentos com pessoas no âmbito virtual, como personagens, bonecos, que não estão concretamente na vida do sujeito, ou seja, estão na fantasia, mas que realizam mudança nos hábitos e confiança no vínculo. Já os residuais, são vínculos que já estiveram no atual, mas com mudanças na vida do sujeito terminaram. Um exemplo foi dado por M2, que diz que perdeu amizades por causa do veganismo:

M2: Já tive pessoas que se afastaram de mim por causa do veganismo. E tudo bem, acho que não conseguiam aceitar ou não queria ter perto.

O vínculo virtual pode ser encontrado nas redes sociais, como Instagram, Youtube, Facebook, redes comumente vistas e utilizadas no Brasil. E estas não são só utilizadas para conhecer novos vínculos, mas também modificam os internautas, o que, para Colvara e Vieira (2022), simboliza o aprendizado social do sujeito nas redes sociais. Significa que as pessoas que estão nas redes sociais modificam-se com as experiências em que veem nelas, como novos hobbies, novas tendências. Este processo também ocorre com o ativismo vegano. Em sua tese, Silva (2022) discorre que muitos dos ativismos veganos, ou seja, pessoas que lutam para disseminar a ideia do veganismo, como também, sujeitos que acabam conhecendo o veganismo, têm a ajuda das redes sociais. É um local amplo de ideias e diversidades de receitas e movimentos, pessoas que têm um interesse no veganismo conseguem um rico material nas redes sociais, modificando o sujeito após os lê-los, como é o caso de M4:

M4: Ver pessoas importantes virando veganas é muito importante, empolga mais, mostra que dá certo, é isso que tento nas minhas redes sociais, falar do veganismo e mostrar que não mudou nada no meu corpo. Ser uma inspiração mesmo para pessoas que não me conhecem.

Como o ator Joaquin Phoenix, que ganhou o Oscar⁵⁸⁵⁹ pelo filme “Coringa”⁶⁰. Em suas redes sociais, Joaquin relata sobre seu veganismo, falando sobre os animais, e a natureza. Joaquin influencia pessoas a também se tornarem veganas, com seus mais de 220 mil seguidores na rede social Instagram (INSTAGRAM, 2021). Em seu perfil, ele se descreve como um ativista vegano.

Figura 30: Post Veganismo Joaquin Phoenix



Fonte: Instagram pessoal (2021)

E estas influências também ocorrem nos vínculos atuais, como ocorreu com M1:

M1: Após eu me tornar vegana, minha irmã também se tornou. Ah e também meus pais diminuíram a quantidade de carne que comiam, começaram a falar das minhas comidas, a pedirem para eu levar mais para a casa deles.

Em seu blog, Debbie Cruz⁶¹ relata a importância de ter amigos na causa do veganismo, pois isso contribui para a criação de uma relação mais forte, admiração

⁵⁸ Oscar é uma premiação norte-americana anual de filmes.

⁵⁹ Joaquin Phoenix ganhou seu primeiro Oscar no dia 09 de fevereiro de 2020, como melhor ator, por seu trabalho como o vilão dos quadrinhos que dá o título a "Coringa". Essa foi a quarta indicação em sua carreira.

⁶⁰ O Joker (no Brasil, também conhecido como Coringa) é um supervilão fictício que aparece nos livros de histórias em quadrinhos norte-americanos publicados pela editora estadunidense DC Comics. Foi criado por Jerry Robinson, Bill Finger e Bob Kane e apareceu pela primeira vez em Batman #1 (Abril de 1940).

⁶¹ Debbie Cruz é uma mulher vegana que criou o blog “Jornada vegana” em 2012 para disseminar receitas e textos sobre a sua vida como vegana.

entre os membros da amizade pelas ideias parecidas de luta e dicas para potencializar o veganismo, como sites e receitas. E foi isso que ocorreu com algumas das entrevistadas, que mostraram o quanto as amizades se fortaleceram após a transição para o veganismo:

M2: Meus amigos foram constituídos no veganismo. Assim aumentou ainda mais a ponte com eles, eu me tornar vegana.

M4: Meus amigos fazem comidas veganas para mim. Nunca tive problemas com eles.

M3: Em todos os lugares que eu vou, todos me tratam muito bem. Em festa de aniversário sempre fazem comidinhas veganas para os meus filhos. Veem com muito carinho.

E, por fim, outro vínculo que será abordado, é o materno. Para Santo e Araújo (2016), a relação maternal é muito importante ⁶² para a vida do bebê, pois é neste vínculo que se cria a relação com o meio. Os estudos sobre a relação entre bebê e mãe cresceram e mudaram muito ao longo do tempo. No início, mostrava-se muito em relação ao ato de amamentar. Após, se percebeu que este vínculo se inicia desde a vida intrauterina na barriga da mãe e permanece por muitos anos. E mesmo mães que não gestaram seus filhos, a relação inicia no momento da espera do filho, na escolha e em todos os momentos que vêm neste período. Bee (2003) reforça a importância desta relação materna para o bebê e para a vida adulta do sujeito, para criação de confiança, de carinho e afeto para as demais relações. Para Spitz (1998), esta relação mostra as bases de conhecimento que a pessoa terá em sua vida, o que ela acredita, seus ideais e costumes, que vêm diante deste vínculo. Contudo, é necessário que se perceba que não é um vínculo natural ou biológico. Para Beauvoir (1946), a maternidade feminina não é natural, ou seja, não significa que todas as mulheres irão querer ter filhos, é uma decisão necessariamente feita e realizada pelas mulheres: ter ou não ter a maternidade em sua vida. Scavone (2001) continua a discussão, reiterando que, além de não ser natural, a maternidade é uma construção social, sendo, em muitos casos, vista como uma causa da dominação do sexo masculino em relação ao sexo feminino, pois, pode-se, após a maternidade, criar uma maior dependência da mulher ao homem, financeiramente, por

⁶² Aqui não significa que o vínculo materno seja um instinto das mulheres, e sim percebido de sua importância para o bebê.

exemplo. As modificações na vida da mulher após a maternidade são inúmeras. Assim, não pode ser pensado que todas as mulheres vão querer ter filhos e nem que não terão consequências pessoais, Vásquez⁶³ (2014) escreve que haverá mudanças sociais, no emprego, no corpo, na identidade de ser mulher, que podem mudá-las em relação à sociedade e seus papéis. M4 já é mãe de duas crianças, e uma das mudanças que teve em sua vida foi o veganismo com a maternidade. A entrevistada demonstra a importância destes dois momentos de sua vida:

M4: Me tornei vegana e me tornei mãe junto. Assim, meus dois filhos são veganos e eles adoram isso. Um dia num aniversário, a minha filha mais nova perguntou se poderia comer uma coxinha de frango, imediatamente, o meu mais velho falou que não, pois tinha animais ali e entregou para ela uma coxinha de jaca falando que aquele ela poderia comer pois era mais legal. É uma relação muito importante que foi criada, tanto comigo, quanto com os animais. Pois me tornei vegana por causa deles e eles estão mostrando que valeu a pena.

Para Spitz (1998), as experiências com a mãe têm influência na vida do sujeito e ainda mais quando são negativas, fazendo com que o vínculo possa até se desmanchar e acabar, após brigas e desentendimentos na relação filho(a) e mãe. Algo que ocorreu na relação de M2 e sua mãe e M4 que tenta não ocorrer entre ela e seus filhos:

M2: Após eu me tornar vegana, minha relação com a minha mãe piorou muito. Moro longe dela, e quando vou [para casa dela] sempre tem uma forçação de barra para eu comer o alimento [de carne ou que tenha derivados] que ela fez. Isso percebo que diminuiu muito minha relação com ela.

M4: Me preocupo muito com o que falo para eles e o jeito, pois não quero que eles vão para outro caminho que não seja o certo, pelo menos para nós. Igual o veganismo, não mandei, mas expus. [...] E agora que tenho uma menina, me preocupo mais ainda. As pessoas já cobram muito das nossas meninas, em relação ao corpo, não quero ser mais [esta cobrança em relação ao corpo].

⁶³ Mulher feminista que escreve o artigo: “Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural”.

Assim, as relações podem modificar o sujeito, relação com amigos, família, animais-não-humanos e meio ambiente. Transforma como a pessoa se compreende e se entende por pessoa, por comida, por gostos e como se posiciona no mundo.

7. FEMINISMO E VEGANISMO

“Os corpos das outras mulheres não são os nossos campos de batalha.” (KAUR, 2020)

Neste capítulo haverá as discussões sobre o feminismo que as entrevistadas trouxeram em suas falas, como o feminismo liberal e o feminismo marxista. Assim como, as lutas e conquistas do movimento feminista e a conexão com o veganismo e as lutas e direitos de todas as fêmeas.

Em junho de 1972, na declaração de Estocolmo⁶⁴, as mulheres foram colocadas como indivíduos vulneráveis em relação ao meio ambiente. Segundo a declaração, elas sofriam muito mais quando comparadas aos homens em quesitos econômicos e fisiológicos, potencializando estes sofrimentos com o aumento das mudanças climáticas ao redor do mundo (UNEP, 1972). Compreende-se, assim, que desde 1972 sabe-se desta situação e poucas mudanças foram feitas para diminuir esta desigualdade. Confirmando isto, Magnani (2021) discorre que as mulheres continuam sendo as mais afetadas nas mudanças climáticas. Como se comprova em 2020 na pandemia da COVID 19⁶⁵, em que mulheres sofreram mais com as mudanças. Segundo a Organização Panamericana de Saúde, OPAS (2021), mais de 20 mil mulheres do continente Americano tiveram seu controle de natalidade interrompido no período da pandemia, causando um retrocesso de 20 anos da saúde materna, ocasionando mortes e doenças crônicas. O aumento da violência contra as mulheres é outro exemplo. Segundo Siegfried (2020), como as pessoas necessitaram ficar mais tempo em casa, por conta do lockdown, mulheres não tiveram para onde ir, aumentando desta forma, a violência física, psicológica e sexual, pois ficaram presas no mesmo lugar de seus abusadores e dependendo mais deles. Como, por exemplo, economicamente, pois no Brasil, a maior parte dos trabalhos subalternos, como limpeza, é realizada por mulheres. Estes serviços foram mais excluídos na pandemia, assim, milhares de mulheres foram demitidas e ficaram sem renda para comprar alimentos para seus filhos e para si, necessitando ainda mais ficar naquela casa e depender de seu marido para sobreviver (Botelho, 2020). Para Botelho

⁶⁴ A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, reunida em Estocolmo de 5 a 16 de junho de 1972, e, atenta à necessidade de um critério e de princípios comuns que ofereçam aos povos do mundo inspiração e guia para preservar e melhorar o meio ambiente humano.

⁶⁵ A COVID 19 é vista, nesta pesquisa, como uma questão de meio ambiente pois o vírus iniciou-se no meio ambiente, com morcegos infectados e ingeridos por seres humanos.

(2020), a COVID 19 mostrou ainda mais as desigualdades entre homens e mulheres no mundo e fez com que estas diferenças resultassem em violência, discriminação, fome e reclusão de direitos humanos. Assim, a Covid reafirmou as desigualdades de gênero e do meio ambiente, estas discutidas no capítulo anterior. Contudo não só na pandemia mulheres e meio ambiente estão conectados.

Segundo Sandra (1992), as mulheres e o meio ambiente são vistos como inferiores quando comparadas aos homens. Criou-se a crença que tanto as mulheres quanto o meio ambiente não podem ter os mesmos direitos, podendo, assim, serem usadas pelos homens. E esta exploração às mulheres e aos animais-não-humanos tem como base a dominação patriarcal, que dita para o que e para quem devem ser usados os corpos dos animais não humanos e os corpos das mulheres (ADAMS, 2002). E esta relação também foi percebida por duas entrevistadas:

M2: Nós mulheres sempre sofremos mais. Historicamente marginalizadas, objetificadas pelos homens e pelo sistema. Igual os animais.

M1: Animais, crianças e mulheres sempre são os elos mais fracos e afetados.

O feminismo vegano, que consiste nesta interconexão a respeito da qual as entrevistadas falam acima, é, para Davidson (2021), a compreensão de que a luta contra a exploração de gênero tem relação com a luta contra a exploração dos animais-não-humanos, e que uma depende da outra para chegar à igualdade de direitos. Assim, para se obter direitos para as mulheres, é necessário que se percebam todas as mulheres, incluindo as fêmeas de todas as espécies. No feminismo vegano, todas as fêmeas são vistas como seres que necessitam de direitos, o fim da exploração e a dominação. M2 continua em sua fala, unindo gênero e animais-não-humanas, como na parte apresentada abaixo:

M2: A exploração contra a mulher e o animal vem no mesmo movimento, não tem como a luta não vir junto, porque no momento que não percebemos que a vaca também é estuprada, também é agredida de todas as formas, as outras fêmeas não podem estar livres. Vejo muita conexão entre as duas agressões, até porque as duas vem do patriarcado.

Adams (2002) reitera esta ideia de M2, mostrando em seu livro que a violência de gênero e contra os animais-não-humanos vem junto com o patriarcado, que coloca os homens no poder de decisão de quem pode comer e quem pode ser comido.

O feminismo vegano é uma intervenção que é crítica e visionária. Que examina indivíduos e estruturas sociais, que desconstrói, mas também oferece soluções. O feminismo vegano é uma questão do agora. Sabendo o que eu sei, o que eu farei agora? O feminismo vegano insiste: Prestem atenção! Prestem atenção, agora. O processo de objetificação/ fragmentação e consumo pode ser interrompido pelo processo de atenção/ presença/ compaixão. (ADAMS, 2002, p.67)

Contudo, nem todas as entrevistadas fazem a ligação entre feminismo e veganismo, como M3 e M1:

M3: Não consigo pensar nessa ligação. Até agora tu perguntando pode vir pensamentos sobre que as fêmeas são as que mais sofrem, como a vaca e seu bezerro. Mas nunca parei para pensar.

M1: Acho que pode ter a ver, mas não sei o que pensar.

M1 e M3 não compreendem a ligação entre o feminismo e o veganismo, mas o feminismo constou nas suas entrevistas. A seguir, haverá a discussão destes feminismos que apareceram nas falas de M1 e M3.

7.1 Feminismos

“Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida”. (BEAUVOIR, 2020)

A história das mulheres tem vários caminhos a serem percorridos. Ao se deparar com o movimento na política, no Brasil, por exemplo, o movimento das mulheres iniciou-se em 1933, com a primeira mulher a ser eleita no país, Carlota Pereira de Queiroz, tendo participado entre os anos de 1934 e 1935 da Assembleia Nacional Constituinte. Outra figura importante na luta pelos direitos das mulheres e da

participação na vida política foi Bertha Maria Julia Lutz, dentre outras razões, pela criação da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher em 1919 e por seu trabalho como deputada federal a partir de 1936. Mas somente na Carta Constitucional de 1946, proclamada na cidade do Rio de Janeiro, em 18 de setembro de 1946, se estabeleceu que: o voto deve ser direito de todas as mulheres, independente da raça, classe e sexualidade das mesmas (SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, 2008). A partir de então, o voto das mulheres adquiriu as mesmas características do voto masculino, fazendo com que elas passassem a possuir, na esfera política, os mesmos direitos.

Nas décadas de 60 e 70, na ditadura no Brasil, retrocessos enormes em políticas públicas e direitos humanos foram efetivados, pessoas foram silenciadas e mortas, e dentre elas diversas mulheres que berravam por mais respeito e dignidade. Contudo, concomitantemente à ditadura, Rago (2003) reitera que houve a revolução cultural, na qual a sociedade resistiu e lutou por tudo e por todos, conquistando novos e antigos espaços, até, enfim, quebrar com a ditadura brasileira. Anos se passaram, até que na década de 80, o movimento feminista brasileiro conquistou diversas frentes, como: 1) a luta pela institucionalização da Lei do Divórcio. 2) a criação, em 1985, do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher; 3) a incorporação, também em 1985, de 26 mulheres de diferentes partidos como deputadas constituintes (dando maior representatividade aos direitos da mulher); 4) e, recentemente, já em plena democracia, a elaboração da Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. (RAGO, 2003)

Nos anos 2000 até os dias de hoje, 2023, as leis eleitorais estão mais duras, como, por exemplo, cada partido deve ter no mínimo 30% de mulheres em eleições, tanto federais, quanto estaduais e municipais (TSE, 2022). Também se instituiu a lei Maria da Penha, no ano de 2006, e, após alguns anos, mulheres trans também fazem parte desta lei. Organizaram-se delegacias nas cidades para lutar contra a violência. Assim, os movimentos das mulheres conquistaram espaços no país. Movimentos esses que exploram a interseccionalidade dos movimentos feministas. E há uma gama diversa nesta pluralidade do movimento feminista, como afirma Schmidt (2004), que mostra as diversas experiências que as mulheres têm, tanto que a autora comenta que não há como escrever a história de um feminismo a partir de uma mulher. Como, por exemplo, na fala das entrevistadas, iniciando com M2, que se constitui como uma mulher feminista marxista e ecofeminista.

M2: Com certeza sou feminista! E me percebo como comunista, acreditando que não podemos ter um mundo para as mulheres se não tirarmos a opressão do capitalismo de cima delas. De cima de nós.

M2 fala de comunismo⁶⁶, sendo a vertente política formulada por Marx e Engels, e assim, reverberando para si o feminismo marxista, que, segundo Cisne (2018), este feminismo tem as bases teóricas de Marx. Para esta vertente, não se pode só olhar para as mulheres para diminuir as opressões contra elas e sim olhar para todas as opressões da sociedade, ou seja, é necessário que se olhe para diversas opressões que ocorrem na sociedade e que chegam às mulheres. Desta forma, compreende-se que uma opressão leva à outra, necessitando que se quebrem as opressões por completo (CISNE, 2018). Como também é necessário que haja o olhar nas relações de raça e classe, como M2 traz em sua fala abaixo:

M2: Eu sou branca, bissexual e classe média. Tenho milhares de privilégios que outras mulheres nunca terão. Assim, olhar a conjuntura total é necessário para se perceber de qual mulher estamos falando. Qual fêmea; negra, pobre, favelada, classe alta, viúva, entre tantas possibilidades de ser mulher?

Para Cisne (2018), não se trata de dividir as mulheres, mas, sim, perceber suas peculiaridades e suas distinções, para haver a revolução de suas necessidades. Desta forma, o marxismo permitiu ao feminismo situar sua luta nos contextos sócio-históricos em que estas mulheres estão inseridas (SANTOS e NOBREGA, 2004). Assim, a unidade da luta pelo feminismo marxista,

exige, todavia, o reconhecimento das diferenças. Do contrário, seria homogeneidade, e não podemos negar que a classe não é homogênea, posto que é permeada e constituída pelas relações de sexo e raça (CISNE, 2018, p. 2013)

Para Marcelino (2020), neste recorte de raça e classe, muitas destas mulheres estão numa estrutura monogâmica de relacionamento, na qual necessitam cuidar de sua prole, da sua casa, tornando-se o trabalho reprodutivo como uma “vocação feminina”, e, assim, conseqüentemente a dependência do homem nesta rela o do capital, que  

⁶⁶ Comunismo   uma ideologia e um movimento político, filosófico, social e econômico cujo objetivo final é o estabelecimento de uma sociedade comunista, ou seja, uma ordem socioecon mica estruturada sob as ideias de igualitarismo, propriedade comum dos meios de produ o e na ausência de classes sociais, do dinheiro e do Estado. Como tal, o comunismo   uma forma específica de socialismo.

necessário para realizar todas as atividades. Nessa estrutura, os homens são responsáveis por trazerem o sustento da casa, e a mulher a responsabilidade do cuidado e da segurança familiar. Assim, o sistema do capitalismo de mais-valia⁶⁷, dito por Marx, só consegue ter a engrenagem, pois, atrás, há mulheres neste papel de gestora da casa, ou seja, novamente a percepção de sexo na sociedade gerindo opressões às mulheres, segundo o marxismo (MARCELINO, 2020), algo que ocorre na casa da própria M2:

M2: Eu fui umas das primeiras mulheres que estudou, que foi para faculdade, que agora estou no mestrado, na minha família. É um enorme passo para mulheres que basicamente ficam em casa para cuidar dela, muitas vezes não tendo perspectiva.

Contudo, para M1, que também se considera feminista, todas as mulheres têm liberdade para decidirem se querem ou não ficar em casa, para serem donas de casa ou trabalhar fora.

M1: Minha mãe não trabalha fora, eu quis trabalhar fora conquistar outros mundos. Acho que foi acontecendo, tive mais oportunidades, de repente.

Assim, M1 não compreende um feminismo como M2, que tem bases na luta de classe. M1 compreende um feminismo em que todas as mulheres têm as mesmas liberdades. Para Cyfer (2010), uma das vertentes do feminismo é o feminismo liberal, que tem como base o liberalismo⁶⁸ político. O feminismo liberal tem a premissa que todas as mulheres têm liberdades, como ao trabalho, sexual, ao seu próprio corpo, atreladas à autonomia, sem a intervenção de qualquer outra pessoa, ou do estado em suas privacidades e direitos. Como o estado de ir e vir, que M1 elucida:

M1: Eu acredito que toda mulher pode ir e vir. Sem precisar dar atenção ao que os outros falam. Não sei se é certo, mas isso que quero para mim e para todas, pelo menos.

⁶⁷ Tendo em vista que a acumulação de capital só é possível a partir do momento em que os trabalhadores, em busca de meios de vida, vendem sua capacidade de trabalho para o capitalista por um salário.

⁶⁸ O liberalismo, segundo seus principais teóricos, é uma doutrina que luta pela liberdade e pelos direitos individuais, pela igualdade perante a lei, pela proteção da propriedade privada e pelo livre comércio.

Assim, de acordo com o feminismo liberal, todas as mulheres necessitam do poder da escolha. Acreditando-se que as mulheres têm escolhas em sua vida, podem ser donas de casa, caso isso seja uma escolha sua, ou como também podem ser uma empreendedora do seu próprio negócio, como M1. Para o liberalismo, todos têm seus direitos e devem ser escutados e vistos.

M1: Para mim, as mulheres são frágeis, assim, sendo mais fácil de cuidar dos seus próprios trabalhos, até sendo mais veganas. Nós gostamos de cuidar da casa, dos animais, da alimentação. E assim, que fiz minha empresa.

Segundo Martins (2021), as mulheres ao longo de sua história foram diversas vezes vistas como frágeis e delicadas, sendo responsáveis pelas atividades que necessitavam de mais paciência e cuidado, como cuidar de plantas e dos animais. Atualmente, para muitos, a mulher ainda é considerada frágil e, desta forma, mais amigável com os animais, tendo maior sensibilidade para ver a dor deles. (ESTÉR, 2018). Colaborando, assim, com a ideia de um feminismo essencialista. Para Kuhnen (2013), falar sobre feminismo essencialista ou gênero essencialista é compactuar com as questões biológicas das diferenças entre homens e mulheres, colocando um como mais forte que o outro, ou mais cuidadoso. Algo que para Butler (2003) é perigoso, pois para a autora, o gênero é uma construção social e, quando olhada só de forma essencialista, cria a ilusão que gênero é algo permanente, sem mudanças.

Já M3, em sua fala abaixo, também se diz feminista, mas não compreende muito o significado disto. Acredita ser feminista pelo que lê nas redes sociais, revistas que transitam no meio.

M3: Acredito que eu seja [feminista], por acreditar que a mulher precisa de espaço e de seus direitos realizados. Mas não entendo nada, só o que sei é o que vejo no Instagram ou outro lugar.

E como M3, diversas pessoas se informam por redes sociais. Segundo pesquisa intitulada de “infodemia e os impactos na vida digital” da Kaspersky, de 2021, 71% dos brasileiros se informam pelas redes sociais, e isto não seria diferente em relação aos feminismos.

7.2 Feminismo nas redes sociais

Girl Power (termo iniciado em 1990)

Segundo Bernardes (2014) a internet possibilita uma expansão da discussão de todos os nichos: cozinha, política, animais, lazer, transformando as fronteiras da comunicação, a qual não precisa mais estar no mesmo lugar, cidade, ou até país para haver esta comunicação. Possibilita, assim, uma ampliação de conteúdos que podem ser acessados e discutidos por todos que têm internet e que saem dela também, como por exemplo, a política que por diversas vezes iniciou a discussão nas redes e foi para as ruas. É com este poder que a internet dá para o sujeito que quer postar e falar o que pensa, que, para Buzato e Severo (2010), a internet e as redes sociais dão um poder emancipatório para as pessoas, as tornando sujeitos que podem opinar sobre diversos assuntos, até sem ter conhecimento para isto.

E assim, os feminismos entram de carona nesses discursos e discussões via internet. O movimento feminista nas redes sociais iniciou em 1990, segundo Tomazzeti (2015), num esforço de várias mulheres para levar esta discussão em blogs e em jornais para mais mulheres compreenderem e saberem sobre o movimento, seus direitos e lutas. Passaram-se cinco anos, e em 1995, ocorre pela primeira vez o Simpósio Internacional sobre Mulheres e os Meios de Comunicação no Canadá para se discutir metas e formas de posicionamento nas redes que ainda eram tão novas e obscuras (TOMAZZETI, 2015).

Atualmente, as redes não são mais tão desconhecidas assim, Pires e Mota (2020) relatam este movimento feminista nas redes sociais. Para Miguel, Marx e Arndt (2020), as redes sociais são essenciais para a quarta onda do movimento feminista no Brasil, pois há um maior compartilhamento de ideias, movimentos e atos, como foi a Marcha das Vadias⁶⁹ em 2010 no Brasil, que iniciou nas redes e teve milhares de mulheres na rua. Este movimento nas redes sociais chama-se de ciberfeminismo, apresentado como uma estratégia de um local para se falar de feminismo para todas. Ciberfeminismo significa:

(...) uma prática feminista em rede, que tem por intuito, tanto politicamente, quanto esteticamente, a construção de novas ordens e

⁶⁹ A Marcha das Vadias protesta contra a crença de que as mulheres que são vítimas de estupro teriam provocado a violência por seu comportamento. Por isso, marcham contra o machismo, contando sobre os seus próprios casos de estupro.

desmontagem de velhos mitos da sociedade através do uso da tecnologia. (LEMOS, 2009, p.09)

M3 está inserida nesse ciberfeminismo e assim aprende sobre feminismo neste espaço:

M3: Sigo muitas páginas sobre feminismo no Instagram, até para eu aprender mais sobre esse assunto e também entender como está o movimento, para num futuro ensinar minha filha e tentar dar um mundo melhor para ela.

E este movimento está tão grande que sai das redes sociais e vai para as ruas. Como o movimento #EleNão, que iniciou em grupos de redes sociais de mulheres que não queriam a eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Nas discussões das redes, organizou-se um dia para mulheres saírem às ruas e berrarem: ele não⁷⁰, e desta forma, no dia 30 de setembro de 2018, milhares de mulheres em 114 cidades do Brasil e do mundo saíram de suas redes sociais. Segundo Rosi, Carneiro e Gragnani (2018), esta manifestação foi a maior manifestação de mulheres no Brasil em toda sua história.

Figura 31: Manifestação #Elenão



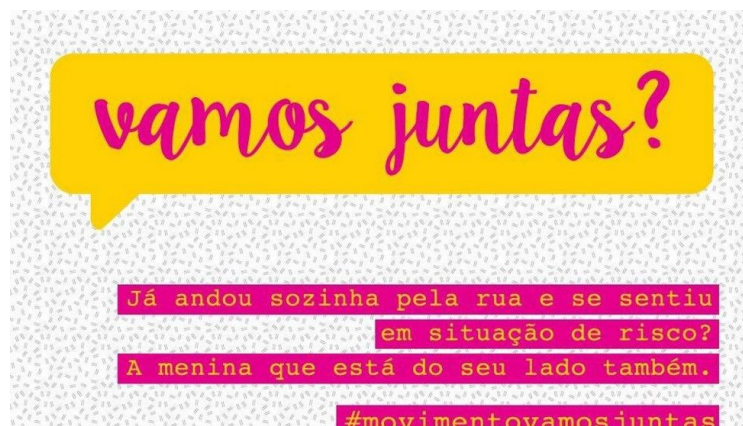
Fonte: Google Imagens (2017)

Como também há movimentos que se iniciaram na rua e foram para as redes sociais. Como o movimento ‘Vamos Juntas?’. Movimento criado por Babi Souza, que recebeu o apoio de outra mulher enquanto ia do ponto de ônibus até sua casa à noite. A rua era escura e Babi sempre tinha medo de fazer este trajeto, mas neste dia teve companhia e a compreensão de que, quando está junta com outras mulheres, a

⁷⁰ Compreensão de não querer Bolsonaro como presidente da república do Brasil.

criminalidade de estupro diminui. Isso fez com que ela abrisse o movimento para mais mulheres caminharem juntas e, assim, diminuir o medo e a violência contra elas. Após, o crescimento nas ruas, o movimento saiu da periferia de Porto Alegre e entrou nas redes sociais, implicando em mais mulheres para estarem juntas (SOUZA, 2015)

Figura 32: Movimento ‘vamos juntas?’



Fonte: Google Imagens (2015)

M2 também comenta a importância das redes sociais para o movimento feminista:

M2: Eu acredito que a formação das bases pode estar atrelado às redes sociais. Se você pegar meninas da periferia, de repente o único lugar que elas vão ter acesso ao feminismo é nas redes sociais, então, temos que cada vez mais fomentar de ideias boas e elucidativas para elas.

Nas redes sociais, o feminismo vegano também está presente. Monteiro e Garcia (2013) iniciaram uma pesquisa sobre o movimento feminista vegano nas redes sociais e encontraram diversos sites e blogs com estas discussões, mostrando que atualmente muitos dos movimentos sociais constam nas redes sociais, ampliando as discussões e a quantidade de pessoas que podem acessar as mesmas. O feminismo vegano é uma destas discussões que cresce nas redes sociais, como o coletivo FeminiVegan.

Este é o objetivo do coletivo FeminiVegan, coletivo feministas veganas, que cada vez mais estão nas redes sociais para mostrar seus estudos e lutas contra o

especismo e o feminismo vegano. Em suas redes social, Fabebook, tem mais de 2 mil seguidoras.

Figura 33: FeminiVegan



Fonte: Facebook (2020)

Nas postagens desta conta, mulheres informam que todas as fêmeas, incluindo mulheres humanas, dividem os mesmos anseios de liberdade em relação ao seu corpo, como também aos seus filhos e fetos. E com este tema, em 2018, este movimento vai ao podcast Outras Mamas, para discutir sobre o feminismo vegano (FACEBOOK, 2022). Outras Mamas surgiu em 2018 com o objetivo de levar informações sobre o feminismo vegano a mais mulheres. Deste então, são mais de 100 episódios que relaram a luta antiespecista e antimachista (OUTRASMAMAS, 2022). No seu primeiro episódio, o podcast Outras Mamas fala sobre o livro ‘Política Sexual da Carne’ de Carol Adams. O episódio número um tem como título: ‘estupro de animais, retalhamento de mulheres’. Na arte de divulgação deste episódio na rede social Instagram, a postagem teve 15 comentários, todos de mulheres mostrando interesse pelo feminismo vegano (OUTRASMAMAS, 2018). Desta forma, percebe-se que o podcast e as redes sociais podem disseminar conteúdos feministas e, neste caso, veganos também, que M3 usa em seu dia a dia, para aprender sobre feminismo, veganismo e até novas receitas:

M3: Acho muito legal a internet! Me ajuda demais a compreender. Até na cozinha, vejo muito receitas veganas para fazer para meus filhos. Não sei como as pessoas eram veganas sem internet, ajuda demais.

Um exemplo na cozinha vegana e no ativismo das redes sociais é o de Rita Von Hunty, do canal Tempero Drag. Rita é uma drag queen. Para Vencanto (2002, p. 3), drag queen, de modo geral, são homens que se transvestem, mas sem o intuito de se vestir de

mulheres, mesmo que de forma caricata. A drag Rita Von Hunty começou nas redes ensinando receitas veganas e atualmente aborda assuntos sobre marxismo, veganismo e feminismo, todos com enfoque político. Em seu canal do Youtube⁷¹, há um milhão e cinco mil inscritos⁷². Em um vídeo publicado dia 01 de abril de 2021, Rita fala sobre o Agronegócio e sua importância na vida das mulheres. Neste vídeo, ela comenta que “não existe uma saída individual, para um problema social”, ao falar sobre a comida e sobre o machismo (HUNTY, 2021). Pois, segundo Hunty (2021), tanto a fome quanto a violência contra gênero são problemas sociais, necessitando de combate de toda a sociedade. Mostra, também, as dificuldades que são necessárias para fazer movimentos na sociedade, e que as redes sociais são um caminho importante, mas necessitam do espaço público junto (HUNTY, 2021).

Figura 34: vídeo tempero drag.



Fonte: Canal do Youtube Tempero Drag (2019)

Youtube, Instagram, Facebook, entre tantas outras redes sociais que foram tomadas pelo feminismo, contribuem para uma educação mais igualitária, porém as informações não são percebidas por todas as pessoas de forma igual e nem escritas de forma igual. Ao mesmo tempo em que há a disseminação de uma educação ao feminismo, também há discussões opostas, de discursos de ódio, misóginos e anti-feministas, fazendo com que algumas pessoas se distanciem do feminismo ou não o compreendam. Por exemplo, M4 que não se considera feminista:

⁷¹ YouTube é uma plataforma de vídeos online. Por meio dela, usuários podem assistir, criar e compartilhar vídeos pela internet. Fundada em 2005, a plataforma possui mais de um bilhão de usuários pelo mundo.

⁷² Esta contagem é feita até dia 16 de outubro de 2022, dia da escrita deste capítulo.

M4: Não me considero feminista. Acredito que tanto homem quanto mulher pode tudo, não tem quem é melhor. Eu consigo o tanto que eles. Vejo muito nas redes sobre feminismo, mas não entro na ideia. Estou e posso estar em todos os lugares.

M4 relata que já esteve por diversos lugares que são ocupados, majoritariamente, por homens, como a polícia militar, onde trabalhou por nove anos. Algo que ocorre também em sua nova profissão, o fisiculturismo, em que há mais homens que mulheres trabalhando como fisiculturistas no Brasil. Para Isa Pereira Nunes, atleta fisiculturista, os homens ainda têm mais patrocínios e facilidades nos campeonatos de fisiculturismo no Brasil e no mundo. (MACCARONI, 2022). Contudo, Nunes acredita que em todos estes lugares podem estar mulheres e homens, com os mesmos direitos.

7.3 Lugar da mulher

“Lugar de mulher? Onde ela quiser.” (autor anônimo)

Houve diversas mudanças nas perspectivas sobre o lugar das mulheres na sociedade ao longo dos anos, como M4, que inicia novas discussões em sua carreira, algo que antes era pertencente exclusivamente aos homens. E isto ocorre em decorrência de inúmeros movimentos sociais de igualdade de gênero, que levam ao questionamento do lugar que as mulheres ocupam no trabalho, com as mulheres ocupando também na força política, fonte de conhecimento e importância no meio empresarial. As mulheres conquistaram trabalhos e carreiras devido a tantos movimentos de igualdade (LIPOVETSKY, 2004). Desta forma, a imagem de algumas mulheres⁷³ foi modificada na sociedade, antes vista como frágil e necessitada de proteção, ganhando novos contornos de poder, em relação às suas potencialidades no trabalho e carreira, sendo percebidas pelas suas realizações e competências (MALUF e KAHHALE, 2007), como M4 diz abaixo:

⁷³ Algumas mulheres, como mulheres negras nunca foram vistas como frágeis, e sim, fortes o bastante para trabalharem. Assim, é percebido esta visão de fragilidade a mulheres brancas e não escravizadas.

M4: Quando era policial, todos meus colegas eram homens, não tinha mulheres na corporação. Tudo era uma luta para mostrar que eu tinha que ser respeitada por eles. Era difícil, mas muito prazeroso quando via o reconhecimento.

As mulheres entraram pela primeira vez na corporação da Polícia Militar no Brasil na década de 50, antes só homens poderiam exercer esta profissão no país. Esta mudança veio diante de modernizações em uma guarnição totalmente masculina. O primeiro estado a ter mulheres foi São Paulo e criou o Corpo de Policiamento Especial Feminino, na década de 70. Após vinte anos, o Paraná foi o segundo estado brasileiro que também iniciou a aceitação das mulheres na Polícia Militar. (MOREIRA, 2011) Contudo, mesmo no Corpo de Policiamento Feminino, as mulheres eram reservadas para pequenas atividades e em espaços específicos (MOREIRA, 2011). Após mais de 30 anos, houve poucas mudanças, como não haver mais um local específico para as mulheres. Agora as policiais mulheres podem e devem fazer todos os trabalhos para os quais foram contratadas, assim como os policiais homens. Entretanto, ainda em número muito reduzido, pois só 12% de todo efetivo da polícia é composto por mulheres no Brasil (LOPES, 2020). Ainda há preconceito e sexismo em uma corporação machista, como confirma M4 em sua fala abaixo:

M4: Tinha uns caras legais lá, mas a maioria não queria conversar comigo. Era um saco, tive que mostrar minha força diversas vezes. Hoje acho que iria ser colocada na polícia ambiental, já que sou vegana. Acho que ia gostar de lutar pelos animais na minha cidade.

As mulheres na polícia militar no Brasil iniciaram 2023 com uma vitória, a primeira mulher a comandar uma unidade foi empossada em Maracajá, Santa Catarina. No dia 01 de fevereiro de 2023, Brianna Tossetto de Souza se tornou a primeira mulher no comando da polícia ambiental no Brasil. (SULEMFOCO, 2023) A polícia ambiental é um prolongamento da polícia militar, que tem como foco a preservação do meio ambiente e dos direitos dos animais não humanos. Em Santa Catarina foi criada em 2015, com 19 unidades pelo estado e mais de 800 policiais (SC, 2022). Nestes anos, vários trabalhos foram realizados, mas para M2 a polícia não tem feito muito aos animais não humanos, necessitando do ativismo de militantes:

M2: Eu sou militante desde muito cedo! E acredito que sem a militância não iria dar certo nenhum movimento. Nem o vegano. É gente do dia a dia que faz os movimentos sociais andarem e serem conhecidos.

Como, por exemplo, num dos maiores casos em que a polícia ambiental não ocupou seu espaço e diversos manifestantes tiveram que entrar em uma empresa privada e retirar cachorros que eram usados para experimentos, como relata uma reportagem do site Globo:

Dezenas de ativistas derrubaram um portão e invadiram, por volta das 2h desta sexta-feira. Eles levaram em carros próprios 178 cães que estavam no complexo, motivados pelas suspeitas de que os bichos sofriam maus-tratos no local, e registraram boletim de ocorrência. Um segundo boletim, por furto qualificado, foi feito contra os ativistas, com base no relato dos policiais que acompanharam a manifestação e a invasão no instituto (G1, 2013).

Esta uma das bandeiras do Veganismo: o fim da exploração animal nos produtos de higiene e cosméticos. Ao fim das investigações, os manifestantes foram soltos e os Beagles ficaram em sua tutela até acharem um lar, mas, como muitos estavam debilitados após tantos anos de explorações, houve mortes de animais após o resgate, como também animais que nunca puderam mais enxergar, caminhar ou ouvir.

Figura 35: Beagles e Instituto Royal



Fonte: Google Imagens (2013)

Estes ativistas muitas vezes estão alinhados a Ongs de proteção animal ou a partidos políticos, sendo que estes outros locais, muitas vezes, têm também a discriminação de não serem lugares de mulher, como afirma M2:

M2: Minha militância dentro do PSOL⁷⁴ faz cinco anos, hoje sou presidente do PSOL Joinville e um dos meus maiores objetivos é ter mais mulheres na política. Tenho grandes inspirações, como Erundina⁷⁵, Dilma⁷⁶, Manuela⁷⁷, tantas mulheres que lutam e são grandes exemplos. Precisamos ser resistência em um lugar que por tanto tempo não foi nosso.

Segundo Veronka (2022), as mulheres conquistaram o direito em votar em 1932 no Brasil. No ano seguinte, 1933, já houve a primeira deputada federal eleita do país, Carlota Pereira de Queirós. Em 1979, a primeira senadora, Eunice Michiles. E só em 2010, a primeira presidenta do Brasil, Dilma Roussef, que teve seu mandato terminado antes do tempo, em 2016, decorrente de um golpe político. Estes anos espaçados mostram a grande dificuldade que existe em relação à mulher na política. Atualmente só 17,3% dos assentos da Câmara são de mulheres, sendo um dos países de menor projeção política feminina. Em análise, foram eleitas 651 prefeitas (12,1%) contra 4.750 prefeitos homens (87.9%), nas eleições de 2020. Já para as câmaras municipais, o número de vereadoras eleitas aumentou desde a última eleição de 2016, com 9.196 vereadoras eleitas, mas ainda de apenas 16% contra 84% (48.265) de vereadores homens (VERONKA, 2022). Realidade esta que M2 vive em Santa Catarina.

M2: Temos pouquíssimas representantes do povo nas ALESC [Assembléia Legislativa de Santa Catarina]. Há inúmeras mulheres que querem, que lutam diariamente por um país melhor, mas o dinheiro vai para os homens que já estão no poder. A máquina pública é machista.

E estes números caem quando o corte vai para mulheres indígenas, que lutam pelo direito dos animais não humanos e o meio ambiente. No primeiro seminário das Originárias da Terra, mulheres indígenas que se encontram para discutir a política, pois

⁷⁴ Partido Socialismo e Liberdade

⁷⁵ Luiza Erundina, deputada Federal PSOL por São Paulo

⁷⁶ Presidente da Republica nos anos 2011 a 2016

⁷⁷ Manuela D'ávilla, ex Deputada Federal PCB por Porto Alegre

muitas vezes o povo originário no Brasil não é lembrado, esquecendo seus direitos, como a tentativa de implantação do Marco Temporal ⁷⁸ou o Desmonte da Funai⁷⁹, instituição na qual, nos anos da pandemia, não socorreu diversas aldeias que necessitavam de suporte médico e vacinal da COVID-19. Mas lugar da mulher indígena também pode ser na política, lutando por seus direitos, como Kerexu⁸⁰ publicou em seu Instagram.

Figura 36: Kerexu



Fonte: Instagram pessoal (2022)

Entretanto, as mulheres indígenas ainda têm diversas outras lutas, como a sexualização de seus corpos. Para Tapajós de Fato (2022), nas revistas e novelas, as mulheres indígenas aparecem sem roupas, com seu corpo à mostra, em algumas vezes, só com uma folha cobrindo partes do seu corpo. Como também em carnavais brasileiros, em que as mulheres indígenas são vistas como uma fantasia sensual para as mulheres. Os corpos das indígenas são vistos e se tornam objetos, desde quando os portugueses chegaram ao Brasil.

7.4 Corpo

“A violência contra o corpo de fêmeas não humanas mostra como o patriarcado é também especista.” (autor desconhecido).

⁷⁸ A tese do marco temporal prevê que só devam ser demarcadas as terras ocupadas pelos povos indígenas até a data da promulgação da Constituição, em 5 de outubro de 1988.

⁷⁹ Fundação Nacional do Índio

⁸⁰ Liderança indígena Mbya Guarani e Coordenadora Executiva da articulação dos povos indígenas no Brasil e Cofundadora Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade.

Segundo Foucault (1987), o corpo representa a liberdade dos seres no momento que é desnudo, mas ao ser apresentado à sociedade se corrompe ao entrar em regras, sendo vigiado e, conseqüentemente, punido ao não cumprimento das regras sociais. O corpo frágil, flácido e sedentário, simboliza descaso, indisciplina. Já um corpo viril, forte é a conquista, a felicidade. Privilegia-se a aparência do corpo e não sua condição saudável, pois é a aparência que é fundamental à sociedade. E é nestas condições que a mídia se coloca muitas vezes: no corpo perfeito e na mostra de felicidade embutida neste corpo. A mídia tem uma grande participação na vida de pessoas, por entrar facilmente na casa de todos, mostrando belas mulheres, com corpos viris e esculpidos (GARRINI, 2007), sendo um corpo não verdadeiro,

o corpo veiculado nos meios de comunicação de massa não é o corpo de natureza, nem exatamente o de cultura na sua dimensão de expressão de corpo humano: é imagem, texto não-verbal que representa um ideal. É o que denominamos corpomídia: construído na mídia para significar e ganhar significados nas relações midiáticas. (CAMARGO E HOFF, 2002, p. 26-27)

M2 relata que, na sua adolescência, como não tinha este “corpomídia”, era sempre questionada:

M2: Sempre fui muito magrinha, várias pessoas vinham me incomodar e perguntar por que era tão magra. Ou seja, o corpo da mulher sempre é visto e discutido entre as pessoas.

Um corpo visto como objeto é um objeto da relação de gênero e de opressão. Um corpo que quem dita o que é bonito ou feio são os homens, fixando o poder do gênero masculino em cima do corpo das mulheres, isolando o sujeito do seu próprio corpo, tanto de suas vontades e necessidades. “Trata-se de uma representação corpomáquina”, um corpo feminino passivo, que serve os propósitos de outros”. (CIRINO E CASTRO, 2019, p. 419). Para Neto (1996), o corpo demonstra o que a sociedade percebe e quer ver esse corpo. Assim, o corpo feminino que é quisto, é sexy⁸¹, ao mostrar partes do corpo, causando um mistério. Em 1996, a capa da Placar, revista brasileira sobre futebol fez uma homenagem à seleção brasileira feminina, que estava conseguindo

⁸¹ O que é sexy também é uma construção social que já foi modificado ao longo dos anos.

títulos neste ano. A capa mostra o corpo objeto, no qual o futebol não interessa e nem as conquistas, e sim, o corpo e suas curvas.

Figura 37: Capa Revista Placar 1996



Fonte: Google Imagens (1996)

Cabe ressaltar, que o movimento feminista, no decorrer de sua história, tem tecido discussões acerca da objetificação do corpo das mulheres. O conceito de objetificação teve início na década de 70. O termo consiste em comparar uma pessoa a um objeto, sem perceber seus atributos emocionais e psicológicos. Nas propagandas, por exemplo, a objetificação feminina foca no atributo sexual, esquecendo de atributos, como inteligência (HELDMAN, 2012). Para Loureço et al (2014), os corpos femininos nas propagandas são mostrados fragmentados, e de forma sexualizada, o objetivo disto é a venda de produtos, não importando como as mulheres irão se perceber nestas mídias. As autoras ainda apontam que as propagandas e a internet estão cada vez usando mulheres mais jovens, e expondo estas meninas para saltos altos, maquiagens. (Loureço et al, 2014). Mesmo que esta seja uma pauta feminista há bastante tempo, presenciamos ainda de forma intensa a busca por um “corpo perfeito”, exaltado nas redes sociais, séries, revistas ao longo dos tempos. Como reitera M4, que trabalha numa academia, onde diversas mulheres a procuram com este objetivo:

M4: Cada vez mais o corpo está em evidência. Tenho várias mulheres que me procuram para treinar. No começo pensava que iam vir mais mulheres para ficar fortes e grandes. Mas não, chegam muitas querendo emagrecer, mudar o corpo para se sentirem melhores na sociedade, em seus trabalhos e também relacionamentos.

Após 10 anos, a revista Placar faz pela primeira vez em sua história uma revista exclusiva para o futebol feminino, na qual mostra a jogadora de futebol Marta Vieira da Silva⁸² na capa, com o questionamento do porquê ela é a melhor jogadora de todos os tempos e após, na resposta, mostra todo o esforço que ela teve que realizar para chegar nesta posição (e que ainda se esforça, diante de baixos salários e patrocínios no futebol feminino no Brasil). Mostra um passo grande entre os anos de 1996 da primeira capa acima e a desta abaixo. A capa mudou, mas a desvalorização do futebol feminino ainda é presente, como Marta confirma em sua entrevista à Placar.

Figura 38: Capa Placar sobre Futebol feminino em 2019



Fonte: Google Imagens (2019)

O corpo para uma atleta de futebol ou de outro esporte, como o fisiculturismo, esporte do qual M4 é atleta, são corpos muitas vezes sexualizados. Contudo, M4 reforça que são corpos que devem ter muita consistência de treinos e alimentação adequada

⁸² Marta Vieira da Silva, a Marta, é a principal jogadora de futebol do mundo e atua em campo na posição de atacante. Nascida no município de Dois Riachos, em Alagoas, no dia 19 de fevereiro de 1986, a brasileira é chamada de rainha do futebol e foi eleita seis vezes como a melhor jogadora do mundo pela Federação Internacional de Futebol (Fifa).

para chegarem onde estão. Entretanto, M4 relata que até estes esforços são marginalizados e devem ser comprovados. Assim, M4 reclama que sempre as mulheres precisam provar sua força para serem admiradas, assim como Marta. Comenta M4:

M4: O corpo é ainda adoração, tendo sempre que ter muito esforço para chegar aonde se quer. Sempre sou questionada de como consegui o corpo que eu tenho, se usei bomba, se usei alguma coisa. E as pessoas não conseguem entender que teve muito foco e determinação para eu ter esse corpo. Parece que sempre temos que nos confirmar. Ó tá aqui, eu fiz isso, isso e isso. Agora entendeu o porquê meu corpo é assim.

A fala de M4 está em consonância com a ideia de corpo objeto, que sempre precisa ser reafirmado. Para Ghisleni e Lucas (2016), para as mulheres poderem enxergar seus corpos como não objetos é necessário que haja um autoconhecimento por estas mulheres e elas perceberem seus corpos. Mas algumas influências do meio externo podem também auxiliar na compreensão do corpo positivamente, para M1 e M4 o veganismo ajudou nesta percepção seus corpos.

M1: Reconheço mais o meu corpo. Como depois de parar de comer carne fui estudar para conseguir todos os nutrientes necessários, compreendi muito mais do meu corpo, o que preciso, quanto comer. E assim, me sinto muito melhor, mais feliz com meu corpo, algo que não sentia antes, quando comia carne. Ele [o corpo] está mais bonito, acho que vem de dentro para fora.

M4: Hoje compreendo o que meu corpo precisa, já sei a quantidade de comida e isso é tão importante. Antes comia muito, sem saber o que vinha, como vinha. Agora tenho consciência do que como e do porquê como aquilo. Meu corpo agradece e vejo resultados ótimos por causa desse conhecimento de mim mesma. Tipo o leite, tem muito hormônio naquilo, a pessoa fica inchada, com gases, tem que tirar para ter um corpo massa.

A partir da fala de M4 sobre leite, ressalta-se um estudo publicado no periódico médico *International Journal of Epidemiology*, da *International Epidemiology Association*, IEA (GARY e FRASER, 2020) vincula o consumo de leite de vaca com o aumento de alguns tipos de câncer, como o câncer de mama, ovário e próstata, pela

grande ingestão de hormônios neste leite. Assim como, problemas de alergias ao leite, associado ao composto caseína, uma proteína que tem no leite da vaca, aumentando exponencialmente alergias ao leite, mesmo em crianças menores de três anos (Mercy, 2020). Isso foi decisivo para M3 virar vegana:

M3: Eu parei de comer até por causa dos hormônios que tem no leite. Tanto que tantas pessoas tem intolerância, como meu filho que já nasceu intolerante ao leite da vaca. Até porque ali tem muita coisa que nem se sabe.

Assim, como o leite também é rico em gordura saturada, e a ingestão destes alimentos e seus derivados podem elevar o risco de doenças cardiovasculares e infecções no nosso corpo. Há também a interferência da produção das fezes, em que não conseguem se formar pela grande gordura saturada que há nestes alimentos (WVEGAN, 2021). Problemas que M1, M4 e M2 relatam não terem mais após tornarem-se veganas:

M1: Me sinto muito menos inchada, após parar de comer carne. Com muito bem-estar. Também diminuiu espinhas, pelos processos de inflamação que tem na carne e no leite.

M2: Nossa, meu rosto mudou demais após parar de comer derivados, está mais claro. E sem falar das idas ao banheiro. Antes meu intestino era super preso e agora funciona muito bem. E tudo isso é em relação as minhas escolhas e o que coloco no meu corpo.

M4: Mas sempre a maior questão que me perguntam quando eu falo que sou vegana é o que coloco no prato, o que eu como. Aí mostro meu cardápio e as pessoas ficam loucas de tantas coisas. O meu corpo mudou e a resposta são os diversos alimentos que coloco em minha dieta.

Assim, percebe-se que uma das razões para se aderir ao veganismo é ainda a alimentar. Segundo Davidson (2021), o veganismo ainda é muito associado a dietas, o que se pode ou não comer e é esquecida toda a luta política aos animais. É importante a comida que se come e todo os processos inflamatórios que ocorrem no corpo, mas, para Davidson (2021), o veganismo precisa também olhar os corpos dos animais não humanos. Quando se olha a evolução dos corpos das galinhas, é percebido como a indústria da carne não beneficia estes animais e nem sua saúde corporal. Em um curso

encontrado na internet para avicultores, há módulos de como engordar a galinha mais rápido, para assim, matá-la também mais rápido, como também o ensino de quantos quilos de alimentos tem que dar a esse animal não humano para ela poder dar mais ovos por dia. O natural da galinha é dar um ovo por dia e, assim, criam-se maneiras para modificar o corpo do animal não humano para ele produzir mais (CURSOS CPT, 2015). Para Davidson (2021), isto é o olhar capitalista aos animais não humanos e a questão de ganhar mais em cima dos mesmos. E ainda em relação às galinhas, muitas delas, por causa deste sobrepeso, não conseguem se aguentar mais em pé, tendo muitas vezes suas patas quebradas ou não conseguindo se movimentar, apesar de serem animais não humanos muito inteligentes. Pesquisas mostram que uma galinha consegue reconhecer mais de 100 pessoas e tem a inteligência média de uma criança de dois anos (MERCYofANIMALS, 2016).

Figura 38: Galinha com patas quebradas



Fonte: Mercy For Animals (2018)

Entretanto, independente disso, é ensinado para os seres humanos a olharem os animais-não-humanos como corpos para serem abatidos e não corpos inteligentes e amorosos. E a necessidade que há em comê-los, diante da teoria que é necessário comer carne e derivados, pois senão houver os abatedouros, os animais não humanos não teriam utilidade e ficariam ‘sobrando’ na sociedade. Desta forma, se não os matasse, eles poderiam até dominar os seres humanos pela sua quantidade (JOY, 2010). Contudo, há pessoas que não aceitam esta teoria e percebem os animais-não-humanos como seres que não precisam ser mortos, como as entrevistadas:

M4: O animal nem se aguenta em pé. Não tem como achar que isso é natural e de boas. O corpo deles não é feito para isso, e estamos comendo todo esse veneno, todos esses hormônios que dão para o animal crescer desenfreadamente. É isso que estamos colocando no nosso corpo quando comemos um animal.

M1: Precisamos olhar os animais e o quanto eles sofrem. Quando era pequena pegava ovos das galinhas com a minha vó e as via felizes. Nem pensava no mal que estava fazendo a elas e até ao meu corpo, comendo aquilo.

A boca, para Carmo (2018), é um local que relaciona a exploração dos corpos de fêmeas-não-humanas e de mulheres. Em relação às mulheres gordas, a sociedade pede para que ela feche a boca, ou seja, que ela pare de comer. Para as mulheres magras, há o pedido que ela abra a boca e coma mais, para, assim, ela não ficar doente. Igualmente como as fêmeas-não-humanas, que a boca também é explorada: a porca que no Natal tem uma maçã em sua boca, para enfeitá-la. A galinha que tem seu bico lixado para não machucar outras galinhas, após dias de estresse numa gaiola lotada. Desta forma, as bocas das mulheres e das fêmeas-não-humanas, que são necessárias para expressar esta exploração, são recheadas de necessidades dos outros. O livro ‘A Vegetariana’ de Han Kang, de 2018 explicita esta exploração. Em uma cena, o pai protagonista, coloca um pedaço de carne a força na boca da filha vegana, sendo chamado este momento de ‘estupro’ pela autora Han Kang. A opressão aos corpos de mulheres e animais-não-humanos são realizados em diversos momentos, e a boca é um destes.

A partir disto, termina-se esta análise com a letra⁸³ da música “Primavera Silenciosa”, da banda Lumpen, que discorre sobre o holocausto dos animais não humanos que estão numa posição indefesa, sem ajuda e sem a percepção dos seres humanos de sua dor e vida:

Rasgando a inércia do silêncio, a voz dos que não tem voz, um basta para todo este holocausto, de seres indefesos diante do deus-mercado. Justificativas infundadas como base, para tanto sofrimento, especismo como desculpa para o massacre de milhares de animais indefesos. Abstinência do sangue derramado em vão, a escolha foi feita, igual consideração de interesses. Experiências em vida, por uma ciência que mente. Você não quer ver a verdade, animais sofrem. Vidas inocentes tiradas do seu

⁸³ A letra foi retirada do site Vagalume.

*curso natural, racismo, sexismo e especismo, baseados na ideia de você do homem
como centro de tudo.*

*Um caminho a seguir, uma ética incontestável, resgatando o equilíbrio, um grito
que urge.*

Libertação animal, voltando à mãe terra

Viva a libertação animal. Viva o veganismo e todos os animais não humanos.
Deixem todas fêmeas viverem!

8. CONCLUSÃO

Ainda há um número baixo de pesquisas acadêmicas brasileiras sobre a intersecção entre feminismo e veganismo, comparado a tantas pesquisas que são realizadas no Brasil anualmente sobre diversos temas, como explanado na introdução. Confirmando isso, o principal livro de discussão sobre este tema é o de Carol Adams, “A Política Sexual da Carne”, publicado em 1990, ou seja, este livro continua sendo a produção central sobre este tema. A partir desta data, no Brasil, foram publicados mais três livros, sendo que dois são da mesma autora, Patrícia Lessa, publicados em 2017 e 2019, e o outro livro é de Martina Davidson, publicado mais recentemente, em 2022. Carmo (2013), mulher acadêmica e estudiosa sobre feminismo e veganismo, discorre que Adams é ainda a maior referência sobre o tema e que suas teorias são usadas até os dias atuais, como, por exemplo, a teoria do referente ausente. Carmo (2013) também discute a baixa publicação sobre feminismo e veganismo no Brasil e a pouca ampliação da teoria. Assim, é necessário que haja mais pesquisas sobre esta intersecção, a fim de ampliá-las e/ou aprofundá-las, um dos objetivos pessoais desta pesquisa.

O livro de Carol Adams também foi essencial no início desta dissertação. Desta forma, me coloco em primeira pessoa para expor o caminho desta pesquisa. Sou da causa animal há dez anos, faço parte da diretoria de uma Ong de proteção animal de minha cidade há nove anos e nunca compreendia a lógica de se discutir a vida dos animais em situação de rua ou comendo outros animais-não-humanos num churrasco. Contudo, o gosto da carne e a cultura carnista não me deixavam pensar em parar de comer. Até que, em um final de semana em que fui para Porto Alegre visitar minha família, num evento no qual tinha churrasco, decidi parar de comer carne. Deste então, passaram-se sete anos. Foi um período difícil pelo costume de sempre comer a carne. Entretanto, documentários sobre o abate animal me ajudaram a continuar neste caminho. Mas a vontade de continuar na luta contra a exploração animal não diminuía, só que, novamente, o gosto me boicotava. A vontade de comer queijo e ovo eram

maiores que minha vontade de parar a exploração. E neste momento veio o livro de Carol Adams. Li a “Política Sexual da Carne” na pandemia e compreendi a ligação da exploração de todas as fêmeas. No mesmo período, escutei um episódio⁸⁴ do Podcast “Outras Mamas”, que falava sobre a exploração das vacas leiteiras, tendo seus bezerros arrancados delas após o parto. Diante destas explorações dos corpos femininos, parei de comer os derivados destes animais. E, também, derivados de outras fêmeas, como os da galinha, e da abelha, ampliando para todas as fêmeas. O gosto não era mais importante. Assim, o livro de Carol Adams ampliou minha discussão sobre libertação animal, tornando-me vegana, feminista vegana, e com esta dissertação, gostaria de saber se também tinha ampliado estas discussões para outras mulheres veganas. Eu acreditava que todas as mulheres após se tornarem veganas, tinham também se tornado feministas, pois para mim, foi este o caminho: olhar o sofrimento das vacas, me tornar vegana e feminista. Mas durante o meu caminho na dissertação, percebi que não é igual a todas as mulheres estas mudanças. Algumas mulheres não se consideram feministas ou tem discussões de feminismos diferentes de mim. Desta forma, percebi que há diversas formas de se tornar vegana e não pelo caminho do feminismo e isto não deslegitima o veganismo e a luta pela libertação animal daquela mulher.

Quando conto que sou vegana a alguém que a recém conheço, há primeiramente, um espanto de que alimentos eu como e sobre as proteínas, após estas discussões, há elogios, falas de entusiasmo com o veganismo, mas falando que não conseguem fazer igual, não parando de comer carne. No começo do meu veganismo, militava e mostrava a eles formas de se tornar vegana, contando minha história e contando sobre as vacas leiteiras. Após as minhas entrevistadas, não conto mais minha história, e sim, deixo o outro contar a sua história e perceber que, primeiramente, a pessoa pode nunca se tornar vegana e está tudo bem e se realizar esta transição para o veganismo, pode ser pela vaca leiteira e o feminismo, o meu caminho, mas também pode ser por diversos outros caminhos e mudanças. E a percepção das diversas mudanças que há em relação ao veganismo, exponho a segunda parte do título desta pesquisa.

Na segunda parte do título desta dissertação, fez alusão a uma discussão que aborda como mulheres veganas percebem suas mudanças após tornarem veganas, fazendo um parâmetro de antes e depois do veganismo. Nas entrevistas, foram realizadas perguntas sobre as mudanças em suas vidas: no trabalho, nas relações

⁸⁴ Episódio 88: O leite e o guia alimentar, com Giovana Cezar.

amorosas e familiares, no corpo, nas relações com os animais e com o meio ambiente, após se tornarem veganas. Nas entrevistas, foram percebidas diversas mudanças nestes aspectos. Como M1, que trocou seu emprego após se tornar vegana. M1, antes do veganismo, era vendedora de uma loja e após o veganismo e a dificuldade de encontrar comida sem derivados de animais no centro de sua cidade abriu uma empresa de marmitas veganas, tornando-se empresária. Mudanças nas relações amorosas, ocorreram na vida de M2, que disse que, após tornar-se vegana, os encontros com pretendentes eram mais difíceis, pois estes encontros sempre tinham relação com comida. Até que M2 encontrou um parceiro vegano, facilitando, assim, os encontros. No que tange às mudanças familiares, M3 deu destaque à gravidez, uma vez que se tornou vegana após seu primeiro filho ter intolerância à lactose. Atualmente, seu marido e seus dois filhos são veganos. M3 comenta que o veganismo mudou sua família, chegando seu filho a discutir com um colega em que, no meio da brincadeira, queria fritar um peixe, algo inadmissível para o filho de M3. Em relação a mudanças no corpo, a entrevistada fisiculturista, M4, diz que houve diversas mudanças após o veganismo. M4 percebe mudanças no seu corpo, tanto em relação à sua disposição, sentindo-se mais disposta sem comer leite e carne, quanto ao seu desempenho físico, sentindo-se menos inchada, e, assim, aparentando mais seus músculos. Em relação às mudanças, a percepção frente aos animais e ao meio ambiente foi unânime entre as entrevistadas: todas perceberam mudanças. M1, que sempre amou os animais, sente-se mais próxima a eles após se tornar vegana. M2, que conviveu com animais a sua vida inteira, disse que a sua relação de respeito a estes animais melhorou após o veganismo. M3 quer mostrar a seus filhos uma relação mais igualitária entre animais e humanos, acreditando que isso se inicia no prato. M4, que nunca tinha estudado sobre o meio ambiente, percebe o quanto comer carne interfere negativamente no meio ambiente, compreendendo, assim, que o veganismo pode ajudar na manutenção e vida do meio ambiente. Mudanças diferentes e iguais a minhas e possivelmente, diferentes das pessoas que elogiam e questionam o meu veganismo.

Uma categoria que eu não tinha pensado antes das entrevistas, por não ter ocorrido comigo, e que vieram em todas as falas das entrevistas foi o ato de cozinhar. M1, que antes não cozinhava, hoje trabalha na cozinha. M2 aprendeu a cozinhar após se tornar vegana. Quando M2 se mudou, acabava almoçando na rua, em restaurantes. Após o veganismo e a dificuldade de achar alimentos, M2 foi à cozinha, conhecendo um novo

amor. M3 cozinha para seus filhos aprenderem novos gostos e perceberem que não precisam comer carne e derivados para se sentirem fortes e saudáveis. M4 reaprendeu a fazer sua dieta sem os ovos e o frango, mostrando que há força nos alimentos vegetais. O ato de cozinhar virou um capítulo a parte nesta dissertação, diante da explanação deste tema nas entrevistas.

Os significados do que é veganismo para as entrevistadas são: saúde, amor aos animais, vida, o fim da exploração, sendo esses significados discutidos ao longo da pesquisa. As razões para se tornarem veganas, em sua maioria, foram as questões animais, mais discutido no capítulo dois da análise. O sofrimento animal faz com que muitas pessoas parem de comer carne. Segundo a Sociedade Vegetariana Brasileira (2000), 80% das pessoas que decidem parar de comer carne têm como razão os animais e o quanto o abate é cruel a eles. Todas as entrevistadas lembraram seus animais, principalmente cães e gatos, que conviviam na sua infância e o quanto eles eram importantes na sua vida. Muitas delas não tiveram relação com animais de grande porte, como vacas, cavalos, mas a relação com outros animais fez com que elas tivessem empatia por todos os animais-não-humanos.

A conexão entre especismo e sexismo foi discutida no terceiro capítulo da análise. A maioria das entrevistadas não faz esta intersecção, só M2 que traz em sua fala a opressão das mulheres e das fêmeas, considerando que o feminismo precisa se debruçar diante esta luta. Já M1 e M3 não compreendem esta ligação tão claramente. M1 e M3 trazem em suas falas a percepção da mulher frágil e, que assim, gosta mais de estar com os animais e de os proteger. Para Barros e Ramos (2017), este olhar para a mulher frágil é muito comum na sociedade e isso reverbera para cuidado aos animais, tanto que há mais mulheres veganas no mundo do que homens veganos e mais mulheres que se intitulam 'protetoras de animais'. (AUR, 2021). Osório (2018) fez uma pesquisa sobre Ongs de Animais em situação de rua no Brasil e percebeu que seus integrantes são, em maioria, mulheres. Este olhar aos papéis atribuídos às mulheres, discutidos nesta dissertação, tem relação com a maior presença de mulheres neste movimento. O papel é o de protetora e cuidadora dos outros, do meio ambiente e dos animais-não-humanos. Já M4 não se considera feminista e assim não compreende que há conexão entre feminismo e veganismo. Acredita que todos têm os mesmos direitos, não precisando haver o feminismo.

Com esta pesquisa foi possível perceber que há diversas formas de ser vegana, de ser feminista e de olhar a libertação animal. Assim, como novas formas de se fazer pesquisa. Nesta, por exemplo, foi usada a bola de neve, que há suas limitações em entrevistar mulheres parecidas. Uma não diminuindo a outra e sim, percebendo a diversidade do veganismo e do feminismo. Ao fim, desta dissertação, quero agradecer aos olhares ao veganismo, sendo você vegana ou não. Feminista ou não. E, que todas nós tenhamos um mundo mais justo e igualitário, cada uma do seu jeito.

Muito obrigada.

REFERÊNCIAS

ABDALA, K. Dinâmica de competição agropecuária pelo uso do solo e implicações para a sustentabilidade dos recursos hídricos e remanescentes florestais. **Tese de Doutorado**. Universidade Federal de Goiás, 2012.

ABINPET. **Informações gerais do setor Pet.** Disponível em <https://abinpet.org.br/infos_gerais/#:~:text=O%20Brasil%20tem%20a%20segunda,3%20milh%C3%B5es%20de%20outros%20animais.>, 2020

ABOIM, S. O público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.20, n.1, 2012

ADAMS, C. **A política sexual da carne**. São Paulo: Editora Alaude, 2000

AFORA, W. Comer como um passarinho, cozinhar como uma feiticeira: a herança edênica na construção da relação entre gênero e comida. **Cad. Pagu** N.39, 2012

AGENCIASENADO **Projeto sobre cães de apoio emocional para pessoas com deficiência**. Disponível em <[https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/24/projeto-sobre-caes-de-apoio-emocional-para-pessoas-com-deficiencia-vai-a-camara#:~:text=Pessoas%20com%20defici%C3%Aancia%20mental%2C%20intelectual,Jesus%20\(Rеспублиcanos%2DRR\)>](https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/05/24/projeto-sobre-caes-de-apoio-emocional-para-pessoas-com-deficiencia-vai-a-camara#:~:text=Pessoas%20com%20defici%C3%Aancia%20mental%2C%20intelectual,Jesus%20(Rеспублиcanos%2DRR)>)>, 2022

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2017

ANIMALEQUALITY **Problemas com leite**. Disponível em <<https://animalequality.org.br/problemas/leite/>>, 2020

ANTAMARIA, S. **A Cozinha a Nu**. São Paulo: SENAC, 2009

ANZIEU, D. **O Eu-pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988

ARAÚJO, M; SANTO, C. Vínculo afetivo materno. **Revista Psicologia, Diversidade e saúde**. V.5, n.1, 2016

AUR, D **Por que mulheres são maioria no Movimento Vegano? Cadê os homens?** Disponível em <<https://www.greenme.com.br/alimentar-se/vegetariano-e-vegano/79534-mulheres-movimento-vegano/>>, 2021

BADINTER, E (1985). **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno** Rio de Janeiro: Nova Fronteira

BARBOSA, M; BOSI, M. Vínculo: um conceito problemático no campo da saúde coletiva.

Revista Phisys. V.27, n.4, 2017

BARBOSA,P; COUTINHA, M. SER MULHER HOJE: A VISÃO DE MULHERES QUE NÃO DESEJAM TER FILHOS. **Psicologia & Sociedade;** 24(3), 2007

BEAUVOIR, S. **Le Deuxième Sexe.** Gallimard, Paris, 1949, vol II, 1949

BEE, H. **A criança em desenvolvimento.** 9ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2003

BENNEY, N. *Allo f one flesh: the rights of animals.* In: ADAMS, C. **Reclaim the Earth: women speak out for life on Earth.** London: the women’s press, 1983

BENTO, O. “e foi então que eu me entendi mulher”: o olhar negro-feminino sobre a opressão interseccional de gênero, raça e sexualidade. **Revista Crioula.** N. 24, 2019

BERGAMO, R. **Instagram.** Disponível em <https://analisa.io/profile/rara.vegan>, 2022

BERNARDES, M **Uma reflexão inicial sobre feminismo na internet: gênero e corpo.** 2014

BETTO, F. A Fome como questão política. **Revista Estudos Av.** V. 17. N. 48, 2003

BLUWOL, D. **Veganismo e Ecoveganismo: conceitos fundamentais.** Disponível em: http://ecoveganismo.blogspot.com/2018/08/veganismo-e-ecoveganismo-conceitos_10.html. 2018

BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR,** Umuarama, v. 22, n. 1, p. 105-117, 2002

BOURDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. In: _____. **Questões de sociologia.** Lisboa: Fim de século, 2007

BOSI, A. Dos açougues aos frigoríficos: uma história social do trabalho na produção de carne, 1750 a1950. **Revista de História Regional.** 21p, 2014

BOWLBY, J. **Apego e perda** (Vol. 1). São Paulo: Martins Fontes, 2004

BRASIL **Programa de alimentação do trabalhador.** Disponível em < <https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/servicos/empregador/programa-de-alimentacao-do-trabalhador-pat>> 2022

BRAUN, J. **Quarentenas e restrições reduzem poluição na Itália, China e em NY.** Disponível em <https://veja.abril.com.br/mundo/quarentenas-e-restricoes-reduzem-poluicao-na-italia-china-e-em-ny/>,2020

BROPHY, B. Os direitos dos animais. **Don’t never forget: collected collard.** Nova York: Holt. P. 15-21, 1996

BUZATO, M.; SEVERO, C. Apontamentos para uma análise do poder em práticas discursivas e não-discursivas na WEB 2.0. **Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos DO SUL,** v. 9, 2010

CAETANO, E. As contribuições da TAA- Terapia Assistida por Animais à Psicologia (**Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia**). Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC, Criciúma, 2010

CAMARGO, F; HOFF, T. **Erotismo e mídia**. São Paulo: Expressão e Arte, 2002

CAMPOS, L; MACHADO, L. COMPETIÇÃO POLÍTICA E DESIGUALDADES DE GÊNERO NAS ELEIÇÕES PARA ASSEMBLEIAS ESTADUAIS EM 2018. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**. V.10, n. 2, 2019

CARMO, I. Viva o feminismo vegano: gastropolíticas e convenções de gênero, sexualidade e espécie entre feministas jovens. **Dissertação**. Salvador: UFBA, 2013

CARMO, Í. “‘Fiz do meu corpo a revolução’: gastropolíticas e contestações de gênero, sexualidade e espécie”. In: COLLING, L. (org.). **Dissidências sexuais e de gênero** 1.ed. Salvador: EDUFBA, 2016

CARMO, I. O PERIGO DAS DOBRAS: ICONOGRAFIAS E CORPORALIDADES NO FEMINISMO CONTEMPORÂNEO. **sociol. antropol.** | rio de janeiro, v.08, 2018

CARVALHO, L. A Educação Ambiental e a formação de professores. in: **Panorama da Educação Ambiental no Ensino Fundamental**. Brasília: MEC, 2009

CASSIRER, E. **Linguagem e mito**. 3. ed. Coleção Debates. São Paulo: Perspectiva, 1992

CASTANEDA, M. O machismo invisível. São Paulo: A Girafa, 2006

CAVALCANTI, F.; COSTA, V. A vaca e a grande cadeia do ser: pensamento metafórico, linguagem e cultura. In: FERRARI, L.; ALVARO, P. **Linguística Cogniiva: linguagem, pensamento e cultura**. Campos dos Goytacazes: Editora Brasil Multicultural, 2017

CEE ONU declara meio ambiente limpo, saudável e sustentável como direito humano. Disponível em < [CODO, W. Um diagnóstico do trabalho \(em busca do prazer\). In A. Tamayo, J. Borges-Andrade & W. Codo \(Eds.\), **Trabalho, organizações e cultura** \(pp. 21-40\). São Paulo, SP: Cooperativa de Autores Associados, 1997](https://cee.fiocruz.br/?q=ONU-declara-meio-ambiente-limpo#:~:text=ONU%20declara%20meio%20ambiente%20limpo%2C%20saud%3%A1vel%20e%20sustent%3%A1vel%20como%20direito%20humano,-Compartilhe&text=Todas%20as%20pessoas%20no%20planeta,final%20de%20julho%20(28).> 2022</p>
</div>
<div data-bbox=)

COLVARA,B; VIEIRA, S. Comida e informação para todos: as redes sociais podem contribuir para a aprendizagem social do sujeito?. **Revista Rotura**. V. 2, n.1, 2022

CONAB. Brasileiros comem quase tanta carne como os americanos. Disponível em< [CONTRERAS, J. La obesidad: una perspectiva Sociocultural. **Formación Continuada en Nutrición y Obesidad**, v. 5, n. 6, p. 275-86, 2002](https://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/pecuaria/brasileiros-comem-quase-tanta-carne-como-americanos--mas-so-na-aparencia-4g3fcb1sxnvrmmmit6uao4jhn/>, 2019</p>
</div>
<div data-bbox=)

COSTA, M; LOPES, M. Elementos de integralidade nas práticas profissionais de saúde a mulheres rurais vítimas de violência. **Rev Esc Enferm USP**. V. 46, N. 5, 2012

CORREIO BRAZILIENSE. **Revista britânica elege brasileira como melhor cozinheira do mundo.** Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2014/04/26/interna_diversao_arte,424821/revista-britanica-elege-brasileira-como-melhor-cozinheira-do-mundo.shtml> 2014

COSTA, C. S. L. da; CIA, F.; BARHAM, E. J. Envolvimento materno e desempenho acadêmico: comparando crianças residindo com a mãe com ambos os pais. **PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL.** Campinas: ABRAPEE, v. 11, nº 2, 2007

CFN **título de especialista.** Disponível em <https://www.cfn.org.br/index.php/faq-items/titulo-de-especialistas/>, 2015

CHON, K E SPARROOW, R. **Hospitalidade: conceitos e aplicações.** Rio de Janeiro. Editora Senac , 2003

CIRINO, S; CASTRO, B. Revista íntima de mulheres visitantes em presídios: vidas normativamente não humanas. **Revista Estudos Feministas.** v. 30 n. , 2021

CISNE, M. Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais. **Serv. Soc. Soc.,** São Paulo, n. 132, p. 211-230, 2018

COUTINHA, E., et al. Gravidez e parto: O que muda no estilo de vida das mulheres que se tornam mães?. **Rev. esc. enferm.** USP 48, 2012

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas,** v.10, n.1, 2002

CRUZ, D (2019). **Como fazer amigos veganos.** Disponível em , <https://jornadavegana.com/a-importancia-de-fazer-amigos-veganos/>, 2019

CURIEL, O. Construindo metodologias feministas desde o feminismo decolonial. In: Melo, P. **Descolonizando o Feminismo.** Apresentado na VII semana de reflexões sobre negritude, gênero e raça no instituto federal de Brasília, 2010

CYFER, I. LIBERALISMO E FEMINISMO: IGUALDADE DE GÊNERO EM CAROLE PATEMAN E MARTHA NUSSBAUM. **Rev. Sociol. Polít.,** Curitiba, v. 18, n. 36, 2010

DAVIDSON, M. **Repensando o veganismo.** São Paulo, 2021

DAVIS, A. The 27th Annual Empowering Women of Color Conference. Pauley Ballroom. University of California. 2012. (**Comunicação oral**). 2012

D'EAUBONNE, F. **O Feminismo ou a morte.** Paris: Pierre Horay.1974

DIÁRIO DO NORDESTE. Mercado da miséria: frigoríficos vendem ossos de primeira e de segunda na periferia de Fortaleza. Disponível em <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/mercado-da-miseria-frigorificos-vendem-ossos-de-primeira-e-de-segunda-na-periferia-de-fortaleza-1.3151320>>, 2021

DONOVAN, J. Animal rights and feminist theory. **Signs: Journal of Women in Culture and Society,** v. 15, n. 2, 1990

DUARTE, R;ROCHA, C;DIAS, J. Efeitos da Pandemia da Covid-19 no Meio Ambiente: Uma Breve Revisão Crítica. **Fórum Ambiental da Alta Paulista**.V.17, N. 4, 2021

ECYCLE (2021). **Antropoceno**. Disponível em <<https://www.ecycle.com.br/antropoceno/>>, 2021

Erichsen, L. (2020). **A Carne e o Mar: O Matadouro da Praia de Santa Luzia (1777-1853)**. *Historia Ambiental Latinoamericana Y Caribeña (HALAC) Revista De La Solcha*, 2020

ELSTER, J. **Psychologie Politique** (Veyne, Zinoviev, Tocqueville) Paris, Les Éditions de Minuit, 1990

EMBRAPA. Brasil: o maior produtos de grãos e exportador de carne bovina. Disponível em <<https://www.udop.com.br/noticia/2021/06/02/brasil-e-o-4-maior-produtor-de-graos-e-o-maior-exportador-de-carne-bovina-do-mundo-diz-estudo.html>>, 2020

EMBRAPA. **Nasa confirma dados da Embrapa sobre área plantada no Brasil**. Disponível em <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/30972114/nasa-confirma-dados-da-embrapa-sobre-area-plantada-no-brasil>>, 2021

ESPING-ANDERSEN, G. **The Three Worlds of Welfare Capitalism**. Oxford: Polity Press, 1990

ÉSTER, C. **Mulheres que correm com os lobos**. São Paulo: Rocco, 2018

FACEBOOK. **FeminiVegan**. Disponível em <<https://www.facebook.com/FeminiVegan/>>, 2022

FARACO, C. Interação Humano-Cão: o social constituído pela relação interespécie. Porto Alegre: PUCRS, 2008. Tese (**Doutorado em Psicologia**), Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008

FAZENDA DO FUTURO. **Página Principal**. Disponível em <https://www.fazendafuturo.io/>, 2022

FEAC. **Fome dispara em 2020 e atinge mais de 800 milhões de pessoas**. Disponível em <<https://feac.org.br/fome-dispara-em-2020-e-atinge-mais-de-800-milhoes-de-pessoas-aponta-onu/#::~:~:text=Segundo%20o%20documento%20O%20estado,milh%C3%B5es%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20a%202019>>, 2021

FELÍCIO, P. Padronização e nomenclatura dos cortes cárneos. **Revista Visão Agrícola, Campinas**, n.3, 103-106p, 2013

FELIPE, S. **Carnelatria: escolha omnis vorax mortal**. São José: Editora Ecoânima 2014

FEREIRA, M. Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. **Revista Temas em Psicologia**. V. 12, n.2, 2004

FERNANDES, C. **"Política do Café com Leite"; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/politica-cafe-com-leite>, 2022

FERNANDES, V **O Brasil tem a culinária mais popular no Instagram.** Disponível em <https://www.panrotas.com.br/destinos/comer-e-beber/2020/10/brasil-tem-a-culinaria-mais-instagramavel-do-mundo_177246.html>, 2020

FERNANDES, A. A interseção entre o veganismo e o feminismo. **Revista Discente Planície Científica**, v. 2 n.1, 2020

FERNÁNDEZ, L. **Hacia mundos más animales. Una crítica al binarismo ontológico desde los cuerpos no humanos.** Madrid: Ochodoscuatro ediciones. 2018

FERRIGNO, M. Veganismo e libertação animal: um estudo etno-gráfico. Dissertação de Mestrado. Universidade de Campinas/SP. **Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.** São Paulo. 2021

FERRIGNO, M. Veganismo e libertação animal: um estudo etnográfico. **Dissertação de Mestrado.** Universidade Estadual de Campinas, 2012

FIORIN, P; OLIVEIRA, C; DIAS, A. Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. **Revista Brasileira de Orientação Profissional** jan.-jun. 2014, Vol. 15, No. 1, 2014

FOLHA DE PERNAMBUCO **Mulheres na cozinha: a luta pelo espaço feminino na gastronomia.** Disponível em <<https://www.folhape.com.br/sabores/mulheres-na-cozinha-a-luta-pelo-espaco-feminino-na-gastronomia/175183/>> 2021

FOUCAULT, M **Vigiar e punir: nascimento da prisão;** tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987

GARRINI, S. Do corpo desmedido ao corpo ultramedido: reflexões sobre o Corpo Feminino e suas Significações na Mídia Impressa. In: **Anais V Congresso Nacional de História da Mídia.** 2007

GARY E FRASER. Laticínios, soja e risco de câncer de mama: esses leites confusos. **International Journal of Epidemiology** , Volume 49, Edição 5, 2020

GERMOV, J; WILLIAMS, L. **A sociology of food and nutrition.** Oxford: University Press, 1999

GHISLINI, P; LUCAS, D **EU-PELE: O CORPO FEMININO COMO LUGAR DE SIGNIFICAÇÃO E EMPODERAMENTO DA MULHER.** **Seminário Salão do conhecimento.** 2016

GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6º edição. São Paulo: editora Atlas, 2008

GONÇALVES, C. **Os (des)caminhos do meio ambiente.** São Paulo: Contexto, 1989

GONZÁLEZ, A. (2015) Una lectura deconstructiva del régimen carnofalocéntrico. Hacia una ética animal de la diferencia. **Revista Internacional de Filosofía.** Disponible en: <http://dx.doi.org/10.6018/daimon/221121>, 2015

GOOGLE **O que é vegano?** Disponível em https://www.google.com.br/search?q=o+que+%C3%A9+vegano&sxsrf=AJOqlzVuGD_1aQJiqYZhBI4m2AK4cp3RYA%3A1678626904610&source=hp&ei=WNANZJnpIvaG5OUPi-CKwAw&iflsig=AK50M_UAAAAAZA3eaH1m876ycmw_oPK1rbCPTPXmZhMm&ved=0ahUKEwiZ9e3CvNb9AhV2A7kGHQuwAsgQ4dUDCag&uact=5&oq=o+que+

https://www.youtube.com/watch?v=i8SjvHhSQmk&t=1s&ab_channel=TemperoDrag, 2022

GUADAGNUCCI, J.; PARRA, N.; GROHMANN, R. Os Reflexos do sexismo e do especismo na mídia. In: **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Rio de Janeiro, 2015

HACKMAN, J., OLDHAN, G. Development of job diagnostic survey. *Journal of Applied Psychology*, V. 60. N. 2, 1975

G1. **Beagles e Instituto Royal.** Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2013/10/ativistas-invadem-e-levam-caes-de-laboratorio-suspeito-de-maus-tratos.html>

>, 2013

HALL, D. T. *Careers in and out of organizations*. London: Sage, 2002

HALKIER, B. Cozinha adequada? Performances e Posicionamentos em Práticas Culinárias entre Mulheres Dinamarquesas. **Food Culture and Society An International Journal of Multidisciplinary Research** V.12, N. 3, 2009

HARAWAY, D.; AZERÊDO, S. Companhias multiespécies nas naturezaculturas: uma conversa entre Donna Haraway e Sandra Azerêdo. In: MACIEL, M. (Org.). **Pensar/escrever o animal: ensaios de zopoética e biopolítica**. Florianópolis: EdUFSC, 2011, p. 389-417, 2011

HARAWAY, D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte** v. 3 - N. 5, 2016

HELDMAN, C. **Sexual Objectification. Part 1: What is it?** Disponível em:

<https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1169-2.pdf>, 2012

HERCULANO, S. O clamor da justiça ambiental e contra o racismo ambiental. **Revista Interfaces**. V.3, n.1, 2006

HEREDIA, B; PALMEIRA, M; LEITE, S. Sociedade e Economia do "Agronegócio" no Brasil. **Rev. bras. Ci. Soc.** V. 25, N.74, 2010

HERNÁNDEZ, J. C.; ARNÁIZ, M. G. **Alimentación y Cultura – Perspectivas antropológicas**. Barcelona: Ariel, 2005

HODSON, D. Time for action: science education for an alternative future. **International Journal of Science Education**, v. 25, n. 6, 2003

HUNTY. (2021) **Vídeo ações contra o fim do mundo.** Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=i8SjvHhSQmk&t=1s&ab_channel=TemperoDrag>, 2021

IBOPE. **Pesquisa do IBOPE aponta crescimento histórico no número de vegetarianos no Brasil.** Disponível em: <https://www.svb.org.br/2469-pesquisa-do-ibope-aponta-crescimento-historico-no-numero-de-vegetarianos-no-brasil>. Acesso em: 27 de junho de 2021, 2018

INSTAGRAM **Sapa Vegana.** Disponível em < <https://www.instagram.com/sapavegana/>>, 2021

IPEA. **Brasil tem 1,5 milhões de motoristas e entregadores de produtos.** Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-05/ipea-brasil-tem-15-milhao-de-motoristas-e-entregadores-de-produtos#:~:text=De%20acordo%20com%20dados%20de,de%20transporte%20para%20entregar%20produtos.>>>, 2021

JOB, F. O sentido do a importância da resiliência. FGV trabalho e, 2003

JOY, M. **Por Que Amamos Cachorros, Comemos Porcos e Vestimos Vacas: Uma Introdução Ao Carnismo.** São Paulo: Editora Curtrix, 2010

JUNGES, J. Ética ecológica: antropocentrismo ou biocentrismo?. **Revista Perspectiva Teológica.** n. 89, v. 33, 2001

KAPLAN, S. **Food and Gender: Identity and Power.** Nova York: Routledge, 1998

KEAN, H. **Animal Rights: Political and Social Change in Britain since 1800.** Londres: Reaktion Books, 1998

LEMOS, M. Ciberfeminismo: novos discursos do feminino em redes eletrônicas. **Dissertação (Mestrado)** - Mestrado em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009

LENEMAN, L. The awakened instinct: vegetarianism and the women's suffrage movement in Britain. **Women's History Review**, v. 6, n. 2, 1997

LESSA, P. Sexismo, especismo e racismo: a produção de sentidos em discursos de campanhas de cerveja In: Cardamelo, A et al. **Contornos de opressão: história passadas e presente das mulheres.** Caxias do Sul: EDUCS, 2016

LESSA, P.; GALINDO, D. [orgs] **Relações Multiespécies em rede: feminismos, animalismos e veganismo.** Maringá: Eduem, 2017

LEVAI, L. F. Ética ambiental biocêntrica: pensamento compassivo e respeito à vida. In: ANDRADE, S (org.). **Visão abolicionista: ética e direitos animais.** São Paulo:Libra Três, 2010

LEVAI, T. **Vítimas da ciência Limites éticos da experimentação animal.** 2ªed. São Paulo: Editora Mantiqueira, 2001

LIMA, T; STELLA, A. Percepção dos trabalhadores envolvidos na produção e abate de frangos de corte sobre o bem-estar animal. **Centro Cognitivo do Saber.** V. 13 n. 32, 2013

LIMA, K; PAIVA, C. O Referente Ausente e a Objetificação das Mulheres e dos Animais na Publicidade. Trabalho apresentado no **GP Comunicação para a Cidadania do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação,** 2016

LIMA T. **Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX.** An Mus Paul. 1998 jan./dez.;3:129-91:161, 1998

- LONDERO, D. “Você é aquilo que você come”: o veganismo enquanto estilo de vida e ativismo político. **Mestrado em Ciências Sociais**. 2019
- LOPES, R **Mulheres representam apenas 12% do efetivo da Polícia Militar no Brasil**. Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/08/mulheres-representam-apenas-12-do-efetivo-da-policia-militar-no-brasil.shtml>> 2020
- LOURENÇO, A. et all. A “objetificação” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos. **XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vila Velha**, 2014
- LOUREIRO, P. **As mulheres não enxergam a sistemática que as oprime**. Disponível em < <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2013/03/2018as-mulheres-nao-enxergam-a-sistemática-que-as-oprime2019-avalia-especialista/>> 2013
- LOURO, G. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 46, 2007
- LUEDY, L. Mercadoria e signo: notas sobre o abate industrial no Brasil hoje e alguns de seus marcadores expressivos. In: LESSA, P; STUBS, R; BELLINI, M. [orgs] **Relações Interseccionais em rede: feminismos, veganismos e animalismos**. Bahia: Editora Devires, 2019
- LUSTOSA, M. No Brasil, a fome tem rosto de mulher: nordestinas, mães, pretas e pardas. **Revista Brasil de Fato**. 2021
- MACEDO, R. **Terapia familiar no Brasil na última década**. São Paulo: Roca. 2008
- MACHADO, C. V.; LIMA, L. D. & BAPTISTA, T. W. F. Políticas de saúde no Brasil em tempos contraditórios: caminhos e tropeços na construção de um sistema universal. **Cadernos de Saúde Pública**, v.33, n.2, 2017
- MAGALHÃES, M; OLIVEIRA, J. Veganismo: aspectos históricos. **Revista de História de Ciências e das Técnicas e Epistemologia**. V.2 N.8, 2019
- MAKUCH, M. Maternidade e Formas de Maternagem desde a Idade Média à Atualidade. **Pensando Famílias**, v. 18, n.1, 2014
- MALUF, V; KAHHALE, E. MULHER, TRABALHO E MATERNIDADE: UMA VISÃO CONTEMPORÂNEA. **Revista Polêmica**. V.9, n.3, 2007
- MANNUCCI, A. Fazendo amigos. **Viver Mente e Cérebro**, n. 152, 2005
- MARCELINO, G. Feminismo, ponto de renovação do marxismo. **Revista Outubro**, n. 33, 2020
- MARTINS, L; FRIZZO, G; DIEHL, A. constelação da maternidade na gestação adolescente: um estudo de casos. **Psicol. USP**. V. 25, N. 3, 2014
- MARTINS, A. **O mito da “fragilidade” feminina**. Disponível em <https://agenciajovem.org/o-mito-da-fragilidade-feminina/>, 2021
- MARX, K. *Os manuscritos econômicos e filosóficos: Vol. 22. Textos filosóficos*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1993
- MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2021
- MELLO, S. **Trabalho doméstico: coisa de mulher? Debates feministas no Cone Sul (1970 – 1989)**. Rio de Janeiro: Ed. Multifoco, 2011
- MÉNDEZ, N. Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo. **Revista Mulher e trabalho**, v. 5, 2011

MÉNDEZ, C. L. Violencia en la pareja. Em H. Maturana; F. Coddou; H. Montenegro; G. Kunstmann e C. L. Méndez (Orgs.). **Violencia en sus distintos ambitos de expression** (pp. 23-38). Santiago: Dolmen Ediciones, 1995

MERCY. **O que você precisa saber sobre o leite.** Disponível em <<https://mercyforanimals.org.br/blog/o-que-voc-precisa-saber-sobre-o-leite-que/>> 2020

MIGUEL, R; MARX, D; ARNDT, G. Feminismos em rede no Brasil. Revista ex æquo. N. 42, 2020.

MINTZ, S. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 47, 2001

MIRAD, R. **Manual del Asado-maker Argentino.** Buenos Aires: Op.cit, 1991

MODEFICA. **3 Motivos Pelos Quais Pessoas Negras Não Se Engajam No Movimento Dos Direitos Dos Animais. E Por Que Elas Deveriam.** Disponível em <https://www.modifica.com.br/movimento-negro-direitos-animais/>, 2017

MONTEIRO, L; GARCIA, L. VEGANISMO, FEMINISMO E MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013

MORAES, E. **Passando a boiada rumo ao apocalipse climático: o Bolsonarismo e seus crimes contra a humanidade.** Disponível em <https://acasadevidro.com/passandoabojada/>, 2021

MORAES, L. Evolução da participação da mulher em cargos gerenciais. **Trabalho de Conclusão de Curso:** UFRGS, 2010

MORÉ, C. A. “Entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde. **Revista Investigação Qualitativa em ciências sociais.** V. 3, 2015

MOREIRA, R. ET AL. Terapia assistida com cães em pediatria oncológica: percepção de pais e enfermeiros. **Rev. Bras. Enferm.** V. 69, N.6, 2016

MOREIRA, R Sobre mulheres e polícias: a construção do policiamento feminino em São Paulo (1955-1964) . **Tese (Doutorado)** - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, 2011

MOYSES, L. **A autoestima se constrói passo a passo.** São Paulo: Editora Papirus, 2014

MST. **A invisibilidade da violência contra as mulheres do campo e das florestas.** Disponível em<<https://mst.org.br/2019/03/13/a-invisibilidade-da-violencia-contra-as-mulheres-do-campo-e-das-florestas/>>, 2019

MYERS, D. **Psicologia Social.**18º edição. Editora Mcgraw Hill, 2014

NERY, P. **Vínculo e Afetividade.** São Paulo: Editora Ágora, 2014

NERY, N. **RACISMO NO MOVIMENTO VEGANO.** Youtube, 20 mai. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0gOXmZqo6mY&ab_channel=N%C3%A1talyNeri, 2019

Nery, N. **Instagram.** Disponível em<<https://www.instagram.com/natalyneri/?hl=pt-br>>, 2022

NETFLIX **Guerra dos gladiadores**. Disponível em https://www.netflix.com/watch/81157840?trackId=255824129&tctx=0%2C1%2CNAPA%40%40%7C7fe0889b-7c2b-4272-9d7f-cca52f40ab97-66514933_titles%2F1%2F%2Fgladiadores%2F0%2F0%2CNAPA%40%40%7C7fe0889b-7c2b-4272-9d7f-cca52f40ab9766514933_titles%2F1%2F%2Fgladiadores%2F0%2F0%2Cunknown%2C%2C7fe0889b-7c2b-4272-9d7f-cca52f40ab97-66514933%7C1%2CtitlesResults%2C81157840%2CVideo%3A81157840, 2022

NETO, A. O Hinduísmo, o direito Hindu, o direito indian. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**, v. 104, 2009

NETO, S. Corpo, Cultura e Sociedade. In: NETO, Samuel de Souza (Org.). **Corpo para malhar ou para comunicar?** Editora Cidade Nova – São Paulo, 1996

NEVES, J. Estudo do significado psicanalítico da figura paterna. **IEPSI: Instituto de Estudos Psicoterapêuticos**, n. 3, 1982

NOBRE, M. AGROECOLOGIA E ECONOMIA FEMINISTA: TECENDO A SUSTENTABILIDADE DA VIDA. São Paulo: **Revista Neads**. v. 1 n. 1, 2020

NUNES, J. A pandemia de COVID-19: securitização, crise neoliberal e a vulnerabilização global **Cad. Saúde Pública**. V. 36, N. 5, 2020

OLIVEIRA, F. O lugar do cuidado na construção de um veganismo crítico-interseccional. Ceará: **Revista Planície Científica**. 2014

OMS. **Estudo global convocado pela ONU sobre a origem do SARS-COVID-19**. Disponível em <<https://www.who.int/publications/i/item/who-convened-global-study-of-origins-of-sars-cov-2-china-part>> 2021

OINQUE. **História**. Disponível em < <http://oinqueminipig.com.br/>>, 2021

ONU. **Fome cresce no mundo e atinge 9,8% da população global**. Disponível em <https://news.un.org/pt/story/2022/07/1794722#:~:text=O%20relat%C3%B3rio%20Estado%20da%20Seguran%C3%A7a,da%20pandemia%20de%20Covid%2D19>. 2022

ONUNews. **ONU aprova resolução sobre meio ambiente saudável como direito humano**. Disponível em <<https://news.un.org/pt/story/2022/07/1796682>>, 2022

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Editora Pontes, 2005

ORLANDI, E.P. **As formas do silêncio — no movimento dos sentidos**. 3 ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995

OUTRAMAMAS **Episódios**. Disponível em <<https://www.outasmamas.com.br/sobre>>, 2022

PASTORELLI, M. Aos 74 anos, Arnold Schwarzenegger adota dieta vegana e consegue controlar colesterol. **Revista Viva Saúde**. Disponível em <https://vivasaudedigital.com.br/esporte-e-lazer/aos-74-anos-arnold-schwarzenegger-adota-dieta-vegana-e-consegue-controlar-colesterol.phtml>, 2022

PEDROZO, Y. Veganismo: a interface de atuação entre o veganismo com atletas e feministas. **Monografia**. Porto Alegre: UFRGS, 2015

PEREIRA, C; GOMES, G; OLIVEIRA, V; LÉLIS, J. A comida (des)encantada: do fetiche mercadológico à cozinha de resistência 1. **Trabalho de Conclusão de Curso**. Brasília: Centro Universitário de IEBS, 2018

PEREIRA, L. O CONSUMO DE CARNE E A ÉTICA. **Revista UFPR**. V. 21, n. 1, 2020

PETZ. **Cachorro trabalhador**. Disponível em < <https://www.petz.com.br/blog/pets/caes/cachorro-trabalhador/>>, 2019

POLLAN, M. Nosso Transtorno Alimentar Nacional. **Revista The New York Times**. 2004

POULAIN, J-P. **Sociologias da Alimentação**. (Tradução de Rossana Pacheco da Costa Proença, Carmen Sílvia Rial e Jaimir Conti), Florianópolis: Série Nutrição, EDUFSC, 2004

PICCHI, V. **História, ciência e tecnologia na carne bovina**. São Paulo: Paco Editorial. 2020

PIRES, D; MOTA, M. TODO ESPAÇO É POLÍTICO: ATIVISMO DE MULHERES NAS REDES SOCIAIS. **Revista Docência e Cibercultura**. V. 4, n.2, 2020

PULEO, A. El hilo de Ariadna: ecofeminismo, animales y crítica al androcentrismo. In: VELAYOS, C.; et al. (Orgs.). **Feminismo ecológico: estudios multidisciplinares de género**. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca. 2007

RAGO, M. Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global. **Revista Estudos Feministas**, n. 3, 2003

RAGO, M. **Do cabaré ao lar. Utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985

RAMIREZ, N. El veganismo: Un estilo de vida que refuerza hábitos de consumo de forma más consciente e informada en los jóvenes centennials a través de estrategias publicitarias en Instagram. **Trabalho de Conclusão de curso**. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2021

REIS, I. As controvérsias da guarda compartilhada de animal de estimação após divórcio. **Instituto Brasileiro de Direito de Família**. 2022

REMY, C. **La fin des bêtes: Economica**, Paris, 2009

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019

RIBEIRO, C; CORÇÃO, M. O consumo de carne no Brasil: entre valores socioculturais e nutricionais. **Demetra: alimentação, nutrição e saúde**. V. 8, n.3, 2013

RODRIGUES, M. C. Vivências da maternidade tardia, cotidiano e qualidade de vida: A perspectiva do feminino [**Dissertação de mestrado não publicada**]. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2008

ROMANELLI, G. O significado da alimentação na família: uma visão antropológica. **Portal Revistas da USP**. V. 39. N. 3, 2006

ROSA, A. O FEMINISMO ANIMALISTA E(M) SUAS HUMANAS FESTAS. **Dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2017

ROSENDO, D. Ética sensível ao cuidado: Alcance e limites da filosofia ecofeminista de Warren. 2012. 153 f. **Dissertação** (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2012

ROSSI, A; CARNEIRO, J; GRAGNANI, J. **#EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos**. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>, 2018

SANTACATARINA **Política em Santa Catarina.** Disponível em ,
<https://www.pm.sc.gov.br/ambiental/paginas/historia-1> >, 2022

SAVICKAS, M. Life Design: A Paradigm for Career Intervention. **Century. Journal of Counseling and Development.** V. 90. N. 1, 2012

SBV. **Estimativa de Porcentagem de Vegetarianos e Veganos no Brasil.** Disponível em
 <<https://www.svb.org.br/vegetarianismo1/mercado-vegetariano>>, 2020

SCHLOSSBERG, N. A Model for Analyzing Human Adaptation to Transition. **The Counseling Psychologist,** V. 9, N. 2, 1981

SBV. **Vegetarianismo.** Disponível em < <https://www.svb.org.br/vegetarianismo1> >, 2015

SCAVONE, L. A maternidade e o feminismo: dialogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu.** 2001

SCHMIDT, S. Como e por que somos feministas. **Revistas Estudos Feministas.** V.12, 2004

SCHUCK, C; RIBEIRO, R. **Comento o Planeta.** Impresso por SBV. 2015

SCHULTE, N. Contribuições da ética ambiental biocêntrica e do veganismo para o design do vestuário sustentável. **Tese de Doutorado.** Rio de Janeiro. 2011

SCHWAN, T.; PAULA, N. Novas Profissões, Novos Desafios: Estudo das Competências do Chef de Cozinha. In: Anais **XXXIV Encontro da ANPAD** , Rio de Janeiro Disponível em:<<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/gpr1602.pdf>, 2010

SEBRAE. **Inteligência de mercado: produtos veganos estão em alta e podem render bons lucros.** Disponível em <<https://sebraeinteligenciasetorial.com.br/produtos/noticias-de-impacto/mei-produtos-veganos-estao-em-alta-e-podem-render-bons-lucros/5e4e8ccbefe9541a002ef83f>>, 2020

SEN, A. Desenvolvimento como liberdade. **Tese de Doutorado.** Faculdade de Economia do Porto, 2018

SILVA, J. **O mundo fome zero ainda é possível e o Brasil é exemplo.** Disponível em <[SILVA, C. L. **Inovação e sustentabilidade.** Curitiba: Aymarã Educação, 2012.](https://actbr.org.br/post/um-mundo-fome-zero-ainda-e-possivel-e-brasil-e-exemplo/17625/#:~:text=Com%20o%20Fome%20Zero%20e,em%20menos%20de%20dez%20anos.>, 2018</p>
</div>
<div data-bbox=)

SILVA, M. **Direitos animais: fundamentos éticos, políticos e jurídicos.** São Paulo: Editora Apeku, 2020

SILVA, M. Direitos aos animais sencientes perspectivas ética, política e jurídica a partir do conceito de direito em hart. **Tese de doutorado.** Universidade Federal de Santa Catarina, 2018

SILVA, M. KUHNEN, T. Direitos e cuidado para a proteção da autonomia prática de animais não humanos. **Revista Interthesis.** V.12, n.1, 2015

SILVIO, A. **Racismo Estrutural.** São Paulo: Editora Jandaíra, 2019

SMUTS, B. Barbara Smuts. Pp. 128-145, in: COETZEE, John (ed.). **A vida dos animais.** Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

SINGER, P. **Ética prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1998

SINGER, P. **Libertação animal: o clássico definitivo sobre o movimento pelos direitos dos animais**. São Paulo: wmf Martins fontes, 2013

SOBRINHO, L. Desafios da sustentabilidade na era tecnológica: a proteção dos direitos humanos. **Trabalho de Conclusão de Curso**. UNIVALI: Itajaí, Santa Catarina, 2018

SOUZA, H. Plataforma da precarização: os conflitos na regulação jurídica do trabalho dos entregadores de aplicativos. São Paulo: **Revista Laborari**. Ano V, Número 8, 2022

SOUZA, R. Introdução ao veganismo interseccional: respondendo a 10 perguntas sobre essa forma amadurecida do veganismo. **Vegana Gente**. 2017

SOUZA, O. **O que você precisa saber para entender a crise na Terra Indígena Yanomami**. Disponível em < [SOUZA, E. **Movimento 'Vamos juntas?' une desconhecidas contra a violência**. Disponível em <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/08/movimento-vamos-juntas-une-desconhecidas-contra-violencia.html>, 2015](https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/o-que-voce-precisa-saber-para-entender-crise-na-terra-indigena-yanomami#:~:text=O%20territ%C3%B3rio%20yanomami%20foi%20um%20dos%20mais%20afetados.&text=Quando%20os%20ind%C3%ADgenas%20come%C3%A7aram%20a,%25%20(veja%20gr%C3%A1fico%20acima).> 2023</p>
</div>
<div data-bbox=)

SOUZA, L. A pandemia da COVID-19 e os reflexos na relação meio ambiente e sociedade. **Revista brasileira do meio ambiente**. V.8, n.4, 2020

STRAUSS, C. O Cru e o cozido. Editora Cosac Naify, 2004

SPITZ, R. **O primeiro ano de vida**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 1998

SULEMFOCO. **Primeira mulher a comandar unidade da Polícia Militar Ambiental em Maracajá assume o posto**. Disponível em < <https://www.sulinfoco.com.br/primeira-mulher-a-comandar-unidade-da-policia-militar-ambiental-em-maracaja-assume-o-posto/>> 2023

SVB. **Sociedade Vegetariana Brasileira** (SVB). Disponível em: <https://www.svb.org.br/svb/quem-somos>. Acessado em: 27 de junho de 2021, 2021

TAPAJOSDEFATO. **Dom Philips e Bruno Pereira, a morte de quem faz o papel que o estado deveria cumprir**. Disponível em < <https://www.tapajosdefato.com.br/noticia/849/dom-phillips-e-bruno-pereira-a-morte-de-quem-faz-o-papel-que-o-estado-deveria-cumprir-mata-um-pouco-mais-o-brasil-que-ja-conhecemos>> 2002

TAYLOR, C. A Política do reconhecimento. In: TAYLOR, C. **Argumentos Filosóficos**. São Paulo: Edições Loyola, 2000

TIBA, I. **Disciplina, limite na medida certa**. Editora Gente, 2002, 44ª Edição, 1996

TOMAZETTI, T. O feminismo na era digital e a (re) configuração de um contexto comunicativo para políticas de gênero. **Razón y palabra**, n. 90, 2015

TONON, R. **A Revolução das comidas: o impacto das nossas escolhas na mesa**. São Paulo: Todavia, 2021

TSE. **Eleições 2022: mulheres são a maioria do eleitorado brasileiro**. Disponível em <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Julho/eleicoes-2022-mulheres-sao-a-maioria-do-eleitorado-brasileiro>, 2022

UMSÓPLANETA. **COVID 19 e comida**. Disponível em < <https://umsoplaneta.globo.com/>>, 2021

UNE. **O que você precisa saber sobre a Conferência das Nações Unidas sobre mudança de clima**. Disponível em <<https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/reportagem/o-que-voce-precisa-saber-sobre-conferencia-das-nacoes-unidas>>, 2021

UOL. **Quem foi Doroth Stang?**. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/06/15/quem-foi-dorothy-stang-luta-pelas-terras-continua-mais-viva-do-que-nunca.htm>>, 2022

VARQUEZ, G. Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural,.**Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.3, nº6, 2014

VEGANBUSINES. **Empresas procuram selo vegano**. Disponível em <<https://veganbusiness.com.br/empresas-vegan-procura-por-selo-vegano-cresce-16/>>, 2021

VEGANBUSINESS. **Pandemia fez mais pessoas aderirem ao veganismo**. Disponível em <<https://veganbusiness.com.br/pandemia-fez-mais-pessoas-aderirem-ao-veganismo/>>, 2021

VELOSO, E. Diferentes gerações e percepções sobre carreiras inteligentes e crescimento profissional nas organizações. **Rev. bras. orientac. prof** vol.13 no.2, 2012

VERONKA, A. **Mulheres nas eleições brasileiras: onde se encontram?** Disponível em < <https://www.politize.com.br/mulheres-nas-eleicoes>>, 2022

VIEIRA, M. QUANDO MORRE O ANIMAL DE ESTIMAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE LUTO. **Psicologia em revista**.v.25, n.1, 2019

VILELA, D. ATIVISMO VEGANO, SENSIBILIZAÇÃO E EMOÇÕES: NOTAS SOBRE O “MC DIA INFELIZ”. **Revista Vivência**. N.49, 2017

WEISSHEIMER, M . **Todas as opressões estão conectadas. Veganismo é uma extensão lógica da luta anti-opressão**. Disponível em: < <https://sul21.com.br/noticias/entrevistas/2018/04/todas-as-opressoes-estao-conectadas-veganismo-e-uma-extensao-logica-da-luta-anti-opressao/>>, 2018

WRANGHAN, R. **Pegando fogo: Porque cozinhar nos tornou humanos**. São Paulo: Zahar, 2009

WVEGAN. **Porque não devemos tomar leite**. Disponível em< <https://www.wvegan.com.br/porque-nao-devemos-tomar-leite/>>, 2021

YOUTUBE. **Final Masterchef Brasil**. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=WdxdLqf50kE&ab_channel=MasterChefBrasil, 2021

YOUTUBE. **Canal Nataly Neri**. Disponível em <https://www.youtube.com/@NatalyNeri>, 2022

YOUTUBE. **Discurso Auguste Escoffier**. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=2QBp1LgeeCU&ab_channel=CanalArte1, 2020

YOUTUBE. O Chef dos reis e o rei dos chefs. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9JMBWTn5HL8&ab_channel=HIST%C3%93RIASDOMUNDO>, 2020

YUNES, M;GARCIA, N; ALBURQUERQUE, B. Monoparentalidade, pobreza e resiliência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. V.20,n.3, 2020

ZAMBERLAN, L., FROEMMING, L. M. S., ZAMIN, M., SPAREMBERGER, A., BUTTENBENDER, P. L., & SCARTON, L. M. **Do churrasco à Parrilla: um estudo sobre a influência da cultura nos rituais alimentares de brasileiros e argentinos**. *XXXIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, 2009

ZIMERMANN, D. **Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas**. Porto Alegre: Artmed, 2010

APÊNDICE A

Instrumentos:

Roteiro da
Entrevista:

1. O que significa ser vegana para você?
2. Há quanto tempo você se considera vegana?
3. Quais foram as razões para você transicionar para o veganismo?

Sobre as mudanças psicossociais após a transição para o veganismo:

4. Você tem costume de acompanhar estudos e notícias sobre o meio ambiente/causa animal? Aumentou esta procura após realizar a sua transição para o veganismo? Por que?
5. Você percebeu alguma mudança na relação que você tem com o seu próprio corpo após se tornar vegana? Tanto em relação à sua saúde física quanto ao seu porte físico? Quais?
6. Após fazer a transição para o veganismo, você inseriu no seu trabalho questões sobre este movimento? Quais foram? E se não inseriu, seus colegas de trabalho sabem sobre a transição? Como eles reagiram? (Antes perguntar qual é a área que a entrevistada trabalha.)
7. Em relação aos seus relacionamentos de amizades, houve alguma mudança após você se tornar vegana? Se sim, quais mudanças você percebe?
8. Em relação às suas relações amorosas e familiares. Mudou algo após a transição para o veganismo? Como estas pessoas reagiram com suas modificações na alimentação e uso de utensílios?
9. Você se considera feminista?
10. Para você, há relação entre o veganismo e o feminismo? Como você faz essa relação?
11. Mudou sua forma de se relacionar com o movimento feminista após se tornar vegana?
12. Você percebeu outras mudanças em outros âmbitos da sua vida que não foram mencionados?
13. Tem mais alguma coisa que você gostaria de adicionar na entrevista?

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
NÚCLEO DE ESTUDOS E AÇÕES EM GÊNERO, EDUCAÇÃO,
MÍDIA E SUBJETIVIDADE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezada:

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa intitulada **Entre o especismo e o sexismo: mudanças psicossociais vivenciadas por mulheres veganas**, que tem como objetivo compreender as possíveis mudanças psicossociais vivenciadas por mulheres após se tornarem veganas. Esse estudo faz parte de um projeto de pesquisa para dissertação de mestrado da aluna Marcele Rublescki Silveira Bressane, sob orientação da professora Dra. Raquel de Barros Pinto Miguel, vinculada ao Núcleo de Estudos e Ações em Gênero, Educação, Mídia e Subjetividade (NUGEMS) do departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

A sua participação ocorrerá de forma totalmente **voluntária** e não remunerada, por meio do consentimento em entrevistá-la através de um roteiro de perguntas relacionadas ao tema da pesquisa. As entrevistas serão realizadas individualmente em um local fechado, a fim de garantir o sigilo das informações, e serão registradas através de gravação e anotações realizadas pela pesquisadora. A escolha de data, local e horário será previamente combinado com a participante, buscando facilitar seu acesso a pesquisa. O tempo estimado de duração é de aproximadamente 1 hora e trinta minutos.

Toda e qualquer informação que possa lhe identificar será mantida em **absoluto**

sigilo, sendo que a quebra involuntária do sigilo será tratada conforme legislação legal vigente. Fica resguardada a sua liberdade de recusar-se ou cancelar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem a apresentação de qualquer justificativa e sem penalidade alguma, conforme preveem as normas da Resolução nº466 de 12 de Dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde.

A legislação brasileira não possibilita quaisquer pagamentos referentes à participação em pesquisas, contudo todo e qualquer custo decorrente da participação na entrevista (deslocamento, alimentação, etc) serão ressarcidos em espécie pela pesquisadora com verba de recurso próprio.

Devido ao caráter subjetivo da pesquisa, é possível que ao longo da entrevista você possa sentir-se mobilizada emocionalmente, ou sob situação de desconforto ao seu bem-estar. Nesse caso, a pesquisadora estará disponível para acolher as demandas que surgirem, bem como indicar os devidos encaminhamentos, caso necessário. Acredita-se que na maior parte dos casos a participação na pesquisa por meio da entrevista trará benefícios às participantes, pois promoverá reflexões sobre suas experiências.

Esse documento tem o valor jurídico de um contrato, e deverá ser assinado em duas vias de igual valor por você e pela pesquisadora, e uma das vias ficará com você. O documento respeitará as normas da Resolução nº466 de 12 de Dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, e as pesquisadoras se comprometem a cumprir as normas dessa resolução.

Se você tiver alguma dúvida ou necessidade de algum esclarecimento sobre o trabalho que será realizado, entre em contato com o NUGEMS e/ou com a pesquisadora pelo fone: (48) 99168-5313 / ou via e-mail pelo: marcele.bressane@hotmail.com. Você poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UFSC pelo telefone (48) 3721-6094 ou ainda diretamente no prédio da Reitoria II, 4º andar, sala 401 na rua Desembargador Vitor Lima nº 222, bairro Trindade, Florianópolis. O projeto possui aprovação do CEPESH/UFSC e atende à resolução 466/2012 e suas complementares.

Pesquisadora responsável: Prof. Dra. Raquel Barros Pinto Miguel.

Pesquisadora principal: Marcele Rublescki Slveira Bressane
(Mestranda/UFSC)

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Endereço Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPSH: Universidade Federal de Santa Catarina, Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, sala 401, Trindade – Florianópolis. Email: cep.propesq@contato.ufsc.br. Telefone: 3721-6094

Os resultados da presente pesquisa serão divulgados às participantes que tiverem interesse, após a defesa da dissertação, em data a ser agendada.

Eu,....., considero-me

informada sobre a pesquisa **Entre o especismo e o sexismo: mudanças psicossociais vivenciadas por mulheres veganas**, realizada pelo grupo de pesquisadores da UFSC e autorizo o registro das informações fornecidas por mim, em forma oral, registrada em gravações, para utilização integral ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a leitura de tais informações por terceiros, ficando vinculado o controle e guarda das mesmas a Marcele Rublescki Silveira Bressane, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina e professora Raquel de Barros Pinto Miguel, pesquisadora responsável da investigação.

Florianópolis, ____/____/____

Assinatura da Participante

Assinatura da Pesquisadora

Caso você tenha interesse em receber os resultados da pesquisa, por favor, informe seu contato para o envio da devolutiva.
